UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS
MESTRADO ACADÊMICO

MÔNICA DO CARMO APOLINÁRIO DE OLIVEIRA

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: A INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NA IDENTIDADE CULTURAL NO MUNICÍPIO DE JI-PARANÁ - RO

Porto Velho
2015

MÔNICA DO CARMO APOLINÁRIO DE OLIVEIRA

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: A INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NA IDENTIDADE CULTURAL NO MUNICÍPIO DE JI-PARANÁ - RO

Dissertação apresentada como parte do requisito de aprovação no Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais - Mestrado Acadêmico da Universidade Federal de Rondônia.

Orientador: Profº. Drº. José Lucas Pedreira Bueno.

Linha de pesquisa: Culturalidades Amazônicas.

Porto Velho
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

O48f

Oliveira, Mônica do Carmo Apolinário.
Fotografia e Memória: a influência da religiosidade na Identidade Cultural no Município de Ji-Paraná – RO/ Mônica do Carmo Apolinário de Oliveira, Porto Velho 2015.

141f.: il.

Orientador: Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno

Dissertação (Mestrado em História e Estudos culturais) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

1.Fotografia. 2. Memória. 3. Religiosidade. 4. Identidade Cultural. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

CDU: 930.85(811.1)

Bibliotecária responsável: Cledenice Blackman - CRB11/907

MÔNICA DO CARMO APOLINÁRIO DE OLIVEIRA

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: A INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NA IDENTIDADE CULTURAL NO MUNICÍPIO DE JI-PARANÁ - RO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia, na linha de pesquisa Culturalidades Amazônicas, como requisito para obtenção do título de Mestre em História e Estudos Culturais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. José Lucas Pedreira Bueno,
Dr. Orientador/presidente - UNIR

Profª. Lilian Maria Moser
Drª. Membro Interno - UNIR

Prof. Robson Fonseca Simões,
Dr. Membro Externo

Prof. Alexandre Pacheco,
Dr. Membro Suplente - UNIR

Porto Velho

2015
DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a **Reinaldo Apolinário de Oliveira** (in memoriam). Irmão, amigo, gênio. Nosso sonho concretizado. Novos sonhos a caminho.

Saudade sem fim, mano!

AGRADECIMENTOS

Nada foi fácil, nem tampouco tranquilo. “A sola do pé conhece toda a sujeira da estrada” (provérbio africano). Mas também não estive sozinha nesta caminhada. Sem eles, não haveria caminhada, nem tampouco, vitória.

Gostaria de agradecer inicialmente ao professor **José Lucas Bueno**, que considero um excelente professor e orientador e, acima de tudo, agradeço pela liberdade e confiança referente ao presente trabalho. Exigente, na medida certa! Mas também dono de uma criticidade ímpar, sutilmente irônico e muito competente. Qualidades que encantam e inspiram. Obrigado por acreditar no meu trabalho.

Agradeço também aos professores **Robson Fonseca** e **Lilian Moser**, que aceitaram compor a banca de qualificação e defesa, pelas sugestões e análises significativas às quais sempre busquei atender e que deram maior credibilidade ao estudo.

Agradeço, com os olhos repletos de lágrimas, a meus pais, **Geraldo Apolinário** e **Maria Aparecida Abreu.** Meu infinito agradecimento. Sempre acreditaram em minha capacidade e me acham A MELHOR de todas, mesmo não sendo. Isso só me fortaleceu e me fez tentar, não ser A MELHOR, mas a fazer o melhor de mim. Obrigada pelo amor incondicional!

A meu querido esposo, **Rogger Sidne**, por ser tão importante na minha vida. Sempre a meu lado, me fazendo acreditar que posso mais que imagino. O seu companheirismo, amizade, paciência e amor sempre estão presentes na minha caminhada. Valeu mozão!

À pequena/grande **Giulia Apolinário,** que motiva todas as minhas conquistas. Sempre tão parceira, tão compreensiva e bem humorada. Todas as vezes que me via estudando, corria até seu quarto, pegava um livro e se colocava ao meu lado. Vez ou outra me dizia: - Mamãe, quer água, suco ou um lanchinho? Vejam só, ela é quem cuida de mim. Inspira-me a querer ser mais que fui até hoje!

Não poderia deixar de agradecer minha “irmã do coração” **Nega Paula**. Não esquecerei jamais, as caronas na madrugada até a rodoviária e as incontáveis vezes que levou minha pequena Giulia na escola, para que eu pudesse hoje realizar este sonho. Obrigada maninha, pelo amor e cumplicidade. Te adoro Nega!

Agradeço o patrocínio da Gráfica HR Digital, que imprimiu os exemplares da qualificação, defesa e texto final desta dissertação.

Por último, e não menos importante. Agradeço a **Deus**! Essa força divina que encoraja os homens, que os torna melhores. Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

OLIVEIRA, M.C.A. **Fotografia e Memória: A influência da Religiosidade na Identidade Cultural no município de Ji-Paraná** - RO 141f. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) - Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais, Porto Velho, 2015.

RESUMO

Considerando a religiosidade como mecanismo de construção cultural e os álbuns fotográficos como lugares de memória, o presente estudo teve como objetivo geral: Investigar na memória de Ji-Paraná a influência da religiosidade na construção da identidade cultural, a partir das representações fotográficas. Para atingir tal objetivo, delineou-se a pesquisa por meio dos seguintes objetivos específicos: (i) Estudar a relação entre memória, fotografia, religiosidade e Identidade Cultural, amparando-se na discussão bibliográfica. (ii) Analisar as representações fotográficas presentes na memória de Ji-Paraná que retratam a influência religiosa na construção da Identidade Cultural. Por apresentar uma temática interdisciplinar a discussão bibliográfica, baseia-se em antropólogos, sociólogos e historiadores, além de cronistas, memorialistas e fontes iconográficas. O estudo procura fugir das normas e padrões ligados a doutrinas teológicas, analisando como a religiosidade é incorporada pelos diferentes grupos sociais na constituição Histórica do Município de Ji-Paraná, a partir dos documentos fotográficos. O presente estudo se caracteriza como sendo descritivo-exploratório e de abordagem qualitativa. Os documentos fotográficos analisados nesta pesquisa derivam da coleta de dados de dois projetos de pesquisa vinculados ao programa PIBIC EM, desenvolvidos no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia (IFRO) - campus Ji-Paraná, são eles: “A fotografia no ensino de História: a imagem vale mais que mil palavras” e “Fatos e fotos: análise iconográfica da História de Ji-Paraná”. O acervo fotográfico originou-se de arquivos e álbuns de família de imigrantes que participaram do processo de colonização da cidade de Ji-Paraná. O procedimento adotado para analise parte do elemento religioso evidenciado nas representações fotográficas para atingir a questão da identidade cultural. Assim, as fotografias coletadas e catalogadas estão ligadas a temática religiosa e sempre acompanhadas de informações originárias de depoimentos e entrevistas. O estudo dessas representações fotográficas buscou subsídios na Análise de Conteúdo (BARDIN,1979). Os resultados apontam que por meio dos documentos fotográficos é possível compreender a influência da religiosidade na formação identitária dos fiéis em Ji-Paraná, além de compor um elemento significativo para reconstituição da memória local. Dessa forma, conclui-se que a partir de um olhar mais perceptível podemos identificar e refletir sobre os comportamentos sociais, suas relações estéticas ou simbólicas, registradas pelas fotografias.

Palavras-chave: Fotografia. Memória. Religiosidade. Identidade Cultural.

OLIVEIRA, M.C.A. **Photography and Memory: The influence of the religiosity in Cultural identity at Ji-Paraná's city**- RO 141f. Dissertation (Master's in History and Cultural Studies) - Program of Postgraduate in History and Cultural Studies, Porto Velho, 2015.

ABSTRACT

Considering the religiosity as a cultural construction mechanism and the photographic albums as places of memory this study had as general goal: investigate in the Ji-Paraná's memory the influence of the religiosity in the construction of cultural identity, from the photographic representations. To achieve this goal, the research was guided by the following specific objectives: (i) To study the relationship between memory, photography, religiosity and cultural identity, basing on literature discussion. (ii) Analyze the photographic representations present in Ji-Paraná's memory that portray the religious influence in the construction of Cultural Identity. To present an interdisciplinary thematic the bibliographical discussion is based on anthropologists, sociologists and historians, besides chroniclers, memorialists and iconographic sources. The study attempts to get away from the norms and patterns related to theological doctrines, analyzing how religiosity is incorporated by different social groups in the historic constitution of Ji-Paraná's City, from photographic documents. This study is characterized as descriptive-exploratory and qualitative approach. The photographic documents analyzed in this research are derived from the collect of data from two research projects linked to PIBIC EM program, developed at the Federal Institute of Education, Science and Technology from Rondônia *(IFRO)* - Ji-Paraná's campus, they are: "Photography in history teaching: a picture worth more than thousand words" and "Facts and Photos: iconographic analysis of the history of Ji-Paraná". The photographic collection was originated from files and albums of immigrant family that took part on the colonization process of the Ji-Paraná's city. The proceedings chosen for the analysis come from the religious element shown in the photographic representations to reach the issue of cultural identity. Thus, the photographs collected and cataloged _ are linked to the religious theme and always accompanied by informations that were originated from testimonials and interviews. The study of these photographic representations sought to subsidies in the content Analysis(Bardin, 1979). The results show that through the photographic documents is possible to understand the influence of religiousness in the identity formation of the faithful at Ji-Paraná besides composing a significant element for reconstitution of local memory. This way, it is concluded that from a more noticeable view we can identify and reflect about the social behaviors, their aesthetic or symbolic relationships, recorded by the photographs.

Keywords: Photography. Memory. Religiosity. Identity Cultural.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: População aguardando a chegada do Presidente Geisel 55
Fotografia 2: Praça da Matriz Dom Bosco..... 60
Fotografia 3: Carreata de São Cristóvão..... 64
Fotografia 4: Vista aérea da Ilha do Coração..... 70
Fotografia 5: Os Zoró na Igreja..... 75
Fotografia 6: Catedral Dom Bosco..... 82
Fotografia 7: Igreja Assembleia de Deus..... 82
Fotografia 8: 1ª Igreja batista de Ji-Paraná 83
Fotografia 9: Igreja Cristã do Brasil de Ji-Paraná..... 83
Fotografia 10: Culto para lançamento da pedra fundamental da Igreja Batista..... 88
Fotografia 11: Casa de palha, residência de Dom Augusto..... 88
Fotografia 12: Primeira Igreja Assembleia de Deus em Ji-Paraná..... 89
Fotografia 13: Fiéis em frente à Igreja Batista..... 90
Fotografia 14: Igreja Congregação Cristã do Brasil..... 90
Fotografia 15: Procissão de fiéis com a imagem de Dom Bosco..... 91
Fotografia 16: Igreja Assembleia de Deus em 1979..... 92
Fotografia 17: 1ª Igreja Batista de Ji-Paraná..... 92
Fotografia 18: Paróquia São José em 1999..... 93
Fotografia 19: Paróquia São José em 2014 93
Fotografia 20: Igreja Matriz Dom Bosco..... 94
Fotografia 21: Imagem frontal da Matriz Dom Bosco..... 96
Fotografia 22: Senhoras do Círculo de oração 97
Fotografia 23: Praça da Igreja Matriz Dom Bosco..... 98
Fotografia 24: Praça da Igreja Matriz Dom Bosco..... 99
Fotografia 25: 1º Batismo da Igreja Batista em Ji-Paraná 103
Fotografia 26: O maior Batismo da Assembleia de Deus..... 103
Fotografia 27: Escola Bíblica de férias da Igreja batista..... 105
Fotografia 28: Sacramento da Crisma..... 106
Fotografia 29: Enlace matrimonial religioso católico..... 107
Fotografia 30: Procissão Católica em Ji-Paraná 109
Fotografia 31: Inauguração da Igreja Assembleia de Deus..... 110
Fotografia 32: Santas Missões populares 111
Fotografia 33: Ação missionária na Aldeia Gavião..... 112
Fotografia 34: Pastoral da Criança..... 116
Fotografia 35: Apresentação de crianças do projeto de musicalização..... 117
Fotografia 36: Fiéis preparando o terreno onde seria construída a Igreja..... 119
Fotografia 37: Construção da Comunidade Católica Santa Perpétua 119
Fotografia 38: Pe. Adolpho Rohl..... 122
Fotografia 39: Fiéis segurando os tijolos da primeira Igreja batista de Ji-Paraná..... 124
Fotografia 40: Casal de missionários Horst Stute e Annette Stute..... 125
Fotografia 41: Missionária Annette Stute em ação missionaria junto aos índios Gavião... 125
Fotografia 42: Missionário Horst Stute 125
Fotografia 43: Bispo Dom Antônio Possamai no Teatro Dominguinhos.....126

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema adotado no processo de Categorização..... 30
Figura 2: Categorização 31
Figura 3: Dimensões da fotografia..... 53
Figura 4: Mapa com a localização de Ji-Paraná no Estado de Rondônia..... 70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Roteiro didático para análise do conteúdo proposto por Bardin 28
Quadro 2: Tipo e Finalidade intrínsecos na imagem fotográfica 57
Quadro 3: Níveis de descrição da fotografia 59
Quadro 4: Categorias de análise de imagens fotográficas..... 62
Quadro 5: Levantamento do material coletado..... 66
Quadro 6: Categorias e subcategorias de análise do estudo..... 67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Classificação das representações fotográficas..... 26
Gráfico 2: Percentual distribuído por categoria..... 67
Gráfico 3: Documentos fotográficos de Templos..... 80
Gráfico 4: Número de fiéis das religiões analisadas em Ji-paraná..... 81
Gráfico 5: Percentual de Fotografias de Eventos divididos em subcategorias..... 101

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Inventário do material fotográfico por décadas..... 68
Tabela 2: Religião - Número de adeptos das religiões analisadas, em Ji-Paraná/RO..... 77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFRO - Instituto Federal de Rondônia

PIBIC EM - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para Ensino Médio

UNIR - Universidade federal de Rondônia

FI - Fiéis

LR - Líder Religioso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Rm - Romanos (livro bíblico)

Sl - Salmos (livro bíblico)

Mt - Mateus (livro bíblico)

MNTB - Missão Novas Tribos do Brasil

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 16
2 DELINEAMENTO DA PESQUISA 22
2.1 Classificação da pesquisa 22
2.2 Locus da pesquisa e perfil dos participantes 24
2.3 Coleta de dados 25
2.4 Tratamento e análise dos dados 28
3 REFLEXÕES TEÓRICAS: A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA, FOTOGRAFIA, RELIGIOSIDADE E IDENTIDADE CULTURAL. 32
3.1 A relação entre religiosidade e historicidade 32
3.2 A influência da religiosidade na Identidade Cultural 36
3.3 Representações fotográficas como mecanismo de investigação da memória 39
3.3.1 Álbuns de família: memória e identidade 47
3.4 A dimensão da fotografia 53
3.5 Fotografia e religiosidade 63
4 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES FOTOGRÁFICAS QUE RETRATAM A INFLUÊNCIA RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL 66
4.1 Contexto Histórico da religiosidade em Ji-Paraná 69
4.2 Categoria 1 - As representações fotográficas dos Templos que compõem a memória de Ji-Paraná. 78
4.3 Categoria 2 - As representações fotográficas de eventos religiosos que revelam a memória e identidade dos ji-Paranaenses. 100
4.3.1 Sacramentos 101
4.3.2 Festas e Cerimônias 108
4.3.3 Ações Sociais 115
4.4 Categoria 3 - O papel dos líderes religiosos na construção da identidade do Ji-Paranaense. 120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 132
APÊNDICES 138

1 INTRODUÇÃO

O homem busca, desde o princípio dos tempos, explicações mitológicas para as incompreensões da vida e a religião é um dos caminhos encontrados pela humanidade para buscar soluções acerca dos mistérios vivenciados. Para tanto o homem passou a organizar-se em grupos constituindo valores, implantando dogmas e realizando rituais. A crença, as peregrinações, as penitências e as orações são mecanismos de interação social e de bem-estar pessoal.

Negros e brancos, ricos e pobres, agregam-se em meio às crenças para glorificar as divindades em que depositam esperanças e temores. Citando caso análogo a religiosidade cristã, originalmente inserida no período colonial brasileiro, por meio da igreja católica, era expansiva e regular e sempre aliada a interesses políticos dos colonizadores.

De acordo com Loureiro (1995), no território Amazônico, as missões católicas, possuíam pelo menos dois objetivos: catequizar a população nativa, consolidando a fé católica; e garantir a proteção do território colonial contra invasores estrangeiros.

Neste caso, as crenças e a religiosidade tiveram também relativa importância na organização socioespacial das cidades interioranas da Região Norte. Segundo Bourdieu (1989), a religiosidade tem um efeito de aclamação quando estrutura um método de práticas religiosas e de representações, capazes de influir nas relações econômicas, políticas ou sociais da sociedade, a qual faz parte.

Canclini (2005) afirma que os processos de composição econômica e política são inseparáveis dos processos de integração cultural e, por este motivo, é significativo compreender e identificar as conexões, influências e dimensões.

A expansão do domínio econômico, militar e político da sociedade como um todo, resultante da modernização, dos avanços territoriais e dos interesses econômicos geram um emaranhado de conflitos e convergências que incentivam as pessoas a terem confiança na própria cultura, evocando sentimentos de pertencimento.

Diante deste cenário de transformações e incertezas é comum que os indivíduos busquem na religião uma resposta para esses conflitos. Segundo Huntington (1997), essa conjuntura é uma das causas essenciais do renascimento religioso mundial, que torna a religião o mais amplo e abrangente critério de identificação cultural. Como consequência, as estruturas culturais são fundamentais para a identificação cultural.

É fundamental compreender a religião como um elemento simbólico que subsiste socialmente e que na perspectiva histórica desempenha um papel relevante na reconstituição

da memória. Nesta linha de reflexão, Pierre Bourdieu (1989) identifica os esquemas formadores das práticas de representações. Desta maneira, como representação, a fotografia não pode ser separada do ato que a fundamenta, já que se fundamenta numa prática cultural. Na dimensão de indício e de resquício a fotografia é sempre uma presença. Não supri a experiência vivida, mas a cada fotografia revelada uma nova experiência se constitui. Por conseguinte, o vínculo entre a fotografia e os aspectos religiosos constitui o elemento significante deste estudo.

Cabe, portanto, um olhar mais delongado sobre as fotografias e, especialmente, sobre seus fragmentos textuais. As fotografias destacam as personalidades, as instituições, as ações de fé e contextos. Os sujeitos têm a seu favor demandas socioculturais, neste sentido, colocam em ação formas de ser e estar no mundo. Essa ideia nos remete a Marc Bloch quando afirma: “ A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita: tudo o que o homem fabrica, diz ou escreve, pode e deve informar-nos sobre ele” (BLOCH, 2001,p.79).

Neste sentido, as fotografias que abordam a temática de religiosidade estão, na maioria das vezes, relacionadas a eventos do mesmo universo, tais como festividades natalinas, festa de padroeiros, procissões de *Corpus Christi*, finados, ou retratos de indivíduos vinculados à hierarquia das igrejas.

As fotografias que serviram de base analítica para este estudo, são originárias de álbuns de família de moradores de Ji-Paraná que migraram de outras regiões em períodos distintos. Isso porque, entendemos a constituição dos álbuns de família como “certificados de presença”.

Como forma de expressão das percepções religiosas a fotografia, expõe e retrata como os indivíduos vivenciaram os ritos e cerimônias da vida religiosa. É a partir da argumentação entre o que a fotografia exibe e os elementos identitários omitidos, que refletimos sobre as imagens produzidas socialmente.

Em meio a estas observações e inquietações, esta pesquisadora se propôs a investigar a influência da religiosidade na Identidade Cultural através de fotografias que representam a memória de Ji-Paraná-RO, por meio de leitura analítica para compreensão de mensagens que não estão explícitas.

A pesquisadora possui licenciatura em História e ao fazer especialização em Mídias apaixonou-se pela fotografia, sobretudo por observar no estudo deste componente midiático as representações sociais e culturais que evidencia. Em 2001 ingressou na rede pública estadual de ensino como professora, lecionando sempre em turmas do Ensino Médio, nas

quais, por muitas ocasiões, utilizou as representações fotográficas como mecanismo de aprendizagem em variadas ações de ensino.

Desde 2011 passou a atuar como professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia (IFRO), onde vem desenvolvendo projetos de pesquisa que utilizam a fotografia como instrumento de investigação.

Dois projetos de pesquisa, em especial, vinculados ao programa PIBIC - EM, foram responsáveis pela composição de um banco de imagens fotográficas sobre a memória de Ji-Paraná, são eles: “A fotografia no ensino de História: a imagem vale mais que mil palavras” e “Fatos e fotos: análise iconográfica da História de Ji-Paraná”.

Os recursos fotográficos utilizados nesta análise são originários de acervos institucionais e álbuns de família de imigrantes que chegaram à cidade de Ji-Paraná em diferentes períodos. Ao se propor estudar tal riqueza representativa, esta pesquisadora encontrou uma considerável quantidade de fotografias relacionadas a aspectos religiosos, que acabou por direcionar esta abordagem.

O acervo conduziu a uma reflexão sobre a importância que os colonos davam aos eventos religiosos. A partir de então, esta pesquisadora canalizou os esforços para entender a relação entre a religiosidade e a identidade cultural dos Ji-Paranaenses, a partir do olhar das representações fotográficas.

Ao observar o arranjo entre religiosidade, identidade cultural e representação fotográfica, emergiu o seguinte problema que norteou a realização deste trabalho: Em que medida as representações fotográficas que constituem a memória de Ji-Paraná evidenciam a influência da religiosidade na identidade cultural?

A identidade cultural é um conjunto vivo de correspondências sociais e bens simbólicos historicamente compartilhados, que consolida na sociedade valores e princípios. Assim, verificamos que a problemática central da pesquisa, mesmo amparada em conteúdo sociológico e cultural, possui uma perspectiva histórica.

Considerando a religiosidade como mecanismo de construção cultural e os álbuns fotográficos como lugares de memória, o presente estudo tem como objetivo geral: Investigar na memória de Ji-Paraná a influência da religiosidade na construção da identidade cultural, a partir das representações fotográficas.

Para atingir tal objetivo, delineou-se a pesquisa por meio dos seguintes objetivos específicos: (i) Estudar a relação entre memória, fotografia, religiosidade e Identidade Cultural amparando-se na discussão bibliográfica. (ii) Analisar as representações fotográficas

presentes na memória de Ji-Paraná que retratam a influência religiosa na construção da Identidade Cultural.

Por apresentar uma temática interdisciplinar a revisão bibliográfica, baseia-se em antropólogos, semiólogos, sociólogos e historiadores, além memorialistas e fontes iconográficas. Entres eles estão: Lyotard (2000), Marx (1977), Baumann (2006), Chartier (1990, 1992), Hall (2003), Bloch (2002), Le Goff (1994), Bourdieu (1989, 1990, 2006), Trend (1992), Willians (2007), Bosi (2004) Halbwachs (1990), Cardoso e Mauad (1997), Barthes (1982,1984), Burke (2004), Pesavento (2008),Mauad (2008), Dubois (1994), Panofski (1979), Smit (1989,1994), Samain (2005), Kossoy (2002), Durkheim (1989), Weber (1999,2005), Martins (2009), Castoriadis (1982) e Del Priori (1997).

O estudo procura fugir das normas e padrões ligados a doutrinas teológicas, analisando como a religiosidade é incorporada pelos diferentes grupos sociais na constituição histórica do município de Ji-Paraná, a partir dos documentos fotográficos.

O procedimento adotado para análise, parte do elemento religioso evidenciado nas representações fotográficas, para atingir a questão da identidade cultural. Assim, as fotografias coletadas e catalogadas estão ligadas à temática religiosa e sempre acompanhadas de informações originárias de depoimentos e entrevistas.

Para o entendimento mais profundo das representações sociais e culturais dispostas nos documentos fotográficos buscamos subsídios na Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (1979). Esse mecanismo de análise fundamenta-se em uma decomposição do discurso e identificação de um conjunto de representações para a categorização dos fenômenos, por meio do qual se tornou possível, uma reconstrução de significados, que expressam uma percepção mais profunda da religiosidade retratada nos álbuns dos fiéis em Ji-Paraná.

Com vistas a responder ao problema e aos objetivos que a pesquisa se propôs, os dados coletados, previamente foram examinados por meio da análise categorial, que consiste na fragmentação das representações fotográficas, ligadas à religiosidade ji-paranaense, em categorias agrupadas analogicamente.

As fotografias foram divididas nas seguintes categorias: Templos, Eventos e Líderes Religiosos. A opção pela análise categorial se respalda no fato de ser a mais adequada alternativa quando se quer estudar valores, crenças e atitudes, por meio de dados qualitativos.

Também foi feito uso de teoria da imagem, como mecanismo de desconstrução das fotografias, a fim de promover uma análise coerente e fundamentada. Para tanto, as teorias semióticas de Barthes (1982,1984), os conceitos iconográficos e iconológicos de Panofski

(1979) e os questionamentos descritivos propostos por Kossoy (2002) foram aplicados, fornecendo respaldo para a análise técnica dos documentos fotográficos.

Com uma abordagem qualitativa, a análise dos dados deu-se por meio de procedimentos interpretativos. Para tal, estruturou-se a redação em cinco seções. A primeira seção compõe o proêmio deste estudo elucidando a contextualização do tema, a definição e delimitação do problema, evidenciando os objetivos geral e específicos e a relevância da pesquisa. Além disso, está destacada a motivação para a escolha do tema.

A segunda seção refere-se ao delineamento da pesquisa, traz a caracterização do estudo, descreve o *locus*, apresenta os participantes, especifica os instrumentos de coleta de dados utilizados, bem como a forma como os dados foram obtidos, tratados e analisados. O estabelecimento de uma estratégia ou plano de ação é essencial para que o problema assuma significado científico. Assim, nesta seção, levamos em consideração o ambiente em que foram coletados os dados, a fim de criar mecanismos para interligar a teoria e os fatos arrolados neste estudo.

A base teórica da pesquisa é evidenciada na terceira seção e divide-se em cinco subseções: a primeira discorre sobre o papel da religiosidade na História. A segunda faz uma relação entre a influência da religiosidade na identidade cultural. A terceira aponta as representações fotográficas ligadas à religiosidade, como mecanismo de investigação da memória. Nesta subseção há também apontamentos sobre os álbuns de família como guardiões de memórias. A quarta subseção dá um enfoque a dimensão da fotografia como bem pessoal e enquanto dispositivo midiático. E a quinta e última subseção procura relacionar a fotografia com a religiosidade.

Na quarta seção mostramos os resultados da análise, elaboradas com base nos dados obtidos, apresentando uma visão reflexiva e concentrada nos procedimentos do estudo, reportando aos dados para interpretar elementos culturais e identitários.

Na quinta seção são apresentadas as considerações finais, que compreende o fechamento do trabalho alicerçado pelos resultados mais significativos, em que procuramos enfatizar os aspectos considerados relevantes e apresentamos proposições de continuidade da pesquisa. Em seguida, finalizamos a dissertação com as referências e apêndices.

A abordagem cultural implica uma redefinição de análises, portanto a compreensão da religiosidade presente na memória de Ji-Paraná, evidenciada nas fotografias, não está guiada somente pela questão da sociedade, mas também do dinamismo cultural que a coletividade propicia, para acondicionar os grupos sociais, que migraram de diferentes partes do país.

Com isso, este estudo volta o olhar para além das aparências das manifestações religiosas promovidas na constituição histórica de Ji-Paraná, tentando entender como os eventos estavam diretamente ligados à dinâmica interna das instituições.

Além disso, procuramos evitar a tendência de se tratar as atividades culturais ligadas à religiosidade, como simples e inofensivo folclore e sim, com a finalidade destacar os aspectos políticos, econômicos, sociais e, sobretudo culturais. A partir desta exposição, podemos afirmar que o discurso religioso é portador também de um tipo de crítica à realidade, uma vez que certas resoluções incidem diretamente na forma de viver dos grupos e na formação identitária.

A partir dessas considerações, acreditamos que o presente estudo seja relevante, na medida em que levanta reflexões e discussões que possam vir a contribuir com o despertar da consciência coletiva sobre identidade e importância da preservação da memória.

No labirinto de informações e fatos buscamos o ponto de partida como um agricultor busca um olho d’água para saciar sua sede. Nem sempre é possível saber de onde a água vem, mas apesar disso, para poder sorver a água, basta encontrar o lugar onde ela aflora à superfície. Nesta pesquisa buscamos na fonte da imagem fotográfica a sensibilidade do olhar, e nos relatos e depoimentos a compreensão da religiosidade que envolve os indivíduos e configuram culturalmente as identidades.

2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Entendermos a constituição de um estudo científico como uma combinação entre teoria e dados, capazes de fornecer informações acerca de uma realidade, muitas vezes em processos contínuos e mutáveis. Pesquisar é, portanto, uma busca por respostas para as indagações apresentadas. Em virtude disso, a pesquisa tem uma natureza pragmática, composta por um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico.

O objetivo fundamental da pesquisa "é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos" (GIL, 2009, p.42). Desta forma, conhecer os procedimentos de determinado método de investigação é crucial para explorar e alcançar resultados satisfatórios e confiáveis. O delineamento da pesquisa requer coerência e exatidão, para garantir informações capazes de promover o desenvolvimento humano e contribuir para o fortalecimento do conhecimento científico.

Sendo assim, esta seção indica o percurso metodológico adotado no desenvolvimento da pesquisa, apresentando a estrutura organizacional que delineou o estudo, estando dividida em quatro subseções.

Na primeira subseção apresentamos a classificação da pesquisa quanto a sua abordagem, natureza e objetivos. A segunda subseção indica o perfil dos participantes e o *locus* da pesquisa. O detalhamento da coleta de dados está disposto na terceira subseção e a quarta subseção está descrito o tratamento e análise dos dados obtidos.

2.1 Classificação da pesquisa

Como metodologia de estudo, adotamos a abordagem qualitativa, por ser mais adequada ao propósito desta pesquisa, uma vez que investigamos na memória de Ji-Paraná, a influência da religiosidade na construção da identidade cultural, a partir das representações fotográficas.

Na pesquisa qualitativa ocorre uma correspondência dinâmica entre a realidade e o sujeito, uma conexão entre a subjetividade do sujeito e o mundo objetivo, que não é necessariamente expresso em números. A interpretação dos eventos e sua significação são substanciais na pesquisa qualitativa. Os pesquisadores que adotam esta abordagem metodológica se inclinam a analisar dados indutivamente, sendo o processo e significado focos principais de interpelação.

Essa metodologia possibilita, segundo Richardson (1999), descrever a complexidade de determinados problemas e permite compreender a multiplicidade e peculiaridades de vivências dos grupos sociais e dos indivíduos. Essa ótica comunga com o seguinte raciocínio:

> Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas sim, compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a continuidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana objetiva. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis (MINAYO, 1994, p. 24).

A finalidade da pesquisa qualitativa é interpretar e explicar o sentido dos fenômenos do mundo social e, sobretudo cultural, diminuir o espaço entre teoria e dados, contexto e ação. Desta forma, a associação entre signo e significado, conhecimento e fenômeno, advém do arcabouço de interpretação, utilizado pelo pesquisador, que auxilia na leitura de mundo e na constituição de um referencial.

Os pesquisadores que empregam métodos qualitativos procuram visualizar o contexto e, na maioria dos casos, ter um diálogo empático com o objeto de estudo acarretando numa melhor compreensão do fenômeno analisado.

Esta pesquisa é de natureza básica, fundamenta-se em entender, descrever e explicar os fenômenos por meio da aquisição de conteúdos informacionais, provenientes de condutas, atitudes, costumes. Seu princípio é “gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais” (SILVA; MENEZES, 2001, p.20).

Do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa está conceituada como exploratória-descritiva, pois “[...] envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas [...]” (GIL, 2009, p. 27). O trabalho de descrição é de cunho substancial em um estudo qualitativo e por intermédio dele é que os dados são coletados.

A pesquisa exploratória “busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições e manifestações deste objeto” (SEVERINO, 2007, p.123). Nesse sentido, a metodologia escolhida possibilitou retratar a realidade de forma contextualizada, evidenciando aspectos histórico-culturais, sociais, econômicos e sobretudo identitários, considerando que esta se desenvolve numa situação natural, rica em dados descritivos.

Assim, na direção de investigar as representações fotográficas ligadas à temática religiosa, identificamos a relevância da abordagem cultural que implica em uma redefinição

de análises, portanto a compreensão da religiosidade presente na memória de Ji-Paraná, evidenciada na fotografia, não está guiada somente pela questão da sociedade, mas também pelo dinamismo cultural que essa sociedade propicia para acondicionar os grupos sociais que migraram de diferentes partes do país.

Com isso, este estudo volta o olhar para além das aparências das manifestações religiosas promovidas na constituição histórica de Ji-Paraná, tentando entender como esses eventos estavam diretamente ligados à dinâmica interna das organizações.

2.2 Locus da pesquisa e perfil dos participantes

A presente pesquisa foi desenvolvida em Rondônia, na cidade de Ji-Paraná. Os documentos fotográficos analisados nesta pesquisa derivam de dois projetos de pesquisa vinculados ao programa PIBIC EM, desenvolvidos no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia (IFRO) - campus Ji-Paraná, são eles: “A fotografia no ensino de História: a imagem vale mais que mil palavras” e “Fatos e fotos: análise iconográfica da História de Ji-Paraná”.

As representações fotográficas desses projetos foram responsáveis pela composição de um banco de imagens fotográficas sobre a memória de Ji-Paraná. O acervo fotográfico originou-se de arquivos e álbuns de família de migrantes que chegaram à cidade de Ji-Paraná em diferentes períodos. Ao se propor estudar tal riqueza representativa encontrou-se uma considerável quantidade de fotografias relacionadas a aspectos religiosos que acabou por direcionar este estudo delimitando o campo de investigação desta pesquisa.

O acervo levou a reflexão sobre a importância que os colonos davam aos eventos religiosos. A partir de então, canalizamos os esforços para entender a relação entre a religiosidade e a identidade cultural dos Ji-Paranaenses, a partir do olhar das representações fotográficas.

Nesta intenção, foram utilizadas para análise 121 imagens fotográficas digitalizadas, acompanhadas de conteúdo informacional proveniente de fichas catalográficas e termos de livre consentimento. Deste total, elencamos as mais relevantes em busca de entrevistas semiestruturadas, sobretudo com os indivíduos que cederam as imagens ao projeto desenvolvido no IFRO, a fim de obter mais subsídios para a compreensão do objeto de estudo proposto.

O formato de entrevista semiestruturada, adotado neste estudo, permite maior flexibilidade, pois constitui uma forma de diálogo à medida que as perguntas geram-se no decorrer da entrevista.

As questões norteadoras previamente organizadas foram adaptadas de acordo com as informações obtidas no decorrer da interlocução, permitindo ao entrevistador aprofundar ou confirmar dados pertinentes ao estudo.

Dividimos os sujeitos da pesquisa em dois grupos de entrevistados: fiéis e líderes religiosos. Os fiéis foram selecionados por compor um grupo de sujeitos da pesquisa, que colaboraram no fornecimento dos documentos fotográficos utilizados. E os líderes religiosos contribuíram, como intermediários, no entendimento das práticas religiosas registradas no material fotográfico.

Os dados apresentados na análise categorial foram apresentados de forma qualitativa, compondo um total de 20 entrevistas. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, utilizamos a sigla “FI”, significando “Fiéis” e “LR”, significando “Líder Religioso” seguida de uma numeração, utilizada para nossa identificação dos participantes.

2.3 Coleta de dados

A matéria prima de uma pesquisa é constituída pelos dados coletados. São eles que subsidiam, ponto a ponto, a problemática do fenômeno estudado, sendo o ponto de partida para a elaboração e execução de um trabalho.

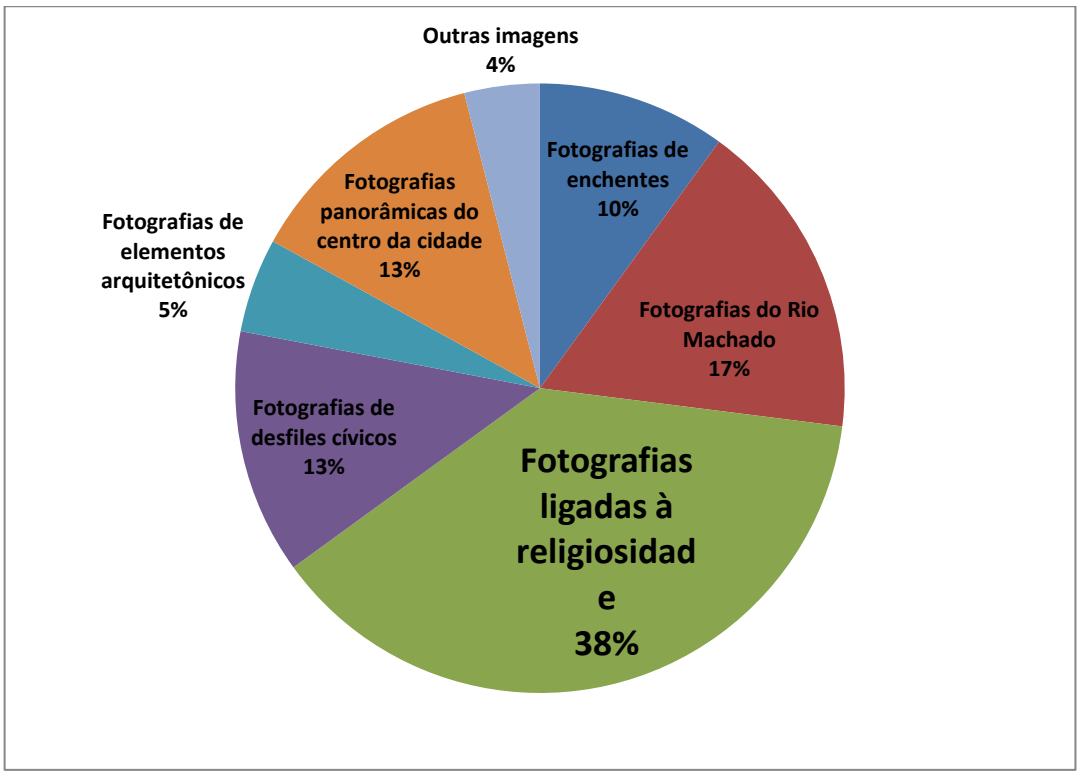
Para tanto, realizamos a coleta de dados por meio de levantamento bibliográfico, seleção de documentos fotográficos e aplicação de entrevista semiestruturada gravada (APÊNDICE C).

A pesquisa bibliográfica, etapa fundamental em todo trabalho científico, foi realizada de forma bem aprofundada e extenuante, de modo a garantir o embasamento teórico necessário para fundamentar o estudo. A revisão da literatura, sobre as principais teorias que nortearam a pesquisa, se apoiou no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas. Tal busca foi realizada em livros, periódicos, artigos, sites da Internet, entre outras fontes.

O levantamento bibliográfico foi primordial na promoção de um aprendizado eficaz, facilitando a identificação e seleção dos métodos e técnicas mais adequados a serem utilizados nesta pesquisa e, além disso, ofereceu subsídios para a redação do trabalho científico.

Na seleção dos documentos fotográficos, realizamos a observação de todo acervo iconográfico que compõe o banco de imagens sobre a História de Ji-Paraná, constituído no IFRO - campus Ji-Paraná. A pré-seleção das representações fotográficas ofereceu os resultados apresentados no Gráfico 1.

Gráfico 1: Classificação das representações fotográficas encontradas no acervo do IFRO - campus Ji-Paraná.



Fonte: Elaborado pela autora (2015).

O Gráfico 1, apresenta um comparativo que evidencia o percentual de fotografias ambientadas no tema da religiosidade, presentes no acervo analisado. Até o momento o acervo possui 319 fotografias. Neste montante, 121 estão ligadas à temática da religiosidade, sendo aproximadamente 40% do material que compõem o acervo citado, revelando o interesse dos indivíduos, desta sociedade, em registrar ações e momentos ligados à religiosidade. A observação do material fotográfico contribuiu para delinear as características retratadas nas fotografias.

As fotografias que compõem o acervo analisado foram digitalizadas, catalogadas e apresentam uma ficha de avaliação (Apêndice A), comportando um conteúdo informacional com dados relevantes como: a data, a localidade, o ano, o evento, os envolvidos, quem fotografou, entres outros relatos pertinentes a esta análise. Acompanham também o modelo do Termo de Autorização do uso de imagem e depoimento que foi utilizado pelo projeto (Apêndice B).

De posse do material, selecionamos os documentos fotográficos a serem utilizados neste estudo, identificamos os colaboradores e entramos em contato para solicitar participação por meio de entrevista. Na entrevista semiestruturada (Apêndice C), objetivamos aprofundar alguns pontos identificados no material iconográfico. O empenho em manter o respeito com os participantes da pesquisa, em relação ao cumprimento do horário marcado, buscando explicar o objetivo da pesquisa, sua importância e critérios foram adotados.

Os participantes da pesquisa receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Apêndice D, antes de iniciarmos a aplicação dos instrumentos.

Uso de entrevistas semiestruturadas, se fundamenta por constituir uma técnica eficiente para a aquisição de dados descritivos. Essa modalidade permite que as informações fluam com naturalidade e o entrevistado tem a oportunidade de expressar o que considera mais significativo.

A entrevista semiestruturada "[...] ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação" (TRIVIÑOS,1987, p. 146). Segundo o mesmo autor, em certos casos de pesquisas de abordagem qualitativa, a entrevista semiestruturada é um dos principais meios para realizar a coleta de dados dos participantes selecionados para pesquisa, pois "ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação" (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Assim, a estratégia de recolher dados junto aos fiéis que migraram para Ji-Paraná em diferentes períodos e também entre líderes religiosos, mediante entrevista semiestruturada, demandou muita atenção e esforço especial no sentido de compreender e interpretar as respostas apresentadas, com o fim de obter elementos que permitissem identificar na memória relatada insumos da identidade religiosa do entrevistado.

As entrevistas tiveram a duração de aproximadamente 15 minutos, e, com a permissão dos entrevistados, foram gravadas para transcrição e posterior análise. Na análise, procuramos nos atentar para a fidedignidade das informações obtidas. Consideramos o momento da transcrição uma etapa de grande contribuição e aprendizado para o tratamento e análise dos dados coletados.

2.4 Tratamento e análise dos dados

Com o volume de informações alcançado, buscamos incrementar um modelo de análise que colaborasse para a compreensão do problema investigado e proporcionasse interações entre o referencial teórico e o material empírico compilado, de modo a interpretá-lo com maior coerência e consistência. Para executar a interpretação do material coletado tomamos como orientação a análise de conteúdo recomendada por Laurence Bardin (1979), que se define como:

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção (recepção/variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Queremos ressaltar que a análise de conteúdo é conceituada por vários autores como um dos procedimentos frequentes na investigação empírica, adotada pelas ciências humanas e sociais. Esse método propicia ao pesquisador várias situações de análises que se ajustam ao problema investigado. Na especificidade de nosso caso procuramos perceber e compreender as significações implícitas ou explícitas, as intencionalidades existentes nos documentos fotográficos ligados à religiosidade dos munícipes.

Para isso, elaboramos uma estratégia de análise apresentada no quadro abaixo, conforme método estruturado por Bardin (1979), seguindo as três fases propostas: a pré-análise, a exploração do material e a análise ou interpretação dos dados.

Quadro 1: Roteiro didático para análise do conteúdo proposto por Bardin (1979)

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
1ª etapa: pré-análise	*Retomada do objeto e objetivos da pesquisa; *Escolha inicial dos documentos; *Construção inicial de indicadores para a análise: definição de unidades de registro	*Leitura flutuante: primeiro contato com os textos, captando o conteúdo informacional genericamente; * Constituição do corpus: * Adequação ao objeto e os objetivo do estudo.
2ª etapa: Exploração do material	* Referenciação dos índices e elaboração dos indicadores: recortes de textos e categorização * Preparação e exploração do material	* Desmembramento do texto em unidades/categorias; * Releitura do referencial – aprofundamento; * Reagrupamento por categorias de análise – Classificação.
3ª etapa: Análise e interpretação dos dados	* Interpretação dos dados brutos: * Estabelecimento de quadros de resultados, destacando as informações fornecidas pela análise.	* Inferências com abordagem qualitativa trabalhando com significações.

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Conforme sintetizado no Quadro 1, na etapa inicial, fizemos a organização do material a ser analisado, firmamos a proximidade com as ideias, fazendo uma leitura geral dos documentos fotográficos, entrevistas e textos promovendo uma “leitura flutuante”, proposta por Laurence Bardin (1979), que aos poucos, nos reconduziu a uma compreensão mais objetiva e precisa.

Na segunda etapa, procedemos a uma leitura mais cuidadosa e reflexiva, oportunidade em que demarcamos os fragmentos de textos ou frases das entrevistas que nos despertaram interesse, sobretudo pela compatibilidade com os objetivos da pesquisa.

As colocações apresentadas nos textos, ou nas falas dos sujeitos envolvidos, configuraram aspectos da observação indireta, que nos levou a captar os significados comuns presentes nos variados discursos, agrupando as informações por correspondência ou semelhança de conteúdo, para subsequente categorização.

O tratamento de dados, ou melhor, interpretação e/ou inferência, constitui a terceira etapa e foi efetuada a partir dos conteúdos e informações evidenciadas na fase anterior. Essa análise final esteve alicerçada nas significações de palavras e frases que esclarecem comportamentos e princípios dos sujeitos investigados.

Quanto a isso, as análises nos remeteram ao referencial teórico, cuja fundamentação nos fez alcançar, por meio de inferências, o significado presente nos discursos explicitados ou velados, evidenciando conceitos, crenças e significações sobre aspectos da religiosidade retratados nos documentos fotográficos.

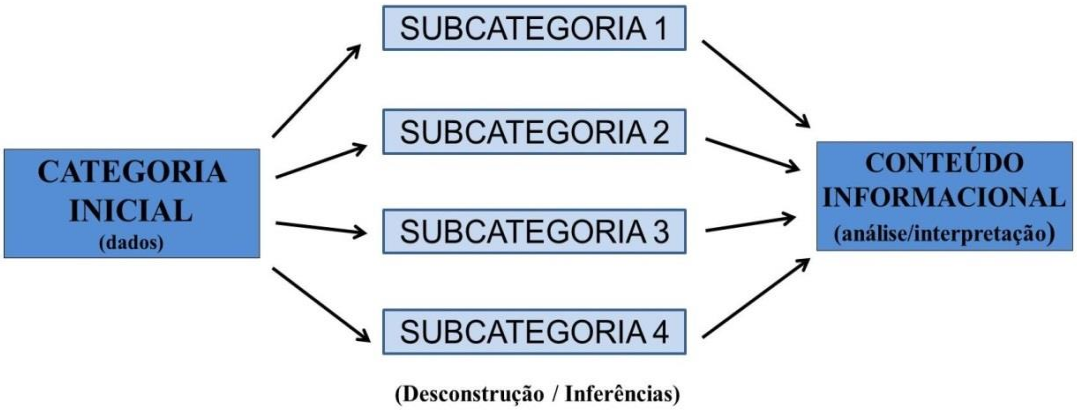
O aporte informacional e analítico nos forneceu subsídios para a categorização e sistematização das informações. Na terceira etapa também foram definidas as categorias de análise. É uma etapa fundamental, dado que a qualidade de uma análise de conteúdo está diretamente relacionada ao arranjo das categorias.

A categorização estabelece classes que agrupam um grupo de elementos equivalentes a uma unidade de registro. A esse respeito Bardin (1979) aponta a possibilidade de uma categorização com categorias inicialmente indicadas no referencial teórico e com categorias posteriormente compostas após a análise do material coletado.

Nesta pesquisa, as classes foram compiladas por correspondência entre a significação e a orientação teórica. Os critérios adotados para categorização neste caso foram semânticos. Optamos pela análise categorial por ser a melhor alternativa para estudar valores, opiniões, atitudes e crenças, apoiados em dados qualitativos.

O arranjo de categorização está composto por um reagrupamento de categorias e subcategorias para a construção do conteúdo informacional proveniente da análise, conforme Figura 1:

Figura 1: Esquema adotado no processo de Categorização

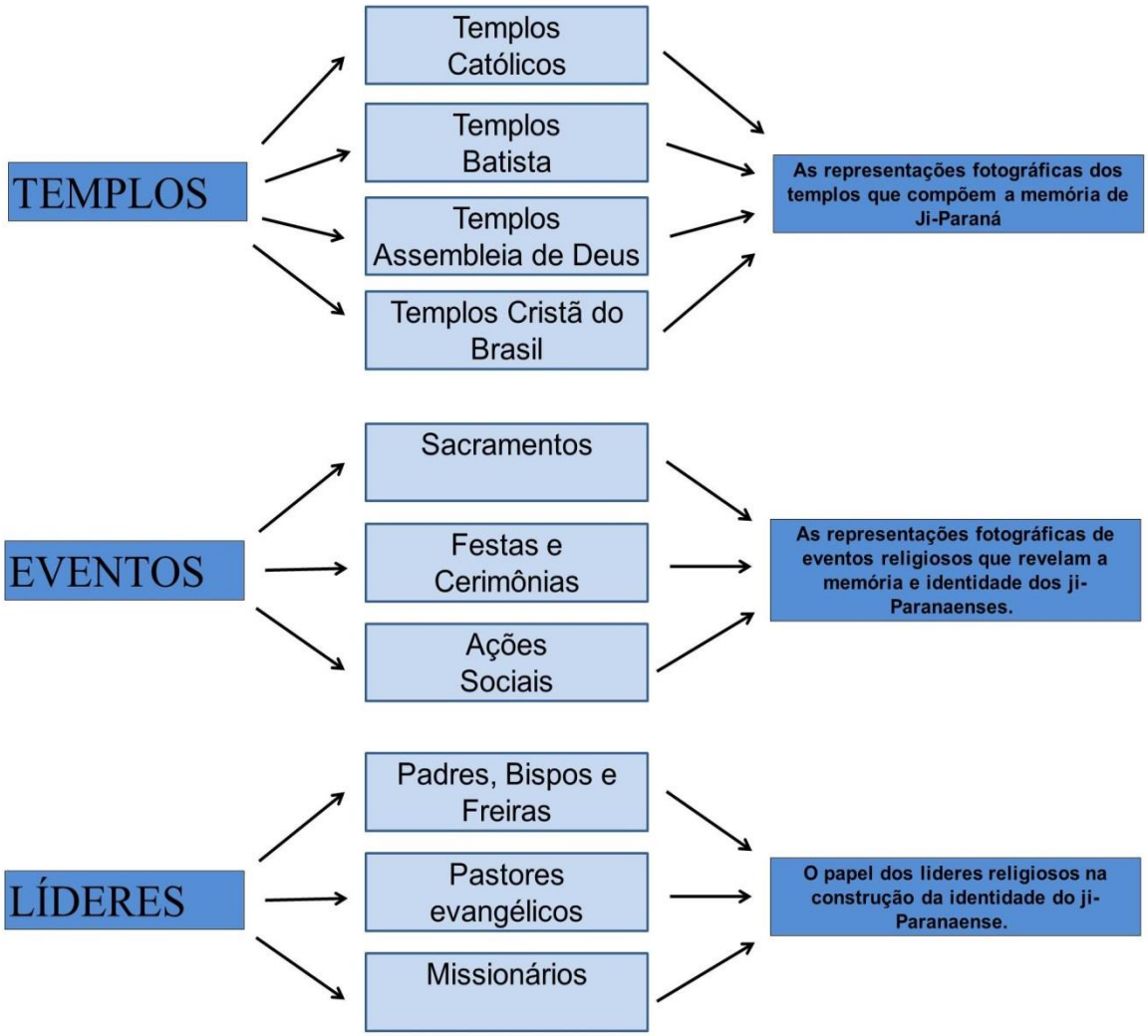


Fonte: Elaborado pela autora (2015).

O esquema exibido na Figura 1 mostra o caminho utilizado para a ordenação da realidade que investigamos, no intuito de apreendê-la conceitualmente. As categorias descritas detalhadamente nos resultados deste estudo, dizem respeito à temática a que a pesquisa se propôs e representam o aparato de significações, identificadas no decorrer da análise dos dados.

Entretanto, com a intenção de evidenciar de forma sistemática a construção das categorias de análise que emergiram da coleta de dados e do estudo bibliográfico, elaboramos o esquema representado na Figura 2.

Figura 2: Categorização



Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Neste sentido, a metodologia escolhida possibilitou uma decomposição do discurso e identificação de um conjunto de representações fotográficas que permitiram a categorização dos fenômenos, por meio do qual se tornou possível uma reconstrução de significados que expressam uma percepção mais profunda da interpretação da religiosidade e identidade cultural retratada nos álbuns familiares dos colonizadores em Ji-Paraná.

3 REFLEXÕES TEÓRICAS: A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA, FOTOGRAFIA, RELIGIOSIDADE E IDENTIDADE CULTURAL.

Indicamos nesta seção o referencial teórico da pesquisa, que serviu de alicerce ao processo de análise dos dados reunidos. Esta seção está divida em cinco subseções. A primeira aborda a relação entre a religiosidade e historicidade, com base em autores como Nolasco (2010), Marx (1977) e até mesmo a Bíblia Sagrada (1982).

Na segunda subseção, descrevemos a influência da religiosidade na identidade cultural que está pautada em Berger (2004), Baumann (2006), Chartier (1990, 1992), Hall (2003) e Huntington (1997), entre outros.

A terceira subseção conta com a abordagem de um numeroso referencial com destaque para Bloch (2002), Le Goff (1994), Bourdieu (1989, 1990, 2006), Halbwachs (1990), Trend (1992), Willians (2007), Bosi (2004) e Cardoso e Mauad (1997), onde discutimos a importância das representações fotográficas como mecanismo de investigação da memória. Nesta subseção também foram feitos apontamentos a cerca da memória presente nos álbuns de família que alicerçou a discussão em torno das abordagens de Leite (2001), Bourdieu (2006) e Lavelle (2003).

Na quarta subseção apresentamos características técnicas fundamentais para compreensão da dimensão da fotografia amparadas nas teorias de Barthes (1982,1984), Burke (2004), Mauad (2008), Dubois (1994), Panofski (1979), Smit (1989,1994) e Kossoy (2002).

Finalizamos o referencial teórico na quinta subseção, onde analisamos a relação entre fotografia e religiosidade fundamentada nos autores Durkheim (1989), Weber (1999,2005), Martins (2009), Castoriadis (1982), Del Priori (1997), entre outros.

3.1 A relação entre religiosidade e historicidade

Desde os primórdios da humanidade que o homem realiza múltiplos rituais, crenças, venerações e ideologias, nunca tendo havido uma nação sem tal tipo de práticas. A religiosidade representa mais que crenças ou práticas, ela é capaz de esclarecer um emaranhado de significados simbólicos que permite interpretar valores, ideias, convicções e mentalidades, bem como práticas do cotidiano, ligações e instituições sociais.

Os exercícios de religiosidade são produções humanas situadas na esfera da cultura dos grupos, ou ainda, como conceituou Karl Marx (1977) da superestrutura, responsável por produções ideológicas, e são, portanto, históricas.

A cultura está presente nos discursos institucionais, são produções humanas, que permeiam o ambiente religioso. Neste sentido Rogger Chartier (1990) acrescenta que a cultura é formada por representações coletivas que são compartilhadas por grupos.

É preciso compreender, que na constituição da identidade cultural dos grupos sociais, ocorrem "... a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo" (CHARTIER,1990, p.24). Neste sentido, as formas de agir e pensar, devem ser relacionadas aos laços de interdependência que norteiam as relações entre os indivíduos, que são moldados de diversas maneiras, em variadas situações, pelas estruturas de poder.

À exemplo de Chartier, vários autores abordam a influência da religiosidade nas relações humanas. O sociólogo Anthony Giddens (2005) entende religiosidade como um mecanismo formalista, evidenciando o papel coletivo da religião. Assim a define:

> As religiões envolvem um conjunto de símbolos, que invocam sentimentos de reverencia ou de temor, e estão ligadas a rituais ou cerimoniais (como os serviços religiosos) dos quais participa uma comunidade de fiéis. [...] Mesmo que as crenças de uma religião possam envolver deuses, quase sempre existem seres ou objetos que inspiram atitude de temor ou admiração (GIDDENS, 2005, p. 427).

Nesta direção, a religião pode ser considerada uma manifestação característica dos agrupamentos humanos, uma vez que a experiência religiosa se desenvolve por meio da vida em sociedade, sendo uma variável capaz de influenciar comportamentos e valores, individuais e coletivos.

Para Durkheim (1989), a religiosidade é um mecanismo que promove autocontrole nos indivíduos. Para ele, os ritos e cerimônias próprios do ambiente religioso são úteis para manter união, coesão social e reafirmem valores. Contudo, a conduta humana não está amparada somente nas práticas religiosas. Neste sentido, Durkheim (1989) também orienta acerca da existência da dicotomia entre o sagrado e o profano. Para o autor:

> O sagrado e o profano foram sempre e por toda a parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada há em comum. […] Uma vez que a noção de sagrado é no pensamento dos homens, sempre e por toda a parte separada da noção do profano. […] Mas o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distancia das primeiras. (DURKHEIM, 1989, p.70).

No sentido contrário, Karl Marx (1977) defende que a religião é um instrumento das classes dominantes, que contribui para a manipulação das massas, um mecanismo de alienação do povo em relação à sua real situação. Para o referido autor, uma consequência do

pensamento religioso, é o afastamento das possibilidades de mudança social pela crença em ilusões, que promovem o controle do comportamento dos indivíduos.

Já Weber (1999), em oposição a Marx, argumenta que a religião não é uma força conservadora e defende que as relações humanas estabelecidas no âmbito religioso geram transformações na ordem social, econômica e política.

Entendemos que, mesmo sendo a religião um mecanismo de alienação e instrumento de controle social, como defende Marx (1977), ou sendo um agente de integração e transformação individual e coletiva, apresentado por Durkheim (1989) e Weber (2005), não podemos negar a historicidade presente nas relações entre o homem e a religião.

Na condição de característica exclusivamente humana, a religiosidade revela a busca do homem pelo sagrado. Uma forma de recorrer ao divino para explicar a realidade, ou ainda mesmo para clamar resoluções de problemas cotidianos. Neste sentido a religiosidade está diretamente ligada à História como um processo humano de autoconstrução.

Duas dimensões da religiosidade podem ser aplicadas para o entendimento acerca da religiosidade: a primeira é o embasamento de conceitos acerca do bem, do mal, da justiça, da felicidade, do futuro, da salvação da alma, etc. Essas convicções transmitem confiança à vida presente ou futura dos indivíduos ligados religiosamente. A segunda dimensão dispõe sobre práticas e rituais que regulam a existência individual e coletiva, que impõem as orações, as meditações, doações e a participar em ações coletivas, que criam o sentido de integração numa comunidade, que indicam pertencimento.

Desta maneira, as crenças produzidas pela humanidade estão diretamente ligadas ao processo histórico. São narrativas que se apresentam inicialmente como mitos herdados do passado imemorial das sociedades de oralidade, que perduram nas sociedades atuais, repletas de influências ideológicas que fornecem, sobretudo, regras de vida e determinações sobre condutas sociais.

Na busca da aproximação entre religiosidade e História é fundamental destacar as repetições das manifestações sagradas em rituais, sempre usados ao longo do processo histórico da humanidade, como mecanismos primordiais para aproximar as crenças aos fiéis. Os cantos, as danças sagradas, as procissões são usados para renovar a experiência fundadora. As religiões usam meios similares de manutenção de suas práticas.

A oração em conjunto na igreja aos domingos oferece, segundo a crença dos evangélicos, o privilégio de se aproximar de Deus. Os crentes[1] buscam argumentos nas

[1] No contexto religioso, crente é todo aquele que crê em Deus e manifesta a sua crença religiosa. Os evangélicos, membros de determinadas igrejas evangélicas, também são particularmente denominados de crentes.

escrituras sagradas para legitimar as práticas religiosas, como as presentes no livro de Mateus (18:20), que diz: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou no meio deles” (BÍBLIA, 1982).

Entre os muçulmanos, a oração da sexta-feira na mesquita é o momento oportuno para comunicar-se com o divino. Na fé dos católicos e dos ortodoxos, o Cristo está presente transubstanciado nas formas do pão e do vinho, no momento da comunhão, durante a missa. Tais rituais coletivos somam-se às práticas individuais: a oração, a meditação. Nestes contextos, os fiéis registram esses momentos na intensão de memorizar e eternizar os atos de fé.

Entretanto, é conveniente lembrar, que a constituição histórica da humanidade sempre esteve marcada por domínios e formas de controle sociais, sendo a religião sempre um componente fundamental para a manutenção do poder. As mais antigas formas de poder concentrado e de institucionalização política foram concebidas por sacerdotes-reis, no formato de Estados Teocráticos, que predominaram no Oriente.

Nas civilizações Greco-Romanas, a figura dos reis e imperadores sempre esteve associada às divindades. Posteriormente, no século XIX, durante o período da colonização da África, muitos exemplos deste padrão de organização política foram identificados no interior do continente. Essa associação do poder político e religiosidade já ocorria no Egito, onde os templos e os escribas serviam de base administrativa ao Império.

O Cristianismo expõe uma ideia um pouco diversa. Segundo o apóstolo Mateus, Jesus Cristo afirmou: “Rende a César o que pertence a César” (BÍBLIA, 1982, Mt. 22:21), o que nos leva a entender que tal religião não desejava interferir nas questões políticas. No entanto, como tal religião mudou profundamente a sociedade romana, sobretudo entre as massas populares, usá-la seria o caminho para manutenção do poder político e assim o fez o Imperador Constantino, que tornou seu império cristão.

O Imperador se apropriou da legitimidade proveniente de sua adesão ao Cristianismo e consequentemente, as relações entre poder e religião se tornaram mais complexas, pois a igreja passou a regular o ensino moral, controlar a população e conferir autoridade suprema ao Estado, que exercia o poder político e econômico.

A ingerência das formas políticas sobre a organização religiosa foi particularmente intensa no Cristianismo, que embrenhou a partir daí um controle não só religioso, como também, territorial, cultural e político por todo o globo.

Os portugueses desbravaram os oceanos a procura de especiarias e também cristãos, ou melhor, buscando encontrar riquezas para comercializar e expandir a fé cristã. Portanto, a

ocupação territorial do solo brasileiro atendia as intenções do reino e da igreja católica, que se tornou símbolo da submissão dos indígenas e, posteriormente, dos escravos africanos ao poder da coroa portuguesa. Mesmo com a influência dominadora da Igreja católica não houve como impedir a mistura de crenças, da qual fez parte até mesmo o protestantismo. Segundo Simone Nolasco:

> A religião [...] foi utilizada ora como definidora de identidades (a aproximação e redefinição de representações), ora como mantenedora de tradições culturais, ou mesmo formas de sobrevivência, resistência, um abrandamento do processo de dominação colonial, elemento na busca de status e ascensão social, auxílio material e benesses espirituais (NOLASCO, 2010, p.121).

Canclini (2008) utiliza o termo hibridismo cultural, para caracterizar a miscigenação cultural, que ocorreu durante a constituição colonial na América. Tal miscigenação, criou no Brasil, um conjunto de elementos religiosos diversificados, com adaptações culturais e ingredientes paradoxais, que forjaram o sincretismo contemporâneo típico da mentalidade brasileira. Os municípios de Rondônia, como Ji-Paraná, não fugiram a isso.

Em linhas gerais, a prática religiosa ocupa posição central na vida do sujeito histórico e a religiosidade, construída historicamente, é reflexo da vontade humana, o grande motor que direciona a história.

3.2 A influência da religiosidade na Identidade Cultural

As influências religiosas estabelecem padrões à conduta humana, moldam ações e convicções, levando os indivíduos, em sua grande maioria a trilhar caminhos considerados desejáveis. Via de regra, o termo religiosidade, ou no plural, religiosidades, é uma expressão que deriva do popular, de povo, que evoca manifestações ligadas ao sagrado, práticas de cura, devoção a santos ou festas de rua, influenciadas ou não por instituições religiosas.

A associação da concepção de cultura ao contexto religioso é a melhor maneira de compreender as crenças e as expressões de devoção dos grupos sociais. O estudo das manifestações do religioso permite a compreensão de dimensões econômicas e políticas, das estruturas hierárquicas, dos laços sociais em grupos heterogêneos e de contextos históricos distintos. Além disso, as identidades constituídas e amparadas no ambiente religioso, nos remetem à ideia de memória, utilizada no sentido de relembrar experiências do passado.

Segundo Halbwachs (2006), a ação individual de lembrar está incorporada aos grupos de referência que o sujeito participa, uma vez que a memória é constituída dentro de uma

perspectiva coletiva. Em outras palavras, a constituição da memória individual é uma combinação de memórias dos grupos os quais o sujeito participa e que sofre influência. Neste caso, a memória é resultado de uma tradição socialmente estabelecida, de uma identidade construída pelo interesse pessoal do indivíduo na ação religiosa, como um agente histórico, que produz ao buscar a sua autorrealização.

As tradições funcionam como um guia do discurso religioso, informando como e a partir de que elementos as manifestações religiosas se desenvolvem, desempenhando a função de fio condutor da prática religiosa. As tradições são frutos de reconstruções geradas pela necessidade.

Lugares, pessoas, objetos passam a constituir elementos da tradição, que produzem a memória coletiva. Neste sentido Halbwachs considera que determinados elementos religiosos são fixadores de tradições. O autor observa que: “Uma verdade para se fixar na memória de um grupo deve apresentar-se soba forma concreta de um acontecimento, de uma figura pessoal ou de um lugar” (HALBWACHS, 2006, p. 124).

As tradições nas sociedades em mutação recaem no dilema da mudança, da transformação. Manter a tradição e a identidade diante do cenário contemporâneo é uma exigência a sobrevivência da própria tradição religiosa. Na sociedade atual verificamos fragmentação e pluralização da memória social em muitas pequenas memórias. Esse processo de transformação é útil na medida em que nos faz compreender o dinamismo das crenças e tradições religiosas.

É relevante refletir sobre a eficiência simbólica da religiosidade, sobretudo neste momento marcado por uma modernidade liquida, que, segundo Baumann (2006) encontra-se em constante transformação, fluidez, em que se procura redefinir fronteiras entre o privado e o público, delimitando espaços e lugares, edificando memórias. Com tal característica este estudo, ampara-se em uma perspectiva que leva em consideração o desafio de congregar e compreender a construção do discurso social na especificidade da compreensão histórica.

Nesta direção, o conceito de representação defendido por Chartier (1990) se torna útil nesta pesquisa, na medida em que propomos a classificação e delimitação das realidades construídas pelos grupos sociais, para compreendermos as práticas identitárias como maneiras de ser e estar no mundo, guarnecidas de significados simbólicos. Para o autor, as formas institucionalizadas, entre elas as religiões, são mecanismos através dos quais, pessoas ou grupos tornam-se visíveis, multiplicam e eternizam sua existência como grupo, comunidade ou nação (CHARTIER, 1992, 1995, 1990).

As religiões são representações culturais que absorvem à universalidade e são estabelecidas por aqueles que as implementam, impondo e legitimando regras e condutas. Por ser um dispositivo de representações culturais do mundo, estão sujeitas também a mudanças, sobretudo por serem definidas em determinados contextos temporais e espaciais.

Percebemos, em consonância com o pensamento de Chartier (1995) que ao analisar a cultura, revelam-se as dinâmicas e métodos de identidade que compõem cada grupo social. A identidade religiosa indica parâmetros culturais que condicionam as ações cotidianas, as relações, as hierarquias, representações e lugares.

Desta forma, por se tratar de um estudo amparado em diversas áreas do conhecimento, buscamos, nos estudos geográficos, subsídios de interligação entre religião, espaço e identidade cultural. Neste intuito, pactuamos com o pensamento de Corrêa (2006), ao defender que a identidade de um povo é essencial para a construção cultural de uma sociedade, formada por particularidades, que representam aspectos peculiares à organização social, política e espacial.

O espaço pode ser articulado por meio de uma dimensão simbólica atribuída por grupos sociais. Justamente, torna-se oportuno estudar essa relação entre simbolismo, religião e identidade para compreender a importância cultural da religião. A esse respeito, Rosendahl (1996) ressalta que a experiência da religiosidade, por meio de uma observação geográfica, é essencialmente importante pelo espaço e tempo em que ela acontece, considerando a ação missionária de expansão de ideias e de subordinações simbólicas que promove.

Santos (2002), também aponta que o espaço da religião é parte constituinte do espaço geográfico e social, devido ao fato da religião incorporar categorias geográficas, como a população e o território. Isto posto, o espaço da religião pode ser considerado um espaço visível e referenciado por lugares sagrados, como igrejas, terreiros, sinagogas, etc., e invisível, referindo-se ao imaginário, às concepções de céu, inferno e à subjetividade.

Esse simbolismo pode ser melhor compreendido, se usarmos como exemplo o início da colonização do Brasil e a expansão ultramarina europeia, em atenção ao fato dos colonizadores ao chegarem às terras brasileiras terem erguido uma cruz como forma de impor o cristianismo e expandir a fé, perpetuando a religião Cristã predominantemente no território brasileiro.

Nesta direção, Mary Del Priore (1997) reitera, mencionando que o Brasil nasceu à sombra da cruz, pois, em suma, a coroa Portuguesa serviu-se da religião como um instrumento de colonização. Da mesma forma, Souza (1986), ratifica em sua análise o papel dos colonizadores no movimento de construção e disseminação da fé:

> Os portugueses se embutiam sinceramente de seu papel missionário. Os outros homens por instituição divina tem obrigação de ser católicos: os portugueses tem obrigação de ser católico e de ser apostólico. Os outros cristãos tem a obrigação de crer a fé: o português tem a obrigação de a crer e mais a de a propagar (SOUZA, 1989, p. 33).

A simbologia adotada por determinadas religiões são mecanismos não só de dominação, mas, sobretudo, de disseminação cultural. Para Chartier (1990) identificar o modo, os lugares e momentos que uma determinada realidade social é construída, é fundamental para compreender a relação dos indivíduos com a própria cultura.

Nessa lógica, este estudo se desvelou na tentativa de entender como as práticas culturais ligadas ao ambiente religioso são recriadas continuamente pelos grupos sociais, a fim de manterem vivas a cultura e a identidade do grupo.

Huntington (1997) sustenta que, de todos os elementos culturais que caracterizam uma sociedade, a religião é a mais influente porque transpõem as fronteiras e, até mesmo sobrevive além dela. Muitas sociedades desapareceram, mas isso não impediu a manutenção da identidade religiosa dos povos que as envolveram.

De forma geral, a religiosidade se encontra atrelada a combinações de culturas e identidades. Pois é ela que organiza essa experiência individual e coletiva: delineia e define um universo simbólico, instaura em torno desse universo uma sociedade. A sociedade é uma entidade histórica, que nos procede, nos sucederá e sobreviverá a nós.

3.3 Representações fotográficas como mecanismo de investigação da memória

A leitura de Apologia da História, ou o Ofício do Historiador de Marc Bloch (2002), nos possibilita a compreensão de que não existe um tipo exato, obrigatório e específico de documento para atestar os questionamentos históricos. Todos os documentos são proveitosos e dotados de significados.

Apesar disso, para cada categoria de documento é necessário usar um mecanismo adequado de análise. Logo, o historiador deve conhecer os principais métodos de ofício e saber utilizá-los de modo peculiar para cada forma de documento. Bloch lembra que “é indispensável que o historiador possua ao menos um verniz de todas as principais técnicas de seu ofício” (BLOCH, 2002, p.81). Desta forma, esta análise tende a evidenciar a importância do uso da fotografia como elemento constituinte para a leitura histórica.

A humanidade, ha tempos, demonstra inquietude em registrar e preservar a memória. Mecanismos cada vez mais elaborados foram criados para atender essa necessidade, entre eles: a fotografia, que surgiu como um aparato tecnológico capaz de reter um volume de memória nunca imaginado. Desde sua implantação, ocorrida há aproximadamente 160 anos, a fotografia vem sendo utilizada como mecanismo de ilustração de textos e anexos dos contextos históricos. Somente a partir da Nova História que se concedeu a fotografia atributo de fonte documental.

Segundo o pesquisador Jorge Pedro Sousa (2004), a fotografia é consequência de descobertas e inventos que aparecem dentro de um contexto positivista[2], amparadas na vontade progressiva do homem de encontrar uma forma mecânica de representação e reprodução do real.

No decorrer do século XX, é destacado o carácter artificial da fotografia, sua capacidade de reproduzir o mundo captado pela câmara é observado a partir de uma lógica racional, anulando, de certa forma seu vínculo com o real. Contudo, concordamos com Humberto Maturana (1998), quando afirma que em todo sistema racional há sempre um fundamento emocional. O autor sustenta que descortinar correspondências emocionais em procedimentos racionais não são limitações, mas condições e possibilidades.

Neste sentido, as fotografias nos revelam histórias, expõem costumes, condutas, narrativas de vida. Elas se misturam com a própria memória, prevenindo o esquecimento, garantindo a perpetuação do fato no tempo.

As fotografias não nos esclarecem apenas a História visível, mas, além disso, evidenciam sentimentos. Como bem descreve Carlos Drummond de Andrade na poesia intitulada "Diante das fotos de Evandro Teixeira", presente na obra: Amar se aprende amando.

> A pessoa, o lugar, o objeto
> estão expostos e escondidos
> ao mesmo tempo só a luz,
> e dois olhos não são bastantes
> para captar o que se oculta
> no rápido florir de um gesto.
>
> É preciso que a lente mágica
> enriqueça a visão humana
> e do real de cada coisa

[2] A fotografia foi criada no início do século XIX, decorrente das técnicas oriundas da Revolução industrial e herdeira do racionalismo científico. Neste contexto a fotografia surge sobre o signo do positivismo. A teoria positivista afirmava que o conhecimento "verdadeiro", ou científico, resultante da observação e da experiência, consistia na descrição de fatos positivos, isto é, de fatos observáveis. Desta forma a fotografia e o positivismo cresceram juntos em torno do mito da observação objetiva.

um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das figuras.

Fotografia - é o codinome
da mais aguda percepção
que a nós mesmos nos vai mostrando
e da evanescência de tudo,
edifica uma permanência,
cristal do tempo no papel.

Das luas de rua no Rio
em 68, que nos resta
mais positivo, mais queimante
do que as fotos acusadoras,
tão vivas hoje como então,
a lembrar como a exorcizar?

Marcas de enchente e do despejo,
o cadáver inseputável,
o colchão atirado ao vento,
a lodosa, podre favela,
o mendigo de Nova York
a moça em flor no Jóquei Clube,

Garrincha e Nureyev, dança
de dois destinos, mães-de-santo
na praia-templo de Ipanema,
a dama estranha de Ouro Preto,
a dor da América Latina,
mitos não são, pois são fotos.

Fotografia: arma de amor,
de justiça e conhecimento,
pelas sete partes do mundo
a viajar, a surpreender
a tormentosa vida do homem
e a esperança a brotar das cinzas.
(ANDRADE, 1985, p.63-64)

As fotografias teriam para o poeta a função mágica de imortalizar o momento, aprisionando o tempo, capaz de tornar eterno um instante que não voltará, a menos que as fotografias incitem a memória, provocando as recordações. Seguindo essa linha de pensamento, Maria Ciavatta indica que “a imagem fotográfica atuaria como ponto de partida da memória sintetizando o sentimento de pertencimento à família, a um grupo, a um determinado passado” (CIAVATTA, 2002, p. 32).

Ao rever um álbum de família, podemos ser instigados a reconstruir os caminhos que nos levam a selecionar determinadas fotos, ou mesmo a observar o que está ausente ou em evidência nas imagens. Neste sentido, Ciavatta afirma: “o que é visível na fotografia revela e

oculta. [...] talvez a grande sedução da imagem esteja na história do que ainda está invisível. Mostrar o invisível é buscar outras visões, outras linguagens e outros discursos" (CIAVATTA, 2002, p. 66). A fotografia manifesta-se como elemento singular para a materialização da memória, visto que segundo Jacques Le Goff (1985), a fotografia propicia a multiplicação e a popularização da memória, dando exatidão e autenticidade que as demais fontes não conseguiriam. Com tal característica, toda a produção imagética constitui um legado cultural que permite conhecer as peculiaridades dos grupos retratados e da própria sociedade.

Entendemos, amparados nas defesas Rogger Chartier (1990), Jacques Le Goff (1985), Ciro Flomarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997) que as fotografias auxiliam na compreensão da história de fatos que não se configuraram em depoimentos ou documentos escritos e permite revelar aspectos que não foram elucidados em outras formas de registro.

Estes autores, entre outros, procuram evidenciar o potencial da fotografia como documento de investigação histórica, social e cultural. Para eles a fotografia, enquanto evidência, é um documento histórico e pode conter particularidades do instante capturado pela câmera e, neste sentido, representa um fragmento da história geral.

Mas cabe lembrar que a realidade representada na fotografia não equivale, impreterivelmente, à verdade histórica, corresponde apenas ao registro expressivo da presença. Seu potencial informativo poderá ser alcançado com a contextualização histórica e a leitura dos desdobramentos sociais, políticos, culturais, econômicos no tempo e no espaço. Para Bóris Kossoy (2002), sem análise e entendimento da conjuntura em que estão inseridas, as fotografias são fragmentos desconectados da memória.

As imagens fotográficas produzidas e acumuladas ao longo do tempo, frequentes em acervos de arquivos, museus e bibliotecas ou até mesmo nos álbuns de família, constituem-se em bens documentais. São documentos de extrema importância, pois:

> Sabemos que imagens fotográficas de outras épocas, na medida em que identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente a partir de metodologias adequadas, se constituirão em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias da vida (individuais e coletivas), de fatos do passado centenário como do mais recente (KOSSOY, 2002, p. 133).

A leitura da fotografia, a partir dos comentários provocados pelas recordações e pela revivescência fomentada, constitui uma das matérias-primas do conhecimento pertencente à composição social da realidade.

Para Kossoy (2007), o entendimento sobre a natureza da imagem fotográfica, suas características e regulamentos precisam de conhecimentos em diferentes disciplinas. Uma abordagem multidisciplinar torna-se plausível para o entendimento da fotografia em suas múltiplas especificidades. Segundo o autor:

> [...] buscar outras inspirações e reflexões para uma compreensão aprofundada do papel da imagem fotográfica seja em relação ao seu objeto, seja como meio de conhecimento. E, nesse sentido avaliar seu alcance e potencialidades enquanto instrumento de pesquisa, análise e interpretação da vida histórica, sua importância enquanto documento histórico e social, e elemento de fixação da memória, como objeto de arte, enfim, entre outros de seus múltiplos usos e aplicações (KOSSOY, 2007, p.28).

Os conteúdos das fotografias são alvos de divergentes interpretações, que pode transformar-se conforme o pensamento e a concepção político-ideológica do observador. Os usos das imagens pelos diversos grupos sociais se evidenciam nas formas como os mesmos afirmam suas posições na sociedade, o uso do poder, a aplicação de ideologias, enfim os mais distintos contextos. As intenções dos indivíduos na construção dessas imagens, se traduz como meios de apresentar socialmente as conquistas, as formas produtivas e os contextos sociais e culturais, ao qual estão inseridos.

Há sempre por trás das câmeras uma intenção, que precisa ser captada diante de uma análise mais profunda, pois algumas fotografias constituem um convite a prestar atenção, à refletir e questionar a condição em que foi efetuada. Kossoy (2007) também alerta quanto ao papel cultural da fotografia no que se refere ao “seu poderio de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular” (KOSSOY, 2007, p.31).

Nesta perspectiva, Burke (2001) adverte que nos trabalhos que utilizam as fotografias como fontes históricas, devemos considerar, que a fotografia pode ser encenada, retocada ou alterada, pode ser usada para induzir ideias ou posição do público. Mirian Moreira Leite (2001) também nos previne contra o “realismo fotográfico”. Ela observa que a fotografia pode ser uma reprodução de algo existente, mas que é frequentemente uma produção baseada no ponto de vista do fotografado ou do fotógrafo. Portanto, é preciso, do mesmo modo que se faz com os textos, fazer uma análise crítica da imagem.

A fotografia, ao mesmo tempo em que se ocupa com a memória histórica, com a preservação e documentação das lembranças e dos feitos produzidos socialmente, tem sido apropriada também para interesses ideológicos. Mas o que desejamos colocar em

consideração não é um debate sobre a verdade fotográfica, mas a evidência de que a fotografia é um objeto daquilo que um dia existiu frente a câmera.

A fotografia nos desafia a perceber o que está à vista na imagem, o que está oculto e o que resulta da fusão de diversos elementos simbólicos. John Tagg (1988) apresenta justificativa para esta ideia, argumentando que a fotografia é também uma verdade reduzida, que existe apenas nas fronteiras do enquadramento fotográfico e possui uma verdade vulnerável, com possibilidades de distorção e manipulação. Para o autor há sempre um contexto discursivo no qual a fotografia está inserida e que carece de análise e informações.

O valor da imagem fotográfica enquanto documento é abordado por Pesavento (2005) que diz:

> O que importa é ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, e quais valores e conceitos que experimentavam e que queriam passar, de maneira direta ou subliminar, com o que se atinge a dimensão simbólica da representação (PESAVENTO, 2005, p.88).

Aparentemente a fotografia "congela" [3] um momento. Mas sobre a perspectiva da análise fotográfica esse momento é "descongelado" para remetê-lo a dimensão da História, da cultura ou das relações sociais. O pensamento de que a fotografia é uma ação de "congelamento" se configura em uma ideologia do ato fotográfico, que é uma concepção diferente da avaliação científica do que é a fotografia. Em vista disso, decodificar e interpretar o que se camufla por trás do visível e do fotografável continua sendo um desafio para os pesquisadores que usam as expressões visuais da fotografia como documento acerca da realidade social. Um desafio, sobretudo, metodológico.

Ampliando este raciocínio Kossoy afirma que:

> Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado é refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em três estágios: 1º lugar uma intenção para que ela existisse; 2º lugar o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia; 3º estágio os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram (KOSSOY, 2001, p. 29)

---

[3] Consideramos que o uso de metáforas, como simples figura de linguagem, não agrega sentido ao conhecimento do nosso trabalho. No entanto, as expressões “congela”, “descongelado” ou “congelamento” são utilizadas pelos teóricos Bóris Kossoy (2002), Roland Barthes (1984), Rosalind Krauss (2003) e Philippe Dubois (1994) que estudam a fotografia como documento, e utilizam o termo para representar o instante em que a cena foi capturada pela câmera. Desta forma, as expressões deixam de se uma figura de linguagem e passam a constituir uma linguagem técnica de compreensão do conteúdo.

Mesmo realizando uma análise extensa e relevante dos componentes do arranjo fotográfico, promovendo a desconstrução dos tempos da fotografia para compreender a realidade social, cultural ou, especificamente, religiosa que ela pretende documentar, não há possibilidades de reviver o momento do ato fotográfico.

Entretanto, para Pierre Bourdieu (1989) o considerável da fotografia está no imaginário coletivo de que ela resulta, na imaginação que suscita. Para ele, é necessário ler a fotografia indiretamente, por meio da interpretação da vida social e suas conjunturas.

Kossoy (2002) afirma que memória e a fotografia muitas vezes se misturam. Os arquivos fotográficos também são fontes para conservar a identidade de uma sociedade e analisá-los é uma maneira de captar indícios esquecidos em diferentes tempos e espaços culturais. Ele afirma que:

> Quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber, mergulhando no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento fotográfico) no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstituição quase que intuitivo (KOSSOY, 2002, p.132).

Segundo NORA (1993) este perfil de memória assenta-se no vestígio, no que há de concreto e perceptível, pois a memória tem necessidade de suportes exteriores e de referências concretas.

O que evidenciamos na memória é o espírito de identidade individual e coletiva, haja visto, que a construção desta memória pessoal se produz em correspondência aos outros, às normas de aceitação, admissão, credibilidade, e por essa razão, são, segundo o sociólogo Michel Pollack (1989), objeto de disputas para manutenção de interesses políticos. Para o autor “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis.” (POLLACK, 1989, p. 9).

A imagem fotográfica atua em uma ação constitutiva de identidade para o sentido de pertencimento. De acordo com Bosi (2004), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Os deslocamentos dos indivíduos modificam os pontos de vista a respeito do referencial coletivo, o que fraciona a ação individual na estruturação da memória coletiva, transformando esta unidade social em um aglomerado de percepções e representações heterogêneas acerca de um mesmo referencial. Desta forma “[...] pertencer a

novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual" (BOSI 2004, p. 413).

O historiador francês Jacques Le Goff, em sua obra História e Memória, faz uma reflexão acerca da memória, no qual adiciona que:

> A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas [...] a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica (LE GOFF, 2003, p.419 e 460).

Numa coletividade que padroniza os comportamentos, que desenraiza, a composição de ambientes de memória surge como o desejo do grupo que se auto reconhece, tentando resgatar sinais de pertencimento. A fotografia constitui-se como um instrumento de sociabilidade. Nora expõe a busca de cada grupo em conservar a memória, assegurando a preservação da identidade:

> À medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história (NORA, 1993, p.15).

Dessa forma, a fotografia se torna um documento excepcional na materialização da memória, demandando, contudo, uma análise diferenciada. Cabe destacar, como lembra Bloch (2002), que nem sempre é aceitável confiar plenamente em sua fonte ou no documento analisado, nem desconsiderar tudo também. Em busca da farsa e do engano, o historiador precisa estar vigilante à manipulação de documentos alusivos à data, ao conteúdo e ao autor,

Como apontam Cardoso e Mauad (1997), o elemento primordial para se chegar ao que não foi instantaneamente evidenciado pela fotografia é permeá-la no cenário cultural em que foi produzida e compreendê-la como uma escolha baseada na visão de mundo de quem a capturou. As situações, as quais, sentimos a necessidade de imortalizar, a fotografia surge como um mecanismo para conservar viva a memória, manter valores em comum e também externar a outros, determinado modo de vida. E desse modo reviver a memória em lugares, objetos e ações.

A grande provocação impelida pela fotografia, conforme Cardoso e Mauad (1997), é alcançar o que o olhar fotográfico não evidenciou, solucionar uma complexa rede de

significações. Sendo a imagem fotográfica o resultado da produção humana, que é repleta de códigos e símbolos fixados por regras sociais que imprimem as formas de ser e de agir.

3.3.1 Álbuns de família: memória e identidade

No ambiente familiar, mesmo nas casas mais humildes, pode-se descobrir a existência de fotografias que evidenciam momentos significativos do contexto doméstico. Muitas vezes escondidos em caixas de sapatos, gavetas e estantes, os álbuns familiares ocultam um acervo informacional a espera de uma análise mais profunda que notabilize a memória e identifique aspectos identitários.

Todo núcleo familiar possui um acervo fotográfico, como um tipo de patrimônio simbólico que confirma um ideal de coesão, identidade e pertencimento. As clássicas fotos de casamento, nascimento, batizado e formatura, são por vezes vinculadas ao elemento narrativo, que possibilita a construção de memórias individuais e coletivas.

O álbum de família revelou-se como uma das invenções do mercado industrial na primeira metade do século XX. Conforme destaca Leite (2001), a prática da fotografia nos ambientes domésticos, era utilizada pelas famílias como meio de registro característico da classe média e alta, enquanto entre famílias de classe baixa era mais comum fotografar exclusivamente ocasiões significativas como batizados, casamentos ou reuniões da família.

Pierre Bourdieu (2003), no livro "Un art moyen[4]", escrito em 1965, deposita na prática da fotografia relativa amplitude, considerando-a, como uma das mais significativas práticas sociais que a humanidade utiliza para a formação de identidade coletiva e preservação da memória. Ele considera a construção de álbuns fotográficos como um "ritual de integração", que desempenha uma "função normalizadora", caracterizando-se pela rede de relacionamentos sociais e não pela qualidade imagética.

Amparando-se em uma perspectiva etnográfica, Bourdieu (1990) afirma que a qualidade primordial do nosso relacionamento com os instantâneos é a ligação primitiva com objetos de desejo e momentos importantes. Ainda que o título do livro indique a fotografia como objeto de pesquisa, fica explícito que não é sobre a materialidade, que ele direciona sua análise e sim sobre a prática social de registrar em fotos.

Na fotografia popular, nos tradicionais álbuns de famílias, a imagem possui um caráter de certificação, um registro do evento. A função social da fotografia neste hábito é de

[4] Neste ensaio Pierre Bourdieu apresenta em sua teoria a função social da fotografia, mostra como a fotografia é inseparável das pessoas que as fazem. A obra se propõe a pensar a fotografia a partir da sua complexidade.

protocolar a memória do momento, registrando no tempo as ações, práticas e costumes, a partir de um referencial emocional. Assim, os registros fotográficos evidenciam as mudanças físicas do espaço, que comporta a História autobiográfica dos agentes, as fases de sua existência e a preservação da memória de entes queridos.

Ao expandir os olhares para o cotidiano histórico-cultural de determinados grupos, articulamos também a abertura entre o cotidiano doméstico e as representações do contexto histórico-sociológico que o envolve. De acordo com Lavelle (2003), a fotografia doméstica é uma forma de linguagem nominativa, que ao retratar o evento, a fotografia o nomeia, materialmente.

É o puro ato de registrar, comunicando apenas o evento, sem a pretensão de comunicar nada mais. Segundo a historiadora, a imagem fotográfica sobrevive fora de seu contexto de produção, tornando-se anônima, pois o retrato fotográfico sugere a existência de um indivíduo singular e dotado de uma interioridade que não se perde na sua representação.

Em tempos atrás, as fotografias pessoais ou domésticas, funcionavam como um meio para a lembrança e frequentemente terminava em algum álbum ou guardadas em caixas de sapatos. Contudo a era digital da fotografia aportou ao processo fotográfico possibilidades imensas, democratizando-o e oferecendo resultados imediatos.

Atualmente as câmeras digitais, tablets e os celulares proporcionam a possiblidade de capturar momentos que merecem destaque. O material coletado não é mais armazenado em álbuns de papel ou caixas de sapatos, mas em pastas digitais de computadores, em cartões de memória, pen-drive ou outras mídias atuais.

Ainda assim, não podemos minimizar a importância das fotografias analógicas. Tanto os mecanismos digitais, quanto os analógicos são apenas instrumentos de trabalho, meios para chegar a um fim: a fotografia. Temos que forçosamente admitir a convivência destas duas realidades, destes dois caminhos distintos.

Como escreve Erivan Morais de Oliveira, mestre em ciências da comunicação, em seu artigo: *"Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital"*:

> Não se pode descartar o digital. Mas também não se pode simplesmente abandonar o analógico, sem qualquer preocupação com o passado, o presente e o futuro. Afinal, o que seria da memória dos séculos XIX e XX se não fossem as fotografias produzidas em negativos, que armazenam até hoje imagens importantes de nossa história? (OLIVEIRA, 2003. p. 6).

Para apontar as relações existentes entre a fotografia e os Estudos Culturais, nesta revisão bibliográfica trabalhamos com a proposição de que a fotografia é componente útil na

compreensão do processo de composição da identidade abordada neste estudo. Deste modo, tomamos como referência a noção de identidade formulada por Stuart Hall (2005). Para o autor, a identidade se constrói na interação entre o *self* (entre si) e a sociedade, assim a fotografia, ao mesmo tempo em que atua como instrumento de representação do mundo, pode atuar como expressão dessa relação.

As identidades são compostas e pautadas na cultura, produzindo significados por meio dos sistemas simbólicos de representação. Para Stuart Hall (2003, 2005), devemos pensar a identidade como uma produção, que nunca é completa, sempre em processo, constituída dentro e não fora da representação.

Entendemos, que a fotografia pode se apresentar como um sistema simbólico de representação, que colabora na atribuição de significado a pessoas, objetos e acontecimentos, auxiliando, dessa forma, para o estabelecimento do retrato que os indivíduos criam de si mesmo e da realidade em que estão inseridos.

David Trend (1992) escreveu que a imagem fotográfica, estava sendo apontada pelos ativistas culturais como um aporte visual do estudo da vida doméstica, constituiu-se naquele momento uma disposição instigadora para a reflexão sobre o uso das imagens nos estudos culturais. De fato, os últimos anos comprovaram ser um período de grande utilização de imagens fotográficas em diversas capacidades: constitui um aporte representativo para a comunicação social, fonte enigmática para os estudos em História e com um enorme desenvolvimento entre o meio social e cultural. A esse respeito Rosalind Krauss (2003) argumenta que a fotografia é, simultaneamente, signo criação e produto.

Consideramos pertinente neste momento, relatar a experiência de Pierre Bourdieu com a fotografia, como forma de exemplificar o papel da fotografia no registro de experiências sociais e culturais. O artigo, intitulado "O camponês e a fotografia", de Pierre Bourdieu e Marie-Claire Bourdieu (2006) originou-se de um estudo que expõe os usos sociais e a significação das fotografias e do exercício fotográfico na sociedade camponesa do Béarn[5], no princípio dos anos 1960.

O propósito analisado é particularmente relevante, pois a prática fotográfica na comunidade em questão não apresentava um sentido estético, cumprindo somente a função de registrar momentos e cerimônias em que os participantes produziam uma imagem estetizada, que pretendiam apresentar de si.

É comum rotularem as fotografias populares como de mau gosto, sem beleza ou banais. Estigma que Bourdieu classificou como racismo de classe e se dispõe a analisar os

[5] Aldeia de camponeses do sudoeste francês.

motivos do descrédito às fotografias domésticas. Neste sentido, as fotografias se transformam em fontes essenciais para a análise sociológica, sobretudo, no viés cultural. É uma espécie de sociograma que permite descobrir, por meio dos registros visuais, as relações culturais e papéis sociais.

Na epigrafe do artigo Bourdieu diz:

> A fotografia é um objeto que me interessou. Considerei, naturalmente, o fato desta ser a única prática com uma dimensão artística acessível a todos e de ser o único bem cultural universalmente consumido. Achei, assim, que, por meio desse desvio, conseguiria desenvolver uma teoria geral da estética. Era algo, ao mesmo tempo, muito modesto e muito ambicioso. É corrente dizer que as fotografias populares são horríveis, etc. Eu queria, em primeiro lugar, entender por que razão isso é assim e, em segundo, tentar explicar, por exemplo, a frontalidade dessas imagens e o fato de nelas revelarem-se relações entre pessoas e uma série de coisas que indicam a medida de sua necessidade e que, por isso, têm o efeito de reabilitá-las. E então decidi analisar uma coleção de fotografias que pertenciam a Jeannot, um amigo de infância: examinei-as uma a uma e embrenhei-me nelas. Parece que encontrei muita coisa nesta caixa de sapatos (BOURDIEU & BOURDIEU, 2006).

Assim, uma das possibilidades para lidar com representações visuais, na historiografia, seria a aproximação com a História Cultural, uma vez que esta se constitui em uma tendência singular para os estudos sobre representações.

A História Cultural defendida por Roger Chartier (1990), é uma modalidade que procura entender a produção de sentido das palavras, das imagens e dos símbolos e busca a restauração das práticas culturais e sociais, considerando o teor de recepção, de produção e de lutas de representações. O autor analisa da mesma forma, as diferentes maneiras de apropriação de discursos, de textos verbais e não-verbais e da produção do sentido, variando conforme as posições que os atores ocupam socialmente.

Muitos estudos em História Cultural procuram demonstrar a relação da cultura com o universo social. Além disso, os hábitos e costumes integram-se às relações sociais existentes em uma determinada sociedade. A cultura é continuamente uma construção social e constituída pelo conjunto de experiências e de princípios que podem ser transmitidos por várias gerações e é perpassada pelas variações de tempo e dos grupos sociais que a produzem.

Logo, não se transmite uma identidade cultural de forma inalterável, sendo esta, uma construção histórica. Stuart Hall, em “Da Diáspora: identidades e mediações culturais”, diz:

> [...] a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. Tem suas matérias-primas, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. [...] Mas o que esse

> “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 44).

Partindo do princípio de que a cultura também se utiliza de produções simbólicas e representações visuais, a fotografia se constitui em mecanismo enriquecedor na composição de estudos acerca de determinadas sociedades, práticas e transformações sociais.

Na tentativa de colocar Raymond Williams (2007) em diálogo com os autores anteriormente citados, oferecemos o conceito por ele defendido, de que em estudos culturais devemos fazer uso de um leque de “sobreposições de sentidos”, que possam viabilizar os estudos nesta área. Desta forma, a imagem fotográfica detém uma relativa importância. Segundo ele:

> É particularmente interessante que, na arqueologia e na antropologia cultural, a referência à cultura ou a uma cultura aponte primordialmente para a produção material, enquanto na história e nos estudos culturais a referência indique fundamentalmente os sistemas de significação ou simbólicos. Isso confunde amiúde, mas, ainda mais frequentemente esconde a questão central das relações entre produção “material” e “simbólica” (WILLIAMS, 2007, p. 122).

A nível historiográfico, a fotografia não se restringe somente ao entendimento das representações visuais, como também se estende ao estudo do processo de produção. Sobre isso, Turazzi (1998) observa que essa forma de cultura, não pode ser percebida apenas pelas figuras de fotógrafos importantes, mas por indivíduos de diferentes espaços e em diferentes tempos.

Esta cultura não se resume às imagens de lugares consagrados, arquivos, museus, jornais ou grandes coleções privadas. A cultura fotográfica de uma sociedade se forma pela congregação da fotografia em todos os domínios da vida social, ou incluindo o uso popular, as crenças políticas e religiosas, os eventos familiares e sociais.

A semiologia imagética, autorrepresentativa do grupo social, possibilita uma análise dos círculos sociais. Constituindo vestígio deixado pela ausência perdida no tempo, permitindo ao pesquisador que em sua busca possa recompor, a partir destes marcos referenciais, os pontos nos quais o indivíduo ou a coletividade do grupo social se concentram.

Pierre Bourdieu (2006) afirma que a fotografia, enquanto documento de estudos sociais e culturais, encontra no imaginário, estrutura e significado. É esta uma leitura indireta,

em que o pesquisador parte da compreensão e interpretação que o agente produtor atribui à imagem, como leitura e consciência de seu universo social. De forma geral, esta leitura consiste em separar na imagem o tempo, o espaço, a ação e os indivíduos representados, assim como o próprio fotógrafo, no intuito de construir uma imagem em um universo de configurações possíveis.

Partindo desse pressuposto, Meneses (2003) oferece contribuição para esse estudo ao esclarecer que é possível pensar em uma História concebida a partir de documentos visuais e assim obter percepções da perspectiva visual da sociedade. O mesmo autor pondera que o visual se refere à sociedade, aos aspectos culturais e não às fontes para o seu conhecimento; neste sentido, o objeto é sempre a sociedade.

O historiador Paulo Knauss (2006) também esclarece que é possível se fazer uma História com imagens, que afaste uma epistemologia da prova, em direção à construção de uma visão histórica que reconheça o processo constante de produção de representações pelas sociedades humanas.

Esse pensamento, da mesma forma, é compartilhado por Meneses (2003), também historiador, que considera as imagens não como efeitos, mas a própria visualidade como fonte cognitiva de caráter histórico. Ele afirma serem as imagens fotográficas suportes de relações sociais. Neste sentido, as informações aqui reunidas, apontam caminhos para a compreensão da fotografia como percepção subjetiva, leitura do mundo visível, produção autoral, expressão estética, conjuntura de ver e documentar visualmente a História, como processo e problema.

Como vimos diferentes autores reconhecem e adotaram a fotografia como instrumento ou objeto de pesquisa, ainda que em trajetórias metodológicas diferentes, propõem a desconstrução do visível, desvendando o que está oculto.

O processo de desconstrução envolve a localização temporal e espacial, os personagens, os temas envolvidos, os autores, as tecnologias adotadas, bem como o contexto em que as fotografias foram realizadas. Elementos externos como depoimentos, entrevistas e textos são utilizados na compreensão dos documentos fotográficos, para preenchimento de lacunas e silêncios deixados pela imagem. Entretanto, nos ocuparemos com esta abordagem técnica de análise iconográfica, na próxima subseção, que disserta acerca da dimensão da fotografia.

Cabe esclarecer, que concordamos com Leite (2001) na preferencia em analisar fotografias de família, visto que constituem documentos acessíveis e ricos em significados. Os álbuns de família são depositários da memória familiar que permitem a leitura cultural e

material de determinadas épocas, bem como os comportamentos e signos de pertencimento dos grupos.

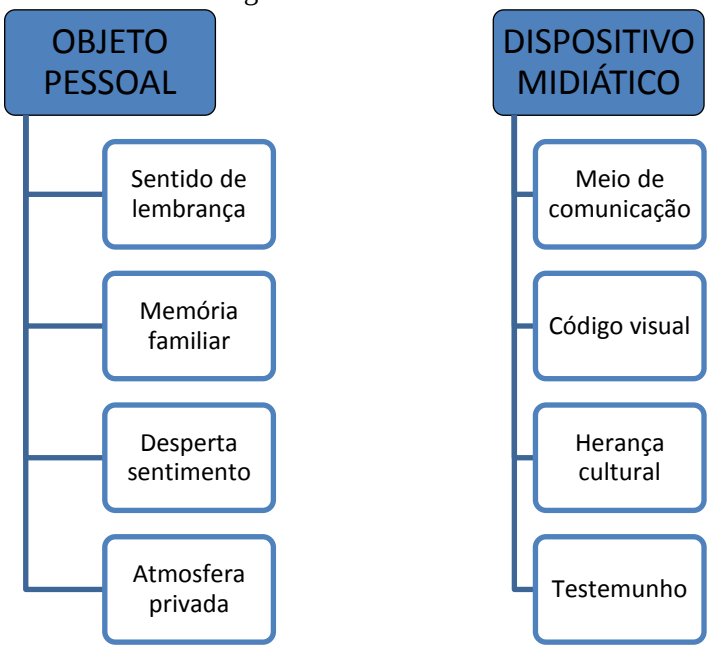
Além disso, representam documentos imagéticos suscetíveis a interpretações, que variam de acordo com a cultura dos grupos que a produzem e de quem as interpreta. Assim, como documentos culturalmente construídos, cabem ao pesquisador decodificar os códigos culturais e as representações memorizadas.

O conjunto de fotografias derivadas de álbuns familiares, configura uma espécie de texto imagético a fomentar leitura e entendimento, um discurso visual que evidencia a representação e a identidade em determinado espaço social. Interessam-nos certificar, nos limites apontados nesta dissertação, as fotografias de família como documentos imagéticos capazes de evidenciar a influência da religiosidade na identidade cultural presente na memória de Ji-Paraná.

3.4 A dimensão da fotografia

O marco de partida para uma compreensão mais significativa da dimensão da fotografia é a percepção de que as informações oferecidas por uma imagem fotográfica advêm do empírico. Feita esta análise, Silva (2008) orienta compreender a fotografia em duas dimensões: como objeto pessoal e como dispositivo midiático. Observe o organograma apresentado na Figura 3.

Figura 3: Dimensões da fotografia.



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

A Figura 3 sintetiza, por meio do organograma, as dimensões da fotografia propostas por Denise Teresinha da Silva (2008) em sua tese de doutorado[6]. A primeira dimensão analisa a fotografia enquanto objeto pessoal, que possui sentido de lembrança, memória pessoal, tesouro familiar.

Esta dimensão está ligada ao fato da fotografia ser conceituada como uma relíquia doméstica que percorre os tempos de geração a geração. É assimilada como lembrança particular e tem a marca da personalidade de alguém, ou dos sentimentos que estão presentes na sua narrativa. Na maioria das vezes, é algo pessoal, antigo, como uma recordação que desperta sentimentos de saudade e nostalgia de momentos passados. Consequentemente, ela acaba sendo destinada à atmosfera privada, separada da coletividade.

A segunda dimensão analisa a fotografia enquanto dispositivo midiático. Nesta perspectiva, a fotografia passa a constituir meio de comunicação, memória coletiva, código visual, herança cultural, vínculo social, testemunho da realidade. Torna-se um mecanismo para identificar as origens de uma determinada família ou comunidade.

Esta dimensão ultrapassa conceituações técnicas, desperta indagações a respeito do comportamento humano como composição cultural, capaz de promover transformações da realidade. Por trás do materialismo da fotografia se consegue captar a existência do ser retratado, destacando aspectos como: gênero, faixa etária, condição social, profissional, enfim, variantes da vida cotidiana.

Para exemplificar o conceito de dimensão fotográfica, proposto por Silva (2008) faremos uso do documento imagético representado na Fotografia 1.

Como objeto pessoal, a imagem representada na Fotografia 1, produzida por João Costa de Vilhena, que migrou na década de 70 para a cidade de Ji-Paraná, registra a aglomeração das pessoas esperando a chegada do então Presidente da República General Ernesto Geisel. Guardada em acervo pessoal, a fotografia constitui uma lembrança do período que trabalhava como jornalista.

No entanto, enquanto dispositivo midiático a imagem apresenta mais informações. A fotografia foi feita para marcar a visita do Presidente Geisel à cidade de Ji-Paraná, no ano de 1977, em plena ditadura militar no Brasil. À época, a localidade se chamava Vila de Rondônia e pertencia ao antigo Território Federal de Rondônia. O evento aconteceu no local onde hoje é o ginásio de esportes Gerivaldão.

---

[6] Tese de doutorado de Denise T. Silva intitulada: Imigração e Gênero: construções identitárias revelada pela fotografia, onde está proposto a caracterização da fotografia em duas dimensões: objeto pessoal e dispositivo midiático.

Fotografia 1: População aguardando a chegada do Presidente Geisel em 1977 (IFRO, 2013).

Em entrevista o Sr. João Costa de Vilhena, relatou que aquele momento foi histórico, já que a visita do presidente destacou a cidade como seleiro agrícola do território. Com um olhar analítico, podemos observar na imagem, que a visita do presidente também foi um momento oportuno para o afloramento de determinadas reivindicações, como a causa dos Soldados da Borracha [7] e apoio às empresas que colaboravam com o governo federal no projeto de integração da Amazônia[8]. Evidenciando as questões políticas e sociais que podem ser contextualizadas pela imagem.

A indumentária e o modo simples e informal com que os indivíduos se apresentam na fotografia informam acerca das condições sociais e cultura estética dos envolvidos. As imagens nos permitem conhecer, a partir do estudo do meio, a dimensão histórica da fotografia e as possibilidades efetivas de utilizá-la na composição de algum conhecimento sobre o passado.

Essa forma de olhar a imagem fotográfica advém da compreensão de que, embora ela seja um documento, um testemunho ou até uma evidência histórica capaz de identificar as estruturas de pensamento e representações de certa época, não pode ser considerado reflexo

[7] Nome atribuído aos brasileiros que entre 1943/1945 foram alistados e transportados para a Amazônia, com o objetivo de extrair borracha para os Estados Unidos da América (Acordos de Washington) na II Guerra Mundial. O contingente de Soldados da Borracha é calculado em mais de 55 mil, sendo na grande maioria nordestinos. Informações disponíveis em: http://www2.correiobraziliense.com.br/soldadosdaborracha , visualizada em: 07/05/2015.

[8] A empresa de ônibus União Cascavel – Eucatur, evidenciou sua participação no projeto governamental de integração da Amazônia, sobretudo por conquistar neste período concessão para o transporte rodoviário de pessoas no Estado. Na ocasião da visita do presidente Geisel em Ji-Paraná fez questão de expor uma faixa. Informações disponíveis em: https://www.**eucatur**.com.br, visualizada em: 07/05/2015.

legítimo da realidade, esclarece Burke (2004). Sob essa orientação, constatamos que as imagens fotográficas aqui utilizadas não são apenas ferramentas, mas também recursos privilegiados de afirmação de discursos.

São textos visuais que, articulados ao texto escrito ou depoimentos, produzem o sentido que vão constituindo a História. Com Mauad (2008), entendemos a fotografia como resultado de um processo de produção de sentidos e seu uso nas ciências sociais, uma possibilidade de reflexão em meio a infinitas escolhas.

Para Le Goff (1985), a fotografia está entre os expressivos documentos para se fazer História, por se embasar em provas de que algo ocorreu. O autor constata que a fotografia permite descobrir informações pertinentes à compreensão da vida, mesmo fazendo uso do realismo. A fotografia revela a expressão do indivíduo, do objeto, do retrato, mas também a expressão da vida cotidiana.

A imagem mostra toda a grandeza do simples ato de ver, por ser um texto visual que manifesta as ações humanas. Le Goff (10995) ainda destaca que se existem provas concretas do passado e a fotografia é uma delas. Entende-se, portanto, que a fotografia se instala em um determinado momento da história e serve como fonte para a sua reconstituição. Nesse sentido, a fotografia é uma convenção e uma linguagem que é necessário conhecer e decifrar.

Roland Barthes afirmava, em: “A mensagem fotográfica” (1982), que a fotografia é uma imagem híbrida, pois é construída, em parte, por um aparelho técnico que capta um real puro e em parte, por uma mensagem com conteúdo histórico e cultural.

De maneira geral a fotografia vem da necessidade crescente de visibilidade, torna concreto o momento vivido, registra as mudanças vivenciadas num determinado tempo e espaço, de um grupo ou sociedade que ao produzir e vivenciar experiências modifica a aparência, reestruturam hábitos e condutas, criando novos padrões de comportamentos individuais ou coletivos. É um veículo importante para a preservação das lembranças, pois compõem narrativas paralelas, histórias de vida que vão além das imagens captadas pela câmera.

Em toda fotografia ocorre uma forma de paralização do tempo. Tudo o que foi escolhido e apreendido pelas lentes do indivíduo que fotografou, no momento em que foi registrado, ficará “congelado” na forma bidimensional da fotografia. A ação retratada tem o poder de “eternizar” o acontecido, mas não isenta o observador de um sentimento de ausência.

Muitos estudiosos da imagem fotográfica buscam em suas análises o encontro entre o reconhecimento e a lembrança, a compreensão sobre o que a fotografia distancia e aproxima, entre a presença e a ausência.

Em tese de doutorado Manini define como documento “a concretização de toda informação registrada (e útil, para ser guardada) independentemente de qual seja o suporte desta informação - passível de transmitir conhecimento; é o testemunho da realização da atividade humana” (MANINI, 2002, p.80). Consequentemente, a fotografia, se constitui de um documento que transmite informação.

De origem grega a palavra “fotografia” significa escrever com a luz, portanto, a expressão da própria palavra já a caracteriza como documento. A fotografia é um documento representativo que possui um suporte técnico, um referencial estético e emocional, com características objetivas e subjetivas.

Enquanto texto visual é detentora de uma narrativa, possuindo um emissor (a fotografia em si), um mediador (a linguagem fotográfica) e um receptor (o usuário). Conforme Saussure (2003) a fotografia possui um signo, um significante e um significado relacionados entre si, que transmite uma informação.

Para determinar o significado intrínseco na imagem fotográfica é fundamental a compreensão das técnicas adotadas em sua produção. Para isso, tomamos como base alguns critérios apresentados por Manini (2002) para elaboração do Quadro 2.

Quadro 2: Tipo e Finalidade intrínsecos na imagem fotográfica

Tipo / Finalidade	Características:
Estética/artística	Representada pelo belo e pelo harmonioso. Em toda fotografia há uma concepção plástica inserida, possuindo um conteúdo informacional.
De verossimilhança/ representacional	Uma fotografia pode representar melhor determinado conteúdo que outras. Assim, fazendo uso da verossimilhança, o pesquisador poderá selecionar a fotografia que melhor representa as necessidades informacionais.
Ilustrativa	Uso da fotografia para esclarecer, exemplificar, demonstrar um fato, um acontecimento. Por vezes, o próprio texto visual sobrepõe-se ao texto verbal.
Comercial	A imagem fotográfica também pode ser comercializada ou para fins publicitários ou para atender a algum processo de marketing.
De exposição / publicação	A fotografia pode ser utilizada para demonstrar uma produção artística, a produção de um evento, para fins históricos e/ou científicos na publicação de um acontecimento, uma descoberta entre outros.
Probatório	A utilização da fotografia como documento probatório, para comprovação de um acontecimento ou fato que implica num testemunho documental.
Jornalística	Tem a função de transmitir com maior eficiência o fato jornalístico, fornecendo maiores subsídios para a compreensão da notícia.

Didático/científico:	A fotografia como instrumento didático utilizado em cursos, aulas, palestras, seminários, tanto no suporte papel, como na utilização de projeção ou por meio eletrônico.

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

O semiólogo francês Roland Barthes, no livro "A Câmara Clara" (1984), defendia que a fotografia, diferentemente de outros símbolos ou representações, é capaz de replicar aquilo que ocorreu uma única vez de forma materialmente real. Segundo o autor, há uma ligação do indivíduo com a fotografia, pois a imagem revela constantemente um vestígio de uma realidade ausente, mas estará sempre presente como imagem.

Barthes ainda afirma que "fotografia não é uma reconstituição, como a arte prodigaliza, mas o real em estado passado: a um só tempo o passado e o real. [...] a fotografia é toda evidência" (BARTHES, 1984, p.59). Assim, o que se observa na fotografia existiu de fato.

A fotografia favorece um encontro com o real como afirma Philippe Dubois (1994) no livro "O Ato Fotográfico". O autor parte do princípio de que há uma "pseudopresença" da fotografia, onde as mesmas são entendidas como signos e indícios, que se inserem em um contexto de proximidade com os objetos, fatos ou pessoas que representam. Para o autor a fotografia detém um duplo atestado de presença: quem acionou a câmera (o fotógrafo) e do objeto ou pessoa que esteve diante dela no momento que a imagem foi capturada (o fotografado).

A fotografia é, portanto, representação do momento exato de criação de uma imagem, que poderá ser examinada e reexaminada por muitos observadores. A fotografia revela uma dimensão comprobatória, pois constitui uma evidência da existência de um objeto ou algo. É também uma dimensão simbólica, que promove articulações com o imaginário permitindo reflexões sobre o que foi retratado. Há, contudo uma dinâmica entre a cena registrada e o que ela agrega de memória e associações.

O fotógrafo Henri Cartier-Bresson, declara, que sempre se preocupou em capturar o momento em sua universalidade, para não deixar lacunas, reproduzindo o momento da forma mais completa possível. Segundo ele:

> De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar. Não podemos revelar ou copiar uma memória. O escritor dispõe de tempo para refletir. Pode aceitar e rejeitar, tornar a aceitar; (...) Existe também um período em que seu cérebro "se esquece" e o subconsciente trabalha na classificação de seus

> pensamentos. Mas, para os fotógrafos, o que passou, passou para sempre. É deste fato que nascem as ansiedades e a força de nossa profissão (CARTIER-BRESSON, 1971, p.21).

Essas considerações nos levam a perceber, que as representações fotográficas possuem propriedades, representadas pelos sentimentos que provocam e pelas memórias que evidenciam. A imagem material possui uma qualidade mental, sobre ela estão intrínsecas informações, contextos históricos e aspectos culturais.

O registro fotográfico passou a ser um aliado da pesquisa histórica, já que como documento embasa as análises e possibilita uma visualização de fragmentos do passado. E como todo documento, precisa ser percebida como uma produção humana, passível de manipulação, a ponto de ser utilizada como instrumento de poder.

Cabe lembrar que "o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de forças que aí detinham o poder" (LE GOFF, 2003, p. 535).

Todavia, a fotografia ainda é um documento social que requer um tratamento distinto, sobretudo no que tange as técnicas, condições de registro, as intenções que permeiam a captura, além da trajetória que marcaram a imagem. Apesar disso, não podemos negar sua contribuição para a reconstituição da memória dos lugares, dos indivíduos, do ambiente e da cultura, evidenciando suas particularidades.

O documento fotográfico tem a atribuição de produtor de informações, neste sentido, merece uma análise documental, que viabilize uma representatividade coerente com seu conteúdo. A teoria proposta por Panofsky (1979) nos auxilia na compreensão e interpretação da imagem fotográfica, a partir de níveis de descrição, por ele denominados: o nível pré-iconográfico, o nível iconográfico e o nível iconológico. Com base nesta concepção elaboramos o Quadro 3, descrevendo as características de cada nível.

Quadro 3: Níveis de descrição da fotografia

Níveis de descrição da fotografia	Características
Pré-iconográfico	Descreve, genericamente, os objetos e as ações representadas pela imagem.
Iconográfico	Descreve e classifica as imagens estabelecendo o assunto secundário ou convencional representado pela imagem.
Iconológico	É uma iconografia interpretativa, isto é, um método de interpretação do significado intrínseco do conteúdo da imagem.

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Para exemplificar os níveis, definidos por Panofsky (1979), apresentamos a interpretação da Fotografia 2:

Fotografia 2: Praça da Matriz Dom Bosco em 2000 (IFRO, 2013).

No nível pré-iconográfico podemos descrever a Fotografia 2, simplesmente como uma Igreja ou templo. Em nível iconográfico a análise nos permite identificar a igreja católica Dom Bosco no centro da cidade, identificada pelas cruzes e pela imagem do padroeiro nas torres, localizada em uma região ampla, com pouca vegetação, ladeada por construções no seu entorno. Há também a presença de um jovem estudante, portando uma bolsa e usando uniforme típico da época, cruzando a rua em frente ao templo.

No nível iconológico, a interpretação levou-nos a identificar, a evocação de uma estrutura de poder institucionalizada, marcada pela altivez. A posição em que a foto foi produzida, de baixo para cima, destacando o céu ao fundo transmitem as intenções do fotógrafo em destacar o significado religioso que o templo possui.

O espaço fotografado indica que a cidade está se desenvolvendo no entorno, marcado pela presença de construções, assim a igreja passa a ser testemunha das transformações da cidade, tornando-se presente nas lembranças de todas as pessoas da comunidade. Atua também como local de transmissão “dos bons costumes”, advertindo à sociedade os valores socioculturais morais, que deveriam ser seguidos.

Para Panofsky (1979), as fotografias possuem uma função e um conteúdo, são figurativas e também narrativas, inseridas em um contexto de produção. A descrição de uma imagem fotográfica e a extração dos seus significados não é tarefa simples. Concordamos que “a descrição de uma imagem nunca é completa” (SMIT, 1989, p.102), pois por mais

minucioso que seja seu detalhamento, sempre haverá um questionamento, algo que passou despercebido.

No campo das Ciências da Informação a análise de uma imagem fotográfica possui uma “Dimensão Expressiva”, que constitui a técnica. Esta deve estar sempre anexada a um conteúdo informacional derivado da aparência física da fotografia, da forma como a imagem se apresenta. A esse respeito Lacerda diz que:

> [...] a fotografia apresenta esses dois aspectos: imagem e objeto. Acrescentaríamos ainda um outro, estreitamente relacionado à imagem, e que diz respeito à sua expressão. Essa expressão seria a forma como uma imagem é mostrada, estando ligada a uma linguagem que lhe é própria e que envolve a técnica específica empregada, a angulação, o enquadramento, a luminosidade, o tempo de exposição, entre outros. Essas três dimensões do registro fotográfico - conteúdo, expressão e forma - é que constroem, em última instância, a mensagem que informa (LACERDA, 1993, p. 47).

A técnica fotográfica utilizada em sua produção interfere na recepção. No arranjo de uma imagem fotográfica é importante observar algumas peculiaridades, como: as partes que a compõem; a divisão do espaço fotografado, a luminosidade disposta entre claro e escuro, cores fortes e cores claras; a quantidade de elementos que compõem a cena capturada; a importância do objeto que ocupa o centro da imagem; a textura; o que está em foco ou desfocado, enfim, informações que precisam ser levadas em consideração no momento da leitura de uma fotografia.

Os elementos de composição são fatores que interveem na expressão da fotografia, contudo, não são exclusivos para a compreensão do conteúdo informacional. Não se pode desconsiderar também na leitura imagética, o olhar do fotógrafo ao produzir uma imagem, já que em tal ato produtivo se constrói significados.

O pesquisador Roland Barthes (1984) propõe uma metodologia de interpretação fotográfica, caracterizada por dois conceitos: “Studium” e “Punctum”. O “Studium” está relacionado a toda informação cultural, social e histórica que uma fotografia evidencia. Já o “punctum” se refere às emoções despertadas pela fotografia, a sensação de pertencimento que desadormece. A esse respeito o autor diz:

> A pintura pode simular a realidade sem tê-la visto. O discurso combina signos que certamente têm referentes, mas esses referentes podem ser e na maioria das vezes são “quimeras”. Ao contrário dessas imitações, na Fotografia jamais posso negar que a coisa esteve lá. Há dupla posição conjunta: de realidade e passado. E já que essa coerção só existe para ela, devemos tê-la, por redução, como a própria essência, o noema da Fotografia (BARTHES, 1984, pp.114-115).

Dentro desta perspectiva, o Historiador Bóris Kossoy, enfatiza a qualidade documental da fotografia nas obras “Fotografia e História” (2001) e “Realidades e ficções na trama fotográfica” (2002), onde a fotografia é entendida como uma partícula do ambiente, um “congelamento” do tempo e do espaço.

Assim, tal recorte temporal e espacial passa a ter uma “vida própria”, outra realidade passa a existir e a fotografia torna-se um documento, que dotado de peculiaridades estéticas constitui uma criação humana. Em outras palavras: “Temos na imagem fotográfica um documento criado, construído, razão porque a relação documento/representação é indissociável” (KOSSOY, 2002, p. 31).

Para a análise da fotografia Kossoy (2002) propõe uma desconstrução do signo fotográfico. Sugere primeiramente uma análise iconográfica que apure no documento elementos que constituem a fotografia, como: quem fotografou, para que, para quem, onde, quando e com que intensões. Assim como Kossoy (2002), muitos pesquisadores, entre eles Smit (1989) e Barthes (1982) utilizam as categorias: QUEM, ONDE, QUANDO,COMO e O QUÊ como suporte em suas análises.

O Quadro 4, elaborado com base nas considerações de Kossoy(2002), evidencia a finalidade e aplicação das categorias.

Quadro 4: Categorias de análise de imagens fotográficas

Categorias de análise	Finalidades e aplicação
QUEM?	Identificação do objeto enfocado: seres vivos, artefatos, construções, monumento, eventos, etc.
ONDE?	Localização da imagem no espaço: espaço geográfico ou espaço da imagem. Ex.: Ji-Paraná ou interior da Igreja Batista.
QUANDO?	Localização da imagem no tempo: tempo cronológico ou momento da imagem. Ex.: novembro de 1977 ou dia de chuva.
COMO? / O QUE?	Descrição de atitudes ou detalhes relacionados ao objeto enfocado. Ex.: fiéis em procissão, criança sendo batizada.

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Os questionamentos utilizados para análise são importantes para detectar as informações mais significativas, que são complementadas pelos dados relativos à dimensão expressiva. Essas informações, vão além do objeto fotografado, colocam a imagem no tempo e espaço, elucidam sua origem e podem ser legitimadas por meio de outras fontes documentais, sendo jornais, certidões, literatura, entre outros materiais produzidos na época do registro.

Feito isso, Kossoy (2002) propõe um questionamento acerca do que está ausente na fotografia, do contexto implícito, nas entrelinhas. Trata-se de uma interpretação iconológica da fotografia evidenciando as representações. Essa metodologia parte do que é visível nas fotografias para o que está invisível, portanto, necessita de uma observação analítica do pesquisador, que ao desconstruir o objeto fotográfico, reabilita a memória.

3.5 Fotografia e religiosidade

A religião é um dos meios utilizados pelo homem para explicar os mistérios e incompreensões da vida. Para isso a humanidade se organiza em grupos, estabelecendo valores, realizando rituais e implantando dogmas. Independente das características físicas, poder aquisitivo ou ambiente geográfico os indivíduos unem-se por crenças para reverenciar às divindades, nas quais depositam esperanças.

Assim sendo, é fundamental compreender a religião como um elemento simbólico que subsiste socialmente e que na perspectiva histórica desempenha papel relevante na reconstituição do passado. A esse respeito Castoriadis diz que:

> As instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico, são impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constituem cada qual sua rede simbólica. Uma organização dada da economia, um sistema de direito, um poder instituído, uma religião existem socialmente como sistemas simbólicos sancionados (CASTORIADIS, 1982, p.142).

O vínculo entre a fotografia e os aspectos religiosos é tão efetivo quanto à relação existente entre a fotografia e os conceitos de modernidade, como sugere o sociólogo José de Souza Martins:

> A fotografia não entra no Brasil pela porta estreita do moderno, escasso e limitado. Ela entra pela porta justamente larga da religião e da tradição, do papel fundante que o medo teve na religiosidade engendrada pela Contrarreforma e pelo Concílio de Trento. Mesmo que o elitismo dos difusores da fotografia faça crer que era ela um momento de constituição do moderno no país. Era muito mais, um poderoso episódio adicional da constituição da modernidade, isto é, do hibridismo cultural bifronte e duplamente orientado tanto para o passado quanto para o futuro, tanto para o sagrado quanto para o profano (MARTINS, 2009, p.77).

Cabe, portanto, um olhar mais delongado sobre as fotografias e, especialmente, sobre seus fragmentos textuais. As significações estruturais de uma fotografia ligadas à temática religiosa podem nos remeter a elementos históricos, econômicos e socais do homem devoto.

O uso, objeto e objetivo da fotografia estão relacionados. O ato fotográfico e o ato interpretativo de uma fotografia de práticas religiosas estão cobertos de fragmentos de temporalidade, da busca pelo Divino como forma de libertação das dores do mundo.

Fotografia 3: Carreata de São Cristóvão, s.d. (IFRO, 2013)

A Fotografia 3 é um exemplo de evento religioso de significativa relevância social e cultural. Trata-se da Carreata de São Cristóvão, realizada em Ji-Paraná, na década de 80. O autor da fotografia, Johannes Andreas Fuhrmann, retratou o momento em que os carros eram abençoados. Esse ritual, repetido anualmente, faz parte da cultura religiosa católica do município. Os fiéis acreditam que as bênçãos sobre os veículos podem protegê-los de acidentes. O automóvel se torna neste caso um objeto abençoado para os fiéis, que se sentem mais seguros ao dirigi-los sob as bênçãos. Percebe-se uma força religiosa no imaginário dos fiéis.

De acordo com o sociólogo Émile Durkheim (1989), além do objeto religioso apreciado em cada circunstância, a força religiosa não é peculiar no objeto, mas está associada a ele. Mesmo o objeto, não possuindo características religiosas, pode adquirir um caráter sagrado para determinado grupo de sujeitos e não para outro.

Para Roland Barthes, o atestado de presença, registrado na imagem fotográfica, a diferencia das demais imagens, sempre associadas aos signos icônicos:

> A fotografia não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi [...]. Diante de uma foto, a consciência não toma necessariamente a via nostálgica da lembrança, mas a vida da certeza: a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa [...] a fotografia é indiferente a qualquer revezamento: ela não inventa; é a própria autenticação; raros artifícios por ela permitidos não são probatórios; são, ao contrário, trucagens: a fotografia só é laboriosa quando trapaceia [...], ela jamais mente: ou antes, pode mentir quanto ao sentido da coisa, na medida

> em que por sua natureza é tendenciosa, jamais quanto a sua existência. Impotente para as ideias gerais (para a ficção), sua força, todavia, é superior a tudo o que o espírito humano pode, pôde conceber para nos dar garantia da realidade [...] Toda **a fotografia é um certificado de presença**. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família de imagens (BARTHES, 1984, pp.127-129, grifo nosso).

Nesta pesquisa os documentos fotográficos que compõem a base analítica foram retirados dos álbuns de família de munícipes que participaram do processo de colonização da região. Assim como Dubois (1994), entendemos a constituição dos álbuns de família como um "certificado de presença". Desde os corpulentos álbuns até o banco de imagens digitalizadas e difundido pela Internet, a produção fotográfica no ambiente familiar pode ter mudado seu formato, contudo as intenções e as necessidades de registros são as mesmas. Como pondera Dubois:

> Toda a prática do álbum de família vai no mesmo sentido: para lá das poses, dos estereótipos, dos clichês, dos códigos datados, para lá dos rituais de ordenação cronológica e da inevitável escansão dos acontecimentos familiares (nascimento, batismo, comunhão, casamento, férias, etc.), álbum de família não deixa de ser um objeto de veneração, cuidado e cultivado [...] abre-se com emoção, numa espécie de cerimonial vagamente religiosos, como se tratasse de convocar os espíritos. Seguramente, o que confere um tal valor a esses álbuns não são nem os conteúdos representados, nem as qualidades plásticas e estéticas da composição, nem tampouco o grau de semelhança e realismo das fotografias, mas a sua dimensão pragmática, o seu estatuto de índice, o irredutível peso referencial, o fato de se tratar de verdadeiros vestígios físicos de pessoas singulares que estiveram ali e têm relações particulares com os que guardam as fotografias. Só isso explica o culto de que são objeto as fotos de família (DUBOIS, 1994, p.73).

O olhar analítico sobre a temática que envolve tais registros fotográficos é, acima de tudo, uma relação de respeito e confiança. São imagens que nos remete à nossa cultura e à nossa história, em que a sociedade está refletida por meio de elementos visuais. Ao registrar o ato religioso os fiéis como observadores constroem mensagens semióticas de fé e crenças. Não só a fotografia, mas também os fotógrafos se incorporam ao sagrado.

Neste texto, propomos fazer uma interpretação, uma leitura de fotografias relativas ao mundo da fé na cidade de Ji-Paraná e propor uma reflexão sobre a função documental da fotografia.

Compreendemos de modo geral que, o referencial teórico apresentado constitui o embasamento que promove a articulação entre as investigações teóricas e os dados obtidos na pesquisa empírica. Contudo, não esgotamos aqui nossa abordagem teórica.

4 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES FOTOGRÁFICAS QUE RETRATAM AINFLUÊNCIA RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Nesta seção realizamos a análise, interpretação e discussão dos resultados obtidos por meio das representações fotográficas, fichas catalográficas, entrevistas e publicações sobre a história regional e local. Os conceitos e reflexões construídos a partir da seção de referencial teórico intercomunicam com a análise dos dados, com o propósito de responder ao problema da pesquisa.

A observação do material fotográfico contribuiu para delinear as características retratadas nas fotografias. Assim, procuramos dividir os documentos fotográficos em categorias que foram classificadas conforme as ocorrências. Tais documentos retratavam em sua maioria os templos, os eventos e pessoas diretamente ligadas à religiosidade e memória do município. O Quadro 5 demonstra a quantificação e classificação obtidas:

Quadro 5: Levantamento do material coletado

Fotografias	Quantidade	Características
Templos Católicos	18	Entre esses estão a Igreja Matriz, atualmente a Catedral São João Bosco, a Paróquia São José e igrejas de áreas rurais ou bairros do município.
Templos Batista	8	Templos antigos e atuais
Templos da Igreja Cristã do Brasil	3	Templos antigos e atuais
Templos da Igreja Assembleia de Deus	10	Templos antigos e atuais
Outros templos	1	Igreja Adventista
Sacramentos	30	Casamentos, Batismos, Crismas e Eucaristias.
Eventos Institucionais (festas ou cerimônias)	24	Procissões, cultos e festividades.
Ações Sociais	12	Quermesses beneficentes, mutirões e arrecadação de alimentos e roupas.
Padres e Bispo	8	Líderes da Igreja Católica.
Pastores	5	Líderes das Igrejas Evangélicas
Missionários	2	Conversão dos Indígenas
TOTAL:	121	

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Os dados coletados foram organizados em três categorias de análise, dentro da proposta de análise categorial de Bardin (1979), sendo elas: (A) As representações fotográficas dos templos que compõem a memória de Ji-Paraná; (B) As representações

fotográficas dos eventos religiosos que revelam a memória e identidade dos ji-paranaenses; (C) O papel dos líderes religiosos na construção da identidade religiosa do ji-paranaense.

Dividimos as categorias de análise em subcategorias para nos auxiliar na tabulação e a apresentação dos resultados, bem como, a análise do presente estudo, conforme o Quadro 6.

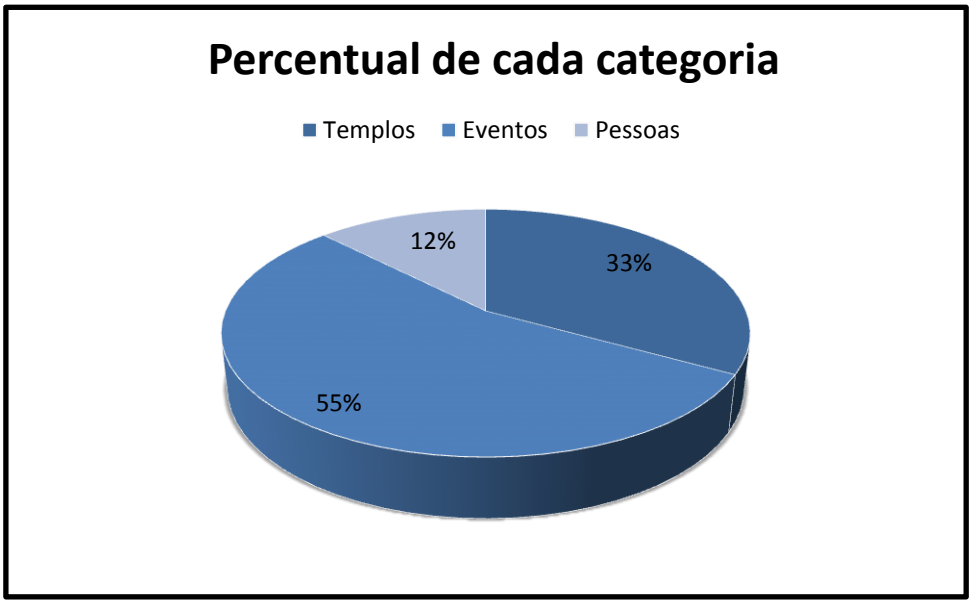
Quadro 6: Categorias e subcategorias de análise do estudo.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	CONTEÚDOS
TEMPLOS	TEMPLOS CATÓLICOS	(A) As representações fotográficas dos templos que compõem a memória de Ji-Paraná
	TEMLOS BATISTAS	
	TEMPLOS DA IGREJA CRISTÃ DO BRASIL	
	TEMPLOS DA ASSEMBLEIA DE DEUS	
EVENTOS	EVENTOS SACRAMENTAIS	(B) As representações fotográficas de eventos religiosos que revelam a memória e identidade dos ji-Paranaenses.
	EVENTOS INSTITUCIONAIS (Festas e Cerimônias)	
	AÇÕES SOCIAIS	
PESSOAS	PADRES e BISPO	(C) O papel dos lideres religiosos na construção da identidade do ji-Paranaense.
	PASTORES	
	MISSIONÁRIOS	

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Assim com base nos documentos fotográficos classificados obtivemos o percentual distribuído por categorias, destacado no Gráfico 2.

Gráfico 2: Percentual distribuído por categoria.



Fonte: Banco de dados da autora (2015).

Percebemos que 55% dos documentos fotográficos analisados, enquadram-se na categoria Eventos. Esta categoria se caracteriza por evidenciar as cerimônias, festas, ritos e ações sociais entre os fiéis. Entendemos que tais eventos constituem passagens de relativo significado na vida dos fiéis e, por isso, foram preservadas pelos fiéis em arquivos pessoais.

Contam-se 33% das fotografias analisadas que representam os templos onde os fiéis reúnem-se para professar as crenças. Notamos que há um grande respeito dos fiéis por estes locais, confirmados nas imagens que guardam em seus álbuns. Com menor representação, mas não menos relevante para este estudo aparece às figuras dos líderes religiosos, com 12% dos documentos fotográficos na categoria de líderes religiosos.

A Tabela 1 apresenta o inventário dos documentos fotográficos analisados neste estudo, por meio de uma organização temporal. O período em que os documentos fotográficos foram produzidos direciona esta análise na compreensão dos fatos e na trajetória histórica do município.

Tabela 1: Inventário do material fotográfico por décadas.

CAT.	INVENTÁRIO/FOTOGRAFIAS	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	A partir do ano 2000	TOTAL
TEMPLOS	**Templos Católicos**	3	2	4	5	4	18
	Templos Batistas	3		1	1	3	8
	Templos Assembleia de Deus	1	2	4	1	2	10
	Templos Cristã do Brasil				2	1	3
	Outro					1	1
EVENTOS	**Batizados**	2	3	2	2	1	10
	Crismas			2	3	1	6
	1ª Eucaristias		2	1	2		5
	Casamentos		4	2	2	1	9
	Festas Religiosas		4	3	3	4	14
	Cerimônias Religiosas	1	4	1	3	1	10
	Ações Sociais	1	2	3	3	3	12
LÍDERES	**Padres**	1		2	2		5
	Bispo			1	1		2
	Freira				1		1
	Pastores	2	1	1	1		5
	Missionários		1	1			2
	TOTAL	14	25	28	32	22	121

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Observando a Tabela 1, notamos que os primeiros registros fotográficos analisados são da década de 60. Estes registros apresenta-se em menor quantidade (total de 14 fotografias) se

comparados aos registros de outras décadas. São, contudo, dotados de amplo significado. Evidenciam a relação dos indivíduos com a fé em um período histórico marcado por migrações, disputas e privações.

O número mais expressivo de fotografias (32 e 28 fotografias) retratam as décadas de 90 e 80, respectivamente. Atribuímos a esses números o acesso dos indivíduos a mecanismos de captura fotográfica, situação identificada nas informações referente aos créditos presentes nas fichas catalográficas das fotografias.

Os documentos indicam que a autoria das fotos pertence a membros da família, descartando a figura de um fotógrafo profissional. Agrupamos aos dados, o fato de que partir dos anos 80 as câmeras fotográficas passaram a ter um custo mais baixo, possibilitando a aquisição do equipamento pelas famílias.

Na Categoria Templos, o maior número de registros evidenciados na Tabela 1, ocorre a partir do ano 2000. Informações contidas nas fichas dos documentos fotográficos deste período, revelam a intenção dos fiéis em fotografar os templos após reformas, inaugurações ou edificações. Logo, identificamos a relação com mudanças promovidas na arquitetura dos templos, que ofereceu maior beleza estética ao cenário religioso, razão pela qual se justifica, entre outras percepções, tais produções fotográficas.

Os eventos religiosos, sejam eles festivos ou rituais, estão sempre preservados nos álbuns de família. As imagens dos ritos da vida religiosa caracterizam entre outras coisas, vivências que definem os ciclos da vida em família. Do mesmo modo este estudo constata um padrão relativamente homogêneo de fotografias ligadas a eventos religiosos em todos os períodos analisados na Tabela 1, por constituírem, sobretudo, etapas de existência dos fiéis no ambiente religioso.,

Contudo, as representações fotográficas que nortearam esta pesquisa serão discutidas e analisadas de forma mais abrangente nas subseções que dão prosseguimento a esta investigação. Porém, julgamos fundamental inserir nesta abordagem, a contextualização histórica que delineia a religiosidade local, a fim de articular a compreensão do material fotográfico analisado, com o reconhecimento dos elementos formadores da identidade cultural e religiosa do município de Ji-Paraná/RO.

4.1 Contexto Histórico da religiosidade em Ji-Paraná

Ji-Paraná é município do Estado de Rondônia, localizado na porção centro-leste. A cidade é dividida em dois distritos, separados pelo Rio Machado. É conhecida por "Coração

de Rondônia", em razão de estar localizada na região central do Estado, e ainda, pela presença de uma ilha com o formato que lembra um coração (Fotografia 4), localizada na confluência dos rios Machado e Urupá.

Fotografia 4: Vista aérea da Ilha do Coração, na cidade de Ji-Paraná/RO. Fonte: http://rondoniaweb.jimdo.com/hidrografia/

O nome do município é de origem tupi, significando "grande rio dos machados", através da junção de *yî* (machado) e*paranã* (grande rio). É uma alusão ao grande número de pedras que se parecem com machados indígenas.

Figura 4: Mapa com a localização de Ji-Paraná no Estado de Rondônia.

Fonte: http://mochileiro.tur.br/ji-parana.htm

A Figura 4 apresenta a localização geográfica de Ji-Paraná no contexto do território do Estado de Rondônia, indicada na cor azul.

Desde a década de 40, no então Território Federal do Guaporé[9], a religiosidade sempre esteve relacionada aos infortúnios vividos por seringueiros, garimpeiros ou colonizadores que por aqui chegaram. A contar do período Imperial, foi contínua e forte a presença de missionários católicos na evangelização de povos indígenas, nas proximidades do Rio Machado, marcadamente pelas ordens salesianas e posteriormente por missionário da Missão Novas Tribos do Brasil [10].

A partir de 1877, registram-se também presença dos primeiros colonos nordestinos ocupando a localidade. Neste período a extração do látex da seringueira constituía a principal atividade econômica. Contexto em que os primeiros missionários deram início aos contatos com os nativos objetivando promover o que eles chamavam de "aculturação", menosprezando equivocadamente as práticas religiosas, os hábitos e costumes dos indígenas, erroneamente caracterizadas como inferiores e pagãs.

No entanto, devemos considerar de outro modo, o interesse econômico sobre a região, onde já se projetavam a organização administrativa do emergente povoado que nascia à margem do Rio Machado.

Não podemos negar que a presença desses religiosos marcou o advento da História de Ji-Paraná, não só no contexto religioso, mas, sobretudo no arranjo administrativo. Em 1883, a administração do "Rio Machado", como era denominada a localidade, estava na responsabilidade do Frei Iluminato, pertencente à congregação dos padres salesianos, que transferiu a administração para Amâncio Farias da Cruz, fato relatado no livro "Desbravadores", de Vitor Hugo (1959). Para o autor, os salesianos foram os desbravadores da região Amazônica, desconsiderando a presença muito mais remota dos nativos, que eram reputados como silvícolas incompatíveis à civilização.

---

[9] A formação territorial de Rondônia se inicia com a criação do território Federal do Guaporé, através do Decreto nº 5.812, de 13 de setembro de 1943. Situado a Noroeste do Estado de Mato grosso e ao Sul do Estado do Amazonas, foi constituído por terras desmembradas dessas mesmas unidades da federação. De Mato Grosso, foi retirado o município de Guajará Mirim e partes dos de Alto Madeira e Mato Grosso e do Estado do Amazonas, os municípios de Porto Velho e parte de Humaitá. Em 1956, o Território Federal do Guaporé teve sua denominação alterada para Território Federal de Rondônia, como homenagem ao marechal Cândido Mariano Rondon, através da lei 2.731, de 17 de fevereiro de 1956. O Território foi elevado à categoria de Estado, através da Lei Complementar nº 41, de 22 de dezembro de 1981. (TEIXEIRA, 2001)

[10] Missão Novas Tribos do Brasil, uma agência missionária de caráter indenominacional que atua no processo de evangelização dos povos da Amazônia e Mato Grasso desde 1944, promovendo assistências nas áreas de saúde, educação e desenvolvimento comunitário.

Por outro lado, conforme nos alertam Souza e Dantas (2005), no artigo intitulado: Experiência, subjetividade e escrita histórica em Vitor Hugo, que mesmo concebendo a catequese como elemento civilizador, a obra de Vitor Hugo, promoveu a divulgação de peculiaridades sobre a região, que permitem a compreensão sobre o cotidiano dos povos nativos, dos caboclos ou seringueiros, dos religiosos e da população em geral.

De forma abrangente, foram esses missionários que prepararam terreno para outras obras evangelizadoras que ocorreram na região.

No mesmo momento a economia local decaía com o final do primeiro ciclo da borracha, desencadeando na emigração de muitos seringueiros. Apesar disso, a permanência de missionários na região foi mantida e reforçada com o estabelecimento da linha telegráfica de Marechal Rondon.

O local onde foi construída a estação telegráfica, denominada de Presidente Afonso Pena, no ano de 1909, passou a ser o centro administrativo da localidade. Ao lado, agregada à jurisdição administrativa, foi construída em madeira a primeira igreja católica da Vila de Rondônia, reafirmando a presença dos missionários salesianos, enquanto poder religioso institucionalizado.

Em 1943, o presidente, Getúlio Vargas criou o Território Federal de Guaporé, instalando os municípios de Porto Velho e Guajará-Mirim, além de vários distritos, dentre eles o Distrito de Vila de Rondônia (como era chamado à cidade de Ji-Paraná na época), com cerca de 1.100 habitantes.

A partir de 1950 ocorre a descoberta de diamantes no Rio Machado, dando início à atividade garimpeira na região. Em 1952 a vila recebeu o primeiro administrador do Distrito, Sr. Abel de Oliveira Neves. Nascido na Paraíba veio para a Amazônia para trabalhar como soldado da borracha, transferindo-se mais tarde para Vila de Rondônia, atraído pela ideia de encontrar diamantes.

Sua História na localidade foi marcada por vários momentos e fatos que serviram de base para a produção memorialista: “A Caminho de Ji-Paraná”, com primeira edição publicada em 1985. Embora não seja uma produção de cunho científico, as experiências relatadas nos enchem de informações para a compreensão do contexto histórico da Vila de Rondônia.

Vila de Rondônia, passou, em 1977 a se chamar Ji-Paraná, quando se tornou Município através da Lei 6.448, de 11.10.77, durante o governo do presidente Ernesto Geisel. O nome escolhido foi em homenagem ao rio que atravessa a cidade, dividindo a sede

administrativa em dois setores urbanos. Em 22 de novembro ocorreu então a instalação oficial do município.

Em sua constituição história a região, como um todo, foi marcada por várias ondas migratórias. A migração de grande número de pessoas do nordeste, centro-oeste e do sul do Brasil para a Amazônia, a partir da década de 50 e até hoje pode ser metaforicamente comparada a uma imensa peregrinação em direção à terra prometida. A propaganda governamental, intensificada durante a ditadura militar e fortalecida pela ideia de integrar para não entregar[11], difundiu um ideário de oportunidades, de acesso a terra e às riquezas amazônicas.

Partindo dessa ótica, a relação entre migrações e dimensão religiosa aponta a religião como recurso simbólico para o processo de integração dos migrantes no novo ambiente que os acolheu. Em outros termos, o grande contingente populacional proveniente de outras regiões brasileiras trouxe em sua bagagem elementos religiosos que contribuíram para a construção da identidade cultural do Ji-Paranaense.

Esse processo de migração dos fieis foi promotor de uma mobilidade religiosa capaz de alargar as fronteiras simbólicas para atender aos desafios impostos no contexto da colonização desta região.

O sociólogo Enzo Pace (2009) defende que as religiões são sistemas viventes que se transformam quando em contato com o ambiente social, religioso e cultural. Desta forma, nos sistemas religiosos analisados encontramos elementos de interação e pluralidade. Em suas palavras:

> [...] as religiões são como grandes compassos: partem de um ponto gerador e depois, à medida que se abrem em círculos cada vez mais amplos, aceitam os caminhos sempre novos dos ambientes que se alteram (culturas, populações, línguas distintas) (PACE, 2009, 12).

A virtude da abordagem defendida por Enzo Pace é evidenciar a religião como um processo interativo e dinâmico integrado ao contexto histórico e cultural em que se insere. Os indivíduos permeados no ambiente religioso das várias instituições existentes em Ji-Paraná, em geral, desejam legitimar as escolhas e compreender os acontecimentos cotidianos amparados nas crenças. A religião, nesta perspectiva, conforme esclarece Hans Küng, pode ser interpretada como um “sistema de coordenadas justificado de maneira transcendente e

[11] O Plano de Integração Nacional foi um programa de cunho geopolítico criado pelo governo militar brasileiro, com objetivo de ocupar os vazios demográficos amazônicos com o excedente populacional de outras regiões. O lema "integrar para não entregar" era utilizado como discurso nacionalista. Além disso, era difundida ideia de que era preciso proteger a floresta contra a “internacionalização”.

atuante de forma imanente, em relação ao qual o homem se orienta intelectual, emocional e existencialmente" (KÜNG, 1986, p.9). A religião se torna um componente norteador, que direciona e fundamenta os acontecimentos da vida.

Em todo o tempo, no processo histórico da região, figuras religiosas intercalavam-se na respeitável tarefa de evangelizar. Uma das figuras de grande influência na localidade segundo antigos fiéis, um indivíduo de notável fervor religioso foi o padre alemão Adolpho Rohl. Tendo chegado ao distrito no ano de 1949, desempenhou relevante papel na divulgação da fé cristã entre os moradores e povos indígenas. Sua dedicada atuação foi fundamental para a consolidação do distrito.

Outro personagem merecedor de destaque no campo da formação religiosa dos antigos moradores de Ji-Paraná foi o pastor Paulo Bellington, acompanhado de sua esposa Dóris que aqui chegaram em 1963. Atuando como missionários da Igreja Batista deram início a conversão de muitos fiéis e deixaram como herança cultural princípios e ensinamentos que são adotados por seus adeptos na época atual.

No ano seguinte, o pastor missionário Horst Stute e sua esposa Annette Stute vieram para Vila de Rondônia, participando da "Missão Novas Tribos do Brasil", que tinha como objetivo o ensino religioso aos índios. Dedicaram-se amplamente ao proselitismo religioso adotando para tanto, o estudo da língua indígena, à alfabetização, tradução da bíblia e assistencialismos, inclusive a promoção de atendimentos na área da saúde.

Estes são apenas alguns exemplos de ações evangelizadoras determinantes para a constituição religiosa do município. Experiências que serão tratadas de forma mais elaborada na Subseção 4.4, que aborda o papel dos líderes religiosos na construção da identidade cultural do ji-paranaense.

No entanto, não podemos deixar de frisar, que a chegada de igrejas missionárias de origem protestante provocou e continuam provocando a quebra do monopólio religioso da Igreja Católica, promovendo, de certa forma, uma pluralização de conceitos religiosos visíveis nos dias atuais.

Fotografia 5: Os Zoró na Igreja. Foto: Lars Lovold, 1981.
Fonte: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/zoro/2067

A presença desses missionários foi determinante para a transformação e constituição da atual identidade religiosa não só dos migrantes e colonizadores, mas especialmente dos indígenas.

A Fotografia 5, evidencia a transformação religiosa promovida pela ação missionária católica na tribo dos Zoró, registrada em 1981 pelo pesquisador Lars Lovold. Contudo, as ações missionárias evangélicas tiveram mais êxito sobre os povos indígenas da região.

A conversão ao evangelismo, sobre influência da "Missão Novas tribos do Brasil" e também da Igreja Batista levou maciçamente os Zoró a abandonar boa parte das práticas xamânicas e as concepções cosmológicas que integravam o modo tradicional de compreensão de elementos por eles considerados sagrados.

Curas espirituais, cultos e rezas são hoje ensinadas por pastores indígenas. Muitas narrativas bíblicas foram traduzidas e memorizadas na língua materna[12], constituindo a base dos novos juízos morais impostos pela conversão. A esse respeito o antropólogo João Dal Poz (2009), no artigo intitulado "Cosmologia e Religião - Os Zoró" diz:

> Cultos, rezas e curas espirituais são hoje ministradas quase diariamente por pastores indígenas, cujo treinamento e orientação encarregam-se os missionários da MNTB[13], ora sediados em Ji-Paraná (RO). As narrativas bíblicas, traduzidas e memorizadas na língua materna, são evocadas em sermões e solenidades públicas, bem como servem aos novos juízos morais e preenchem a conversão doméstica. Ápice do processo de transfiguração por que passa a cultura zoró, os batismos coletivos, por meio da imersão dos iniciandos em lagos ou rios, assinalam a substituição do demiurgo Gorá, o inventor do mundo, dos homens e dos bens culturais para os povos tupi-

[12] Os Zoró falam uma língua da família Mondé, da qual também fazem parte as línguas Cinta-Larga e Gavião. A denominação desta família linguística deve-se a um grupo de 25 índios "mundé" que o antropólogo Lévi-Strauss visitou em 1938 no Estado de Rondônia (Lévi-Strauss, 1955)
[13] MNTB é a sigla utilizada para Missão Novas Tribos do Brasil.

> mondé, pelo Deus cristão professado pelos evangélicos batistas. (DAL POZ,2009, p.3).

Ainda segundo o autor, tal alteração é justificada no contexto em que foi executada. Consta que epidemias de coqueluche e hepatite favoreceram a adesão entusiasmada dos Zorós. O auxílio dos missionários, no enfrentamento das epidemias, que indiretamente aliavam a eficácia da medicina ocidental às preces cristãs de cura, ofereceu a esses indígenas a segurança religiosa que necessitavam.

Neste sentido, concordamos com a pesquisadora Lediane F. Felzke, que a "assistência é encarada como um primeiro passo no trabalho de conversão" (FELZKE, 2014, p. 34). A exemplo do povo indígena Zoró, o povo Gavião, igualmente permitiu a penetração dos dogmas cristãos, que metamorfosearam a identidade religiosa do grupo. A pesquisadora, acerca do povo Gavião, acrescenta que:

> Desde o princípio do contato interétnico, a forma aberta com que os Gavião se submeteram aos trabalhos nos seringais, negociaram com marreteiros, se comunicaram com militares, padres salesianos e, por fim, estabeleceram relações duradouras com os missionários reafirma a 'abertura para o outro'[14] dos povos ameríndios (FELZKE, 201?, p.28).

Essa "abertura para o outro" permitiu, de certa forma, a imposição da cultura religiosa cristã sobre as práticas xamânicas praticadas tradicionalmente. Entretanto, Cloutier (1988) acrescenta que, entre os Gavião, povo de origem indígena que integram a Região de Ji-Paraná, a conversão não se manteve totalmente, aos poucos foram abandonando a nova religião voltando a celebrar as festas xamânicas.

Cabe destacar que no último censo populacional do ano de 2010, os dados oferecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registram a existência no município de Ji-Paraná de 1.148 seguidores das tradições religiosas indígenas.

Outra instituição estabeleceu bases de referência para o contexto histórico-religioso de Ji-Paraná: a Igreja Assembleia de Deus. Sua presença no município data de maio de 1964, quando o Pastor João Pereira de Oliveira reuniu um grupo de pessoas para dar início às ações de conversão. Os primeiros batismos e ceias foram realizados sob a jurisdição de Porto Velho. Somente em 1974 a Igreja foi emancipada graças aos esforços do Pastor Manuel Cassimiro de Oliveira.

---

[14] A utilização da expressão "abertura para o outro" é utilizada pela autora para fazer referência à obra: História de Lince de Lévi-Strauss (1993).

Esta breve abordagem histórica foi pensada como mecanismo de contextualização a esta investigação. Não obstante, as informações estatísticas também oferecem suporte para o entendimento desta análise.

Dados oferecidos pelo IBGE no censo populacional de 2010 apontam que no município, 47.300 pessoas se declararam católicos, enquanto que 45.727 se declaram evangélicos. Levando em consideração que a população total é de 116.610 habitantes, os números apresentados pelo órgão estatístico revelam que aproximadamente 80% da população deste município seguem religiões resultantes do Cristianismo.

As religiões que serviram de base para esta pesquisa são: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Evangélica Pentecostal Assembleia de Deus, Igreja Evangélica de Missão Batista e Igreja Evangélica Pentecostal Cristã do Brasil. Os dados apresentados na Tabela 2 nos auxiliam na compreensão deste estudo, na medida em que indicam a representatividade dessas religiões no município.

Tabela 2: Religião - Número de adeptos das religiões analisadas, em Ji-Paraná/RO.

RELIGIÃO	DOUTRINA	IGREJA	NÚMERO DE ADEPTOS	PERCENTUAL (%)
CATÓLICA	Apostólica Romana		47.300	40,5
EVANGÉLICA	Evangélica de Missão	Batista	6.440	5.5
	Pentecostais	Assembleia de Deus	14.911	12.7
		Cristã do Brasil	2.061	1,7
	Outras		22.315	19.1
	Total de evangélicas		45.727	39.2

Fonte: IBGE censo 2010.

A descrição de variadas presenças e práticas religiosas na constituição histórica de Ji-Paraná ratificam as teorias anteriormente apresentadas neste referencial teórico. De fato, a religiosidade exercia grande força na vida das pessoas, nos anos que marcaram os processos migratórios para o Estado de Rondônia e na Amazônia como um todo.

A relação com o Divino, em variadas circunstancias, foi registrada sob o olhar de câmeras fotográficas. Foram tais documentos fotográficos que nos encantou e motivou na busca pelo entendimento das relações sociais, culturais e identitária integradas à religiosidade local.

4.2 Categoria 1 - As representações fotográficas dos Templos que compõem a memória de Ji-Paraná.

O templo, como ambiente físico, é um parâmetro sagrado crucial em uma religião, frequentemente associado à prática do culto. Por motivos teológicos, culturais ou históricos, são altamente reverenciados pelos seguidores dessas religiões.

Os participantes da pesquisa, na maioria das entrevistas relatam que o Templo constitui um ponto de referência. Conforme podemos observar na fala de determinados participantes da pesquisa:

> A igreja para mim é a casa do senhor, casa de oração. O lugar onde a gente vai e adora a Deus e encontra a nossa espiritualidade, encontra-se com Deus (FI 02).
>
> A igreja é o local onde a gente se encontra para celebrar nossa fé, é um ponto de encontro de toda a comunidade (FI 03).
>
> É um lugar onde a gente sente paz, onde vai buscar um auxílio para os problemas e para ganhar força para passar a semana em paz. É lá que a gente centraliza nossa vida (FI 05).
>
> O templo é um ponto de encontro, um ponto de convergência, onde o crente se sente identificado com determinado grupo (LR 01).
>
> Lugar de comunhão com os irmãos, encontro com Deus, através da palavra e da Eucaristia. Estar nesse ambiente de oração em comunidade nos leva a uma maior intimidade com nosso Salvador e nos possibilita uma reflexão, louvor, adoração, pregação e ensinamentos (FI 13).
>
> O templo acaba sendo um referencial, um visual, uma imagem que fica gravada na vida das pessoas, das crianças como sendo a igreja dele (LR 05).
>
> É uma coisa concreta, que materializa a identificação da fé com aquele local. É onde a pessoa reúne e recebe um ensinamento de fé. O indivíduo se sente muito identificado com o templo (LR 03).
>
> O templo tanto os evangélicos, como para o terreiro de candomblé, como para a igreja católica é um ponto de referência, onde se juntam para celebrar a fé. Por isso que geralmente se coloca no meio de um comunidade, bem central. Um templo é a referência onde se juntam para manifestar a fé (LR 02).
>
> Em geral, as pessoas reconhecem o templo, como um lugar para adorar a Deus (LR 04).

Verificamos que sobre o ponto de vista dos entrevistados, o templo, como espaço físico, é a referência sagrada. Em algumas falas ocorreram relatos da importância dos templos em passagens bíblicas. Nesses casos, os participantes do estudo usam a Bíblia Sagrada como

referência para legitimar os sentimentos em relação aos ambientes identitários. As contribuições apresentadas pelos participantes da pesquisa foram:

> Na Bíblia é chamado de igreja local. Porque existe dois termos para Igreja na Bíblia: uma é a igreja Universal que é todos os filhos de deus de todos os lugares. Essa não tem pastor, não tem CNPJ, não tem nada. Agora existe a igreja local que é representada teologicamente pelos crentes que reúnem naquele local (LR 01).
>
> O templo é uma construção do povo da Bíblia. Desde aquele tempo a construção de um templo era sagrada. Toda religião tem um lugar sagrado para praticar a fé (FI 05).
>
> O templo é importante porque até a Bíblia fala disso. O Templo de Salomão, por exemplo, foi construído para dar continuidade das tradições naquele tempo. Foi importante que até hoje as pessoas falam desse templo. Então, nós também temos nosso templo nos dias de hoje (FI 14).
>
> Foi o próprio Deus, Jeová, que mandou construir um templo para seu povo adorar ele. Está lá na Bíblia isso! Começamos com uma igreja humilde mesmo, de madeira e coberta com palha. Mas era o templo para adorar o Senhor. Tenho até uma fotografia do nosso primeiro templo e dos outros também. [...] Até da igreja nova eu tenho (FI 12)!
>
> Mas na Bíblia, o templo é qualquer lugar onde duas ou mais pessoas se reúnem em nome do Senhor. [...] A ideia é de que no templo Deus nos visita, mas ele está em todo lugar (LR 04).

Em busca dessas evidências citadas pelos fiéis, encontramos no Antigo Testamento (BÍBLIA, 1982), que Jeová, deu instruções categóricas para a construção de um santuário para que os crentes pudessem idolatrá-lo de forma mais representativa. Tanto em ambientes simplórios, como em magníficos templos esses locais representavam para seus seguidores a presença de Deus em meio ao seu povo.

Várias passagens bíblicas demonstram o grande fascínio que a casa de Deus exerciam sobre seus adeptos (Sl 65.5; 84.1-2,10; 134.1-2; Is 6.1-4). Esse fascínio está presente no livro de Salmo (Sl 27. 4-5).:

> Uma coisa peço a Javé, e só esta procuro: é habitar na casa de Javé todos os dias de minha vida, para gozar a doçura de Javé e contemplar o seu templo. Pois ele me oculta na sua cabana, no dia da felicidade; ele me esconde no segredo de sua tenda e me eleva sobre uma rocha (BÍBLIA,1982).

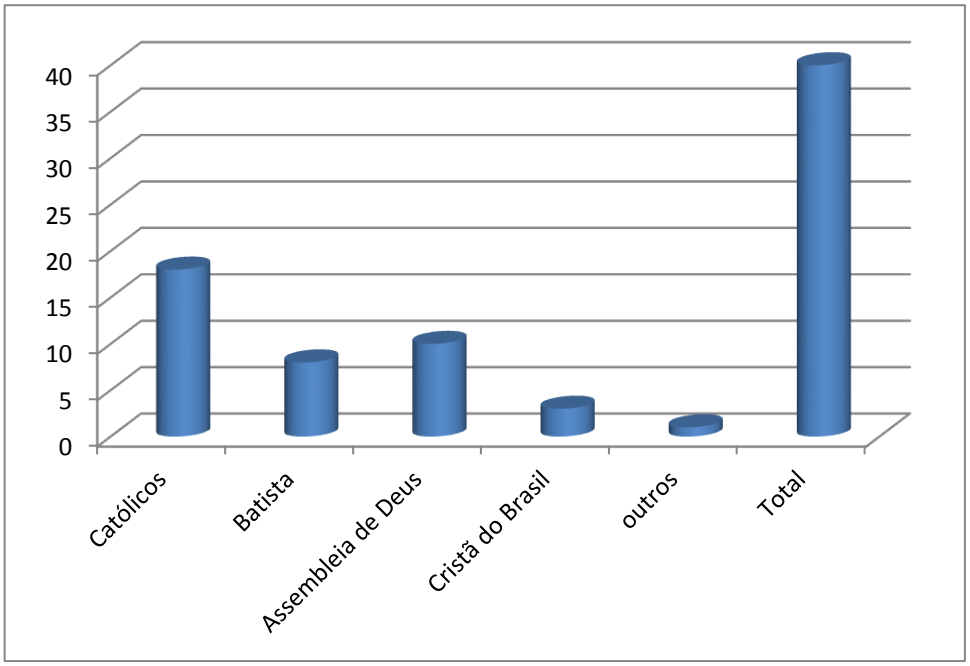
Percebemos com a fala dos entrevistados e as referências bíblicas que o templo é um elemento que está ligado diretamente à identidade religiosa, que compreende um espaço sacralizado, que fomenta uma teia de práticas e discursos que incentivam o ser humano à transcendência religiosa, liberando emoções e ideias que fornecem um sentido ao sagrado.

Os templos para os declarantes deste estudo representam um lugar imaculado, virtuoso e acima de tudo respeitável. É também um local de encontros e socializações, permeado pelas trocas de experiência e comunhão de uma crença em comum. Por esta razão, os fiéis procuram guardar lembranças desses locais sagrados. Recordações armazenadas em fotografias são numerosamente comuns nos álbuns familiares.

A fala do entrevistado FI 12, indica a preocupação em guardar provas materiais (fotografias) dos templos que compõem a História de sua Igreja no município. Mas também deixa evidentes, as transformações que ocorreram na história de sua Igreja, que vão desde uma construção simples de madeira, coberta com palhas até os templos mais recentes, com edificações mais modernas.

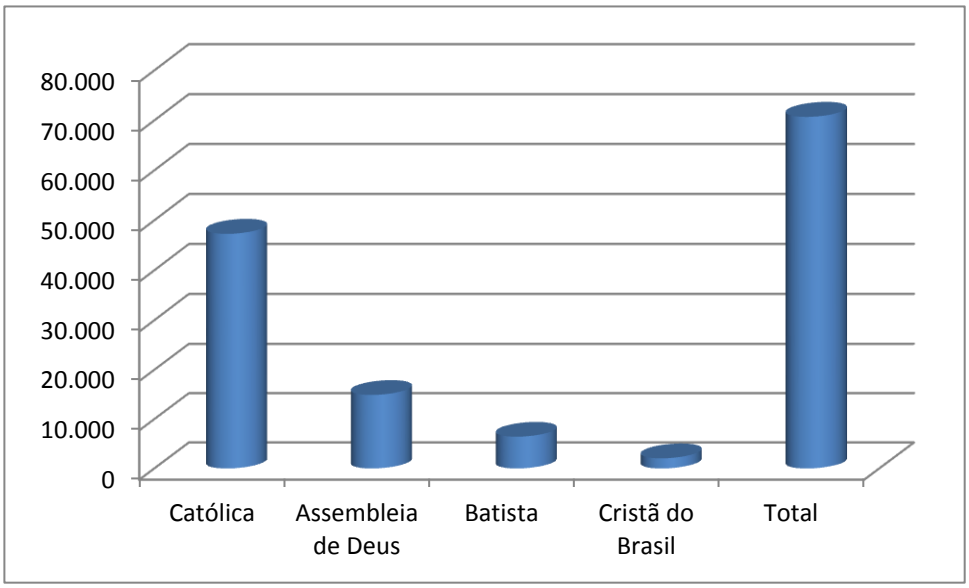
No que tange a realidade investigada, observamos com base nos dados do Censo 2010 do IBGE, que as religiões com maior número de seguidores do município de Ji-paraná são originalmente derivadas do cristianismo (ver Tabela 2). Sendo elas: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Batista, Igreja Assembleia de Deus e Igreja Cristã do Brasil. Não obstante, o material fotográfico analisado também destaca, numericamente, as mesmas organizações religiosas, dispostas no Gráfico 3.

Gráfico 3: Documentos fotográficos de Templos



Fonte: Banco de dados da autora (2015)

Gráfico 4: Número de fiéis das religiões analisadas em Ji-paraná



Fonte: IBGE censo 2010.

Esta categoria de análise não pretendeu a divisão do conteúdo analisado das religiões, apresentando características distintas entre elas. Nosso intuito foi evidenciar no material fotográfico analisado características, contextos histórico-culturais, elementos constituintes da memória e componentes identitários.

Comparando o material fotográfico analisado, representado no Gráfico 3 com os dados correspondentes ao número de fiéis das igrejas em Ji-Paraná, presentes no Gráfico 4, observamos que as representações fotográficas coletadas atestam a amplitude e dimensão desses locais de fé na vida dos cristãos. Todavia constatamos que embora o número de fiéis Católicos seja bem superior aos fiéis das outras igrejas, as representações dos templos evangélicos que foram encontradas, guardadas em álbuns familiares, quando agregadas, somam uma quantidade maior de representações.

Os dados apresentados nos Gráficos 3 e 4 são nesta pesquisa componentes auxiliares na compreensão do problema levantado. Contudo, a interpretação dos documentos fotográficos como mecanismo de valorização da memória e percepção identitária é o foco deste estudo.

As representações fotográficas dos templos localizados em regiões centrais da cidade ou em bairros nobres, tendem a valorizar inicialmente o aspecto imponente das edificações. Sandra Pesavento, historiadora que legou importantes contribuições sobre essa temática, observa em sua obra “História e História Cultural” (2005) que,

> Uma cidade é objeto de muitos discursos, a revelar saberes específicos ou modalidades sensíveis de leitura do urbano [...]. Uma cidade é também objeto de produção de imagens – fotográficas, pictóricas, cinematográficas,

> gráficas – a cruzarem ou oporem sentidos sobre o urbano (PESAVENTO, 2005, p. 80).

Inseridas no contexto urbano, as fotografias 6 e 7 evidenciam o caráter estrutural das edificações, centralizadas no documento fotográfico, com a intenção dar visibilidade ao templo. Bem estruturadas, transmitem a ideia de conforto, portanto, atrativas ao olhar.

Na paisagem urbana, ganham destaque por sua altivez e beleza. Tais características são intencionalmente construídas para atrair adeptos, ampliando o número de seguidores e a representatividade das instituições religiosas no cenário local.

Fotografia 6: Catedral Dom Bosco, 2012. Foto: Fábio Souza

Fotografia 7: Igreja Assembleia de Deus, 2014. Acervo da Igreja.

Levando em consideração características técnicas, como enquadramento, posição e luminosidade, a Fotografia 6, produzida em 2012 por Fábio Souza, mostra a parte frontal da Catedral Dom Bosco. Tirada de baixo para cima, a fotografia deste templo transmite a impressão de poder, superioridade. Podemos notar a presença de uma mulher anônima na foto, observando o templo como quem olha para o céu.

Na mesma perspectiva, a Fotografia 7, produzida em 2014, retrata Igreja Assembleia de Deus, localizada na Rua 15 de Novembro do Bairro Casa Preta[15], pertence ao acervo da igreja e também foi feita na mesma perspectiva, de baixo para cima. Entendemos que a qualidade dos elementos técnicos, na fotografia, transmite a ideia de força e imponência dos templos. Muitas vezes, a preocupação com a qualidade técnica é utilizada pelas instituições em panfletos, folhetins ou sites destacando os templos, com a intenção de divulgar os locais de culto e convidar a população local para conhecer suas práticas de fé.

---

[15] O Bairro Casa Preta na cidade de Ji-Paraná recebeu este nome em razão da existência na localidade de uma casa construída em madeira, pintada com óleo queimado. Segundo contam os moradores do bairro, o proprietário usou este mecanismo a fim de evitar o ataque de pragas que pudessem corroer a madeira como cupins e traças comuns no território amazônico. Desde então a casa passou a ser referência entre os moradores e passou a denominar o nome do bairro.

Fotografia 8: 1ª Igreja batista de Ji-Paraná, 2012.

Fotografia 9: Igreja Cristã do Brasil de Ji-Paraná, 2014.

As Fotografias 8 e 9, da 1ª Igreja Batista de Ji-Paraná, localizada no centro da cidade e Igreja Cristã do Brasil, que está situada na Rua Curitiba no Bairro Nova Brasília, respectivamente, produzidas em 2012 e 2014, foram tiradas em frente, com um posicionamento levemente em diagonal. Tecnicamente mal enquadradas, com os fios de energia dos postes da rua à mostra. Percebe-se que não houve preocupação com a luminosidade e qualidade visual.

Independentemente da qualidade técnica, as imagens dão destaque às Igrejas enquanto espaço físico, representando para os fiéis um local de comunicação com os céus. Assim, como o espaço sagrado, é um lugar qualitativamente diferente de outros, adquirindo o *status* de centro do mundo, a Igreja, ou qualquer templo sagrado, adquire também o significado de centro, pois o centro é justamente o lugar onde se efetua a pregação, onde o espaço se torna sagrado permeando a formação da identidade cultural dos indivíduos.

Os templos até aqui analisados, por meio das representações fotográficas, se encontram estrategicamente localizados em regiões centrais da cidade. A esse respeito um dos entrevistados disse:

> O templo tanto os evangélicos, como para o terreiro de candomblé, como para a Igreja Católica é um ponto de referência, onde se juntam para celebrar sua fé. Por isso que geralmente que se coloca isso no meio de uma comunidade, bem central. Um templo de referência onde se juntam para manifestar sua fé. Essa centralidade do templo a gente pode ver em toda parte (LR 2).

Inferimos que, de alguma maneira, a edificação das igrejas em pontos centrais fornecem a visibilidade necessária para alcançar o rebanho, mas também constitui uma tentativa de imposição social que indicava aos fiéis o dever a ser cumprido e a devoção a ser mantida.

É dentro dos templos que as regras de convivência e os padrões de comportamento são utilizados como instrumentos de controle dos grupos. Mas também, nestes locais são construídas as relações cotidianas, as práticas da devoção, participação em eventos e também troca de informações. Nesta categoria de análise procuramos perceber elementos de identificação. Segundo Boudieu:

> [...] isso cria um estilo de vida que dialoga com o sistema religioso que o origina e que influencia as várias dimensões da vida dos fiéis, constituindo um gosto peculiar, reconhecível por seus signos próprios (vestimenta, formas de falar, uso da bíblia, costumes e hábitos). Possuem um conjunto de práticas e de atitudes como peculiaridades e pertencentes aqueles que compões o grupo (BORDIEU apud ORTIZ, 1983, p.34).

A esse respeito, o sociólogo Emile Durkheim (1989), diz que as pessoas precisam acreditar em algo para se sentirem completas. Portanto, esse é o papel das instituições religiosas, que resulta dos sentimentos compartilhados pelos adeptos de uma mesma religião. A simbologia das religiões é muitas vezes impressa nos templos. Para ele os templos teriam a função de separar o sagrado do profano, sendo que o sagrado evoca a superioridade da coletividade sobre o indivíduo, representa ao mesmo tempo sua autoridade e seu abrigo.

Mais que uma casa de instrução dos bons costumes, a igreja é uma instituição que adverte à sociedade e impõe os valores socioculturais morais que devem ser vivenciados. Atuam também como signos de pertencimento à comunidade, marcas de formação e identidade de um grupo social, denotam uma funcionalidade simbólica.

Esta questão foi gravada nas falas dos depoentes, quando apontavam a importância da religiosidade em suas vidas. Conforme fala de entrevistados:

> A religiosidade é importante para o ser humano. Eu entendo que o que há de mais importante neste mundo é a nossa ligação com Deus. É o que nos mantém. As outras coisas são pequenas perto da importância de Deus em nossas vidas. Eu passo isso para meus filhos (FI 04).

> É muito importante, eu acho, não separar a vida religiosa da vida social. O ser humano é puramente social antropologicamente. Não dá para separar isso, não dá. É uma unidade só! Por natureza o ser humano é social. Por natureza o ser humano é histórico, antropológico e cultural. Por natureza o ser humano é religioso, então não dá para separar isso (FI 09).

> Para mim, religião é muito importante, ela norteia a vida. Ela dá um rumo para a vida, me coloca na linha. Para mim, para minha família, ela ajuda a criar meus filhos. É um caminho que sabemos onde vai chegar. É certeza. Caminhamos dentro de uma verdade que não muda, que é Jesus Cristo. Eu tenho muita segurança para o que eu quero para minha vida e o que eu quero para os meus filhos (FI 02).

> A religiosidade para mim é como uma escola que me ensina tudo que necessito para me aproximar mais de Deus. É o ponto de partida. Não se pode viver bem sem ter algo divino para acreditar. Quando a gente acredita em algo, a gente ganha força para superar os obstáculos da vida (FI 10).
>
> A religião é uma sementinha, um dia vai germinar. Guardar os sacramentos que vivemos, que é o que a igreja pede e é importante. É uma obediência à cultura da igreja. Para mim, ser católica é uma tradição em família, mas eu me encontrei nessa religião. É a minha vida. Eu acho uma igreja linda. Quanta coisa a igreja me proporcionou, quanto eu aprendi e ainda vou aprender. Buscamos viver mesmo a religião. E a gente é mais feliz assim (FI 08)!
>
> Não somos uma ilha. Todos, precisamos acreditar em alguma coisa. Até mesmo o ateu acredita na não existência de Deus, então ele acredita em alguma coisa. Mas somos, na maioria, seres espirituais e nos apegamos a determinadas crenças. Nossa vida não funciona sem a religiosidade (LR 04).

Um simples olhar para as falas acima, percebemos a incidência da palavra "Vida". Metafisicamente a vida é um processo contínuo de relacionamentos. Desta forma, entendemos que, para os sujeitos desta pesquisa, a vida está moldada ou condicionada por suas relações e crenças ligadas ao ambiente religioso.

As construções familiares, sociais e culturais buscam subsídios na fé e, por conseguinte, revelam traços identitários. Observamos também uma relação de dependência dos fiéis, que norteiam suas vidas nas práticas religiosas.

Esta dependência está explícita nas falas dos depoentes, que utilizaram os seguintes conceitos para explicar a importância da religiosidade: "o que há de mais importante neste mundo", "É muito importante, eu acho, não separar a vida religiosa da vida social.", "Para mim, religião é muito importante, ela norteia a vida.", "A religiosidade para mim é como uma escola[...]" e "Nossa vida não funciona sem a religiosidade." Tais conceituações por parte dos entrevistados deixam claro o papel da religiosidade na maneira de pensar suas vidas.

Componentes identitários como trabalho e família parecem ficar em segundo plano, ou intrinsecamente dependentes das ações religiosas que desempenham.

Parte dos sujeitos participantes da pesquisa é composta por migrantes, que tiveram seus deslocamentos migratórios relacionados aos ciclos econômicos[16], que constituem a História de Ji-Paraná. Vieram para Rondônia ou para o município a mais de 40 anos.

---

[16] Os ciclos econômicos que promoveram a chegada de migrantes à Ji-Paraná retratados, nos documentos fotográficos e nas informações históricas, foram: Ciclo da Borracha, Ciclo de Diamantes e projetos de colonização promovidos pelo INCRA.

Esses depoentes além de falar de relações com a religiosidade, também relataram as dificuldades que passaram no início da colonização ou durante os processos migratórios que o município viveu. Destacamos algumas declarações:

> Cheguei aqui em 1974. Oh! Tempinho difícil. A gente passava muita necessidade, não tinha nada, só a nossa fé em Deus e força para trabalhar (FI 03).
>
> Viemos eu e meu marido, as crianças ainda eram pequenas e não ajudavam muito nos serviços. Era tudo nas nossas costas. Trabalhamos igual burro de carga. Mas toda semana a gente juntava com outros amigos e rezava o terço, pedindo benção a Deus. Aí vencemos (FI 07)!
>
> Eu vim para cá menina, 11 anos, lá do Paraná. Ave Maria! Não tinha energia elétrica e havia um barulho de bicho à noite que dava medo. Ninguém botava os pés para fora à noite de medo das onças. Não foi fácil aquele tempo! Mas, com fé nós superamos tudo. Está todo mundo bem de vida agora. Foi Deus que nos deu forças (FI 02).
>
> Então, na quadra de baixo nós conseguimos construir uma igreja de madeira, bem feita e bem arrumada. E depois fizemos o barracão [...]. Aí queimou a igreja, a pequena. Era tempo de uma exposição da Bíblia e a noite pegou fogo, ninguém sabe o porquê (FI 11).
>
> Na época nós enfrentamos as dificuldades, foi à falta de estradas para andar nas linhas, a falta de recurso financeiro, porque as pessoas que vieram para cá eram pessoas de baixa renda. Então, nós enfrentamos dificuldades para construir, para adquirir terreno, para tudo isso. Foi difícil, mas a aceitação da palavra de Deus foi muito boa. A receptividade da nossa igreja aqui em Rondônia e em Ji-Paraná teve grande aceitação. Temos um grande número de crentes e cada dia crescendo mais" (LR 01).

De acordo com as falas coletadas e apresentadas anteriormente, inferimos que o processo de colonização do município de Ji-Paraná, foi colocado como um plano patriótico capaz de trazer prosperidade aos novos habitantes da localidade e que, acreditando neste sonho, lutaram bravamente para sobreviver a pressões subjetivas e objetivas.

Determinadas falas nos chamou atenção: "[...] pedindo benção a Deus. Aí vencemos!", "[...] só a nossa fé em Deus e força para trabalhar", "Mas com fé nós superamos tudo" e "Foi difícil, mas a aceitação da palavra de Deus foi muito boa". Estes recortes indicam que os tempos difíceis foram abrandados pelas crenças.

A credulidade no divino, na perspectiva dos sujeitos da pesquisa, deu força e coragem, foi um incentivo, quando migraram para Rondônia, para superação dos obstáculos que estas terras impuseram. Além disso, as fotografias que utilizamos na análise evidenciam também o desejo dos fiéis de guardar lembranças ou recordações dos momentos laboriosos de fé, até mesmo na construção dos templos.

As imagens espelham o Templo enquanto lugar institucional merecedor de ser exibido e reconhecido, seja pela estética ou pelo conteúdo histórico sociocultural. A passagem bíblica do livro de Romanos (16:5) que diz: “Saudai também a igreja que está em sua casa” (BÍBLIA, 1982), endossa que até mesmo os primeiros cristãos passaram por dificuldades na difusão das crenças e na implementação dos templos.

Nesta análise, percebemos que os fiéis que iniciaram a conquista deste pedaço de solo amazônico encontravam na própria escritura sagrada os incentivos para a superação, a construção dos templos e manutenção da fé.

Na constituição Histórica de Ji-Paraná percebemos, por meio das representações fotográficas, que os anos que marcaram a formação e estruturação da cidade, não foram tão afáveis para os fiéis que aqui chegavam. Muitas provações ainda compõem a memória daqueles tempos, constatadas no périplo dos primeiros fiéis da Igreja Batista de Ji-Paraná.

O primeiro lugar utilizado para as cerimônias foi à sombra frondosa de uma mangueira, como descreve o entrevistado (LR 04) em seu depoimento:

> “[...] na Avenida Marechal com a Presidente Vargas, ali tinha um pé de manga, onde tudo começou. Uma reunião com poucas famílias: três famílias e seus filhos. Logo depois foi estabelecida a Escola Bíblica Dominical. Não era à noite, tinha que ser de dia porque não tinha energia. Era ao meio dia, por isso no pé de manga porque servia de cobertura e amenizava o calor [...]” (LR 04).

Nosso colaborador nos informou, que com o passar do tempo, à mangueira que pode ser visualizada ao fundo na perspectiva da Fotografia 10, tornou-se imprópria, sobretudo em razão das intempéries climáticas que são frequentes na região, sobretudo no inverno amazônico. Além disso, o crescimento do número de fiéis levou o Juiz de paz da cidade, Dom Augusto, a oferecer sua casa para que ali fossem realizados os cultos.

Essas informações foram obtidas durante a coleta de dados e entrevista, evidenciada na Fotografia 11, que se tratava de uma casa típica da região, construída a partir de um traçado de troncos e galhos com o teto e paredes revestidas de palhas de bacuri. Apesar de pequena, servia ao propósito de levar a palavra de Deus e regular os fiéis na doutrina religiosa.

Fotografia 10: Culto para lançamento da pedra fundamental da Igreja Batista em Ji-Paraná em 1965 (IFRO, 2014).

Fotografia 11: Casa de palha, residência de Dom Augusto, 1965 (IFRO, 2014).

Sobre a perspectiva técnica utilizada para análise de documentos fotográficos, observamos que as Fotografias 10 e 11, que estão entre as mais antigas utilizadas neste estudo, são em preto e branco, comum nesta época na região e devido ao desgaste do tempo apresentam uma qualidade bem comprometida.

Convém observar que as fotografias tinham um custo elevado na década de 60, sobretudo numa vila tão afastada dos grandes centros, posto que poucas pessoas possuíam registros fotográficos. Mesmo assim, os fiéis faziam questão de registrar os momentos de fé, bem como os locais de culto.

Não há informações sobre quem foram os fotógrafos que produziram tais documentos, mas estão presentes na Fotografia 10 o Pastor Belligton, o Missionário Hort Stute, Hermenegildo, Jurandir e Dom Augusto entre outros fiéis, que, segundo o atual pastor da

Igreja Batista, Pr. Sérgio Eduardo da Silva, foram os grandes fundadores e primeiros membros da instituição, na época que Ji-Paraná denominava-se Vila de Rondônia.

Os primeiros locais de culto utilizados pelos fiéis em Ji-Paraná foram algumas residências de particulares, as conhecidas igrejas domésticas mencionadas na obra memorialista: “Os pioneiros”, do jornalista João Vilhena (2005). Os primeiros templos eram simples, estruturalmente frágeis.

As fotografias 12 e 13 foram selecionadas entre o material coletado, por caracterizarem a simplicidade e precariedade dos primeiros templos.

Fotografia 12: Primeira Igreja Assembleia de Deus em Ji-Paraná, 1964 (IFRO, 2014).

Na fotografia 12 podemos observar a parte frontal do local onde foram celebrados os primeiros cultos da igreja Assembleia de Deus em Ji-Paraná, em 1964, conforme informações cedidas pelo pastor Sadraque Muniz, que atualmente preside a congregação. O nome da igreja, na parte superior do templo foi acrescentado posteriormente, conforme relato do pastor Sadraque, devido ao desgaste da tinta que inviabilizou a identificação.

O local foi alugado até que os crentes arrecadassem recursos para a construção do templo. Despojados de recursos os fiéis se auxiliavam mutuamente, coletavam donativos e promoviam eventos a fim de custear as despesas de construção e edificação dos templos.

A fotografia 13, revela o orgulho dos fiéis da Igreja Batista, posando em frente ao templo, ainda em construção no ano de 1965. Tal orgulho é proveniente de pequenas, porém efetivas conquistas deste grupo na localidade, sobretudo considerando que as cerimônias antes da edificação do templo eram realizadas à sombra de uma mangueira.

A construção do templo denotava melhorias, avanços materiais alcançados pelos fiéis no esforço pela manutenção e fortalecimento de suas crenças.

Fotografia 13: Fiéis em frente à Igreja Batista ainda em construção 1965 (IFRO, 2014).

A imagem foi cedida pelo Pastor Sérgio Eduardo da Silva, que acrescentou ser esta a edificação do primeiro templo construído na cidade, representando uma conquista para os fieis que haviam passado por momentos difíceis, marcados pela precariedade, na intenção de professar e transmitir a fé.

Samain (2005) defende a ideia de imagens pensantes. Para a autora toda imagem oferece algo para pensar, são portadoras de pensamentos de quem as produziu e incorporam reflexões daqueles que as observaram, configurando-se como um lugar de memória coletiva, que são capazes de dialogar com outras imagens, promovendo não só elementos identitários, mas também históricos. Nesta perspectiva, a Fotografia 14 tal como às demais presentes neste estudo, engaja nosso pensamento num complexo processo reflexivo e analítico.

Fotografia 14: Igreja Congregação Cristã do Brasil em 1992 (IFRO, 2013).

O templo da Igreja Congregação Cristã do Brasil, construído no bairro Valparaiso, representado pela Fotografia 14, foi guardado como lembrança pessoal por Levy Ozolino de Araújo, que registrou em 1992, o grupo de jovens cristãos em frente ao templo. Entendemos que a fotografia produzida, pretendia não só representar os indivíduos, mas também evidenciar o local de exercício e aprendizado da fé.

Podemos observar que a fotografia é posada. Neste tipo de composição, "a pose, ainda que dissimulada, é quase inseparável do retrato. Já se disse que o retrato é uma representação de alguém que sabe que está sendo fotografado" (LEITE, 2001, p.97). É perceptível que se trata de retrato posado, que apresenta signos de identificação entre os membros do grupo. O retrato em si é a prova concreta da participação dos indivíduos nas atividades da igreja, além de constituir um mecanismo de memória.

A simplicidade da edificação, a cerca em balaústres[17] e o automóvel, associados ao período em que a imagem foi produzida constituem indícios do ambiente social e econômico desse grupo.

Fotografia 15: Procissão de fiéis com a imagem de Dom Bosco na antiga igreja de madeira s.d.(IFRO, 2013).

Como diálogo imagético, na Fotografia 15 também observamos a ordem social e econômica dos indivíduos, visíveis na indumentária, na bicicleta (único veículo na cena retratada) que ampara o jovem e na estrutura em madeira da igreja São João Bosco. A imagem do padroeiro está sendo transportada em um aparato simples, rústico, adaptado para atender ao objetivo religioso da procissão.

Embora a qualidade do documento esteja comprometida pelo tempo e pelas reproduções, a leitura analítica nos permite identificar um relativo número de pessoas que participam do evento, assim como as características do templo, que evidenciam a

[17] Cerca rústica feita com ripas de madeira.

precariedade na estrutura. São indícios característicos dos primeiros templos construídos e das condições econômicas dos fiéis naquele período, em Ji-Paraná.

A realidade apresentada acima revela o caráter organizativo das instituições religiosas. O agrupamento dos indivíduos, entorno de uma verdade religiosa construída e de uma linguagem coletiva acerca da compreensão de mundo, favorece a estruturação de centros de convívio, interação, socialização e aprendizado religioso. A instituição nasce do desejo que o grupo religioso tem de manter a verdade pela qual organizam a vida. Tais espaços são gerenciados ou estabelecidos pela instituição, que se fundamenta nas narrativas religiosas.

As primeiras igrejas construídas em madeira, como as representadas pelas Fotografias 14 e 15, foram edificadas com as mãos calejadas dos fiéis, que mesmo diante das precariedade impostas pela ordem social e econômica, colocaram a obra religiosa como primordial na conjuntura existente. Essa saga nos remete à passagem bíblica descrita no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada (1982): "Da mesma sorte revestiu também os vinte côvados dos fundos da casa com tábuas de cedro, desde o soalho até o teto: e esse interior ele constituiu em santuário", presente no livro de Reis 1(6,16).

Analisando os templos pela visão arquitetônica, percebemos a comunhão entre o divino e o humano. As edificações são o reflexo da realidade vivida, constatamos por meio das fotografias, que há templos onde se constata a simplicidade e moderação e outros marcados pela opulência e evolução.

Fotografia 16: Igreja Assembleia de Deus em 1979, imagem cedida por Conceição Lima de Moura (IFRO, 2013).

Fotografia 17: 1ª Igreja Batista de Ji-Paraná em 2014, fotografia produzida pela pesquisadora Cecília Lara C. Gomes (IFRO, 2014).

Fotografia 18: Paróquia São José em 1999 e 2014, cedidas pela paróquia. (IFRO, 2014).

Fotografia 19: Paróquia São José em 2014, cedidas pela paróquia. (IFRO, 2014).

Fizemos uso da Fotografia 16, que retrata a Igreja Assembleia de Deus no ano de 1979 e da Fotografia 17, que destaca a entrada de acesso da 1ª Igreja Batista em 2014, para observarmos na estética das construções, indícios que atestam as realidades econômicas das instituições.

Percebemos com base nos documentos fotográficos, que ao longo dos anos, os templos passaram por reformas e reconstruções que transformaram esteticamente a arquitetura, como é o caso da Igreja Católica São José visível na Fotografia 18, produzida em 1999 e na Fotografia 19 , do ano de 2014, localizada no Segundo Distrito da cidade. O intervalo de 15 anos é suficiente para destacar, por meio das imagens, as alterações estéticas e estruturais pelas quais o templo foi submetido.

Tendo passado por várias alterações, inclusive em decorrência de um incêndio, a igreja recebeu uma reforma que embelezou a paisagem local. Contudo, tais transformações revelam, que o desenvolvimento econômico da região possibilitou aos fiéis aperfeiçoarem e promover melhor conforto e destaque aos locais de provimento da fé.

Nessas condições, constatamos que não se trata apenas da ornamentação ou beleza estética, mas uma conjunção de fatores, sobretudo econômicos, que se articulam e legitimam os metamorfismos evidenciados nas representações fotográficas, favorecendo inclusive o sentimento de pertencimento dos fiéis.

Max Weber (2005) aponta, que as concepções religiosas são determinantes da conduta econômica, capaz de promover transformações na sociedade. Dessa forma, o capitalismo seria um agente de motivação para o desenvolvimento institucional religioso. Aplicando essa ideia na realidade estudada, podemos perceber que o trabalho dos migrantes, na Vila de Rondônia, carregado de princípios que são originalmente calvinistas e amparado nas crenças religiosas,

foi agente transformador não só da estrutura arquitetônica dos templos, mas também do desenvolvimento econômico da cidade como um todo.

Concordamos com Susan Sontag quando afirma que "Não se pode interpretar a obra a partir da vida. Mas pode-se, a partir da obra, interpretar a vida." (SONTAG, 1986, p. 86). Neste sentido, como obras produzidas socialmente, as fotografias exibem a religiosidade como elemento catalisador das conquistas dos fiéis, sejam elas econômicas, sociais e políticas.

Apontam também, a superação das dificuldades impostas durante os anos iniciais de formação do município. As doenças, os conflitos territoriais, a pobreza, enfim, coisas comuns no histórico do distrito, ficam a cargo da memória e a bonança precisam ser notabilizada, para provar que pela fé "se move montanhas" [18].

Percebemos em nossa análise que as transformações evidenciadas na arquitetura dos templos provem da necessidade de adequar os fatos aos fins. A religiosidade não é só um acompanhante das transformações sociais econômicas e culturais, ela é o componente que encoraja, que mobiliza e possibilita a realização de tais transformações.

Fotografia 20: Igreja Matriz Dom Bosco, no centro da cidade de Ji-Paraná na década de 90 (IFRO, 2013).

A Fotografia 20 da Igreja Matriz, atualmente Catedral Dom Bosco, indica essa realidade. Fornecida por Bianca Bezerra, encontrada no álbum de fotografias da família, para quem assistiu a vila crescer em volta da praça da matriz. Trata-se de uma fotografia aérea evidenciando o templo, a praça e as imediações, composta por pequenos prédios com lojas e bancos, indicando o centro da cidade.

[18] As montanhas são usadas simbolicamente na Bíblia para descrever forças poderosas (Isaías 2:2), tarefas enormes (Zacarias 4:7), e barreiras impenetráveis (Isaías 41:14-16; Zacarias 14:4). O texto clássico sobre a remoção da montanha se refere à obra de João Batista, reestruturando radicalmente as vidas das pessoas para preparar para a vinda de Cristo.

A Igreja e a praça se tornavam um espaço de construção de sociabilidades, ocupando o espaço central na cidade, com ruas mais largas no entorno. Herança que veio para o Brasil logo no início da colonização, pois, em regra geral, as igrejas católicas ficavam nas praças principais ou em locais altos, dentro da cidade. As praças eram cenários para encontros, cerimônias, etc.

Mircea Eliade afirma que praticamente todas as religiões adotam o "simbolismo do centro [...] todo microcosmo, toda região habitada, tem o que poderíamos chamar um 'Centro', ou seja, um lugar sagrado por excelência" (ELIADE, 2002, p. 35). De acordo com a autora este centro seria uma referência a marcos da construção do mundo, lugares de interseção entre Céu, Terra e Inferno. Desse modo, os templos sugestionam uma simbologia arquetípica, que relaciona o sagrado aos lugares centrais na organização espacial das cidades.

O primeiro administrador de Ji-Paraná, Abel Neves, nomeado em 1969, relata na obra memorialista "A caminho de Ji-Paraná" (1985), a importância da Igreja Matriz como ponto de referência, inclusive para tratar de temáticas políticas. Preocupado com o destino da vila e o abandono das autoridades, ele descreve:

> [...] Outro foi o Capitão Sílvio Gonçalves de Farias. À noitinha, **nos encontramos em frente da igreja matriz que estava em construção**. [...] Enquanto eu me queixava do abandono, pelas autoridades do governo, da nossa Vila, ele me consolou, dizendo o seguinte: _O governo não vai mais empregar nada aqui, Abel. A cidade é Ouro Preto. Isso aqui vai se acabar, porque assim o governo quer. Eu senti o sangue subir e as orelhas se aquecerem. E disse-lhe: _Capitão, **só quem pode acabar com Vila de Rondônia é Deus, com uma praga de gafanhotos como fez no Egito nos tempos dos faraós** (NEVES, 1985, p. 74, grifo nosso).

Utilizamos a citação acima para fazer referências entre a saga dos migrantes em Ji-Paraná e a fé cristã. A epígrafe acima revela a "Igreja" como local para tratar de assuntos políticos, "Deus" como esperança e a "Bíblia" como referencial teórico dos colonizadores, ao destacar a "praga de gafanhotos no Egito".

A doutrina católica perdurava nas relações sociais cotidianas, reflexo da presença ao longo da história brasileira, determinando parâmetros morais e éticos para o condicionamento do comportamento coletivo. Claro que a organização política e econômica refletiu algum destes aspectos supracitados.

Ratificando as informações descritas na obra de Abel Neves (1985), sobre a importância da Igreja como local de socialização entre os moradores, um dos entrevistados (FI 03), que migrou de Belém do Pará na década de 70, contou-nos em entrevista que:

> A igreja era o local mais aprazível que a gente encontrava para contar as novidades e receber informação do dia a dia. Era um ponto central onde as pessoas se reuniam não só para fé, mas para conversar. Inclusive era o local para falar de política, para as festas, dos aniversários, de comemorar os santos e o padroeiro São João Bosco (FI 03).

Fotografia 21: Imagem frontal da Matriz Dom Bosco em 1996 (IFRO, 2013).

A Fotografia 21 integra-se a essa abordagem, ao tornar visível a valorização que os fiéis davam ao templo onde professavam suas crenças. Este documento de análise mostra o casal Dolores Sandri Schuler e Silvério Camini, acompanhados da filha Letícia Camini, em frente à Igreja Matriz Dom Bosco. A fotografia foi capturada em 1996, ano em que a família migrou do Rio Grande do Sul para Rondônia. A intenção da fotografia era registrar a primeira missa que assistiram na cidade.

Fica evidenciada a necessidade do registro como forma de demonstração de crença e a busca de bênçãos para a empreitada nova da família, que buscava trabalho e melhorias financeiras. Neste sentido, Halbwachs (2006) considera que a igreja se distingue de outros lugares no cotidiano dos munícipes, isto porque a organização e distribuição do templo estão adequadas às necessidades de culto, produzidas por intermédio da tradição e pensamento religioso.

A necessidade de marcar por meio de fotografia momentos religiosos ou os locais de culto está bem retratada na Fotografia 22. Senhoras do círculo de oração, organizam-se ordenadamente em frente ao templo em 1982, portando nas mãos a Bíblia Sagrada. A técnica fotográfica utilizada favoreceu a percepção do templo enquanto lugar sagrado. Tirada de baixo para cima evidencia o céu e destaca altives ao templo.

Fotografia 22: Senhoras do Círculo de oração em frente à Igreja Assembleia de Deus, 1982 (IFRO, 2014).

O plano superior que focaliza o templo permite a associação ao poder institucional que o local representa. A presença das senhoras crentes na base da imagem, transmite a ideia da pequenez humana diante do divino, tão presente nos discursos religiosos, contudo, o contexto social nos permite identificar práticas coletivas de interação e exercício da fé, que delineiam a identidade cultural do grupo e compõem a memória coletiva.

É preciso considerar a existência das diversas composições de memórias individuais relacionadas ao coletivo, conforme explica Ecléa Bosi:

> A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI,1994, p.54).

Podemos entender, que não apenas a cultura instituída e a memória preservada através dos ensinamentos nos templos e das representações são os responsáveis pela constituição do universo de perpetuação da identidade religiosa, uma vez que existe um conjunto formador das memórias individuais, que é determinante para a constituição identitária do grupo.

Conforme aponta Halbwachs (2006), o pertencimento pessoal a determinado lugar, que também é formado por diferentes grupos, colabora para a formação de identidades e preservação de princípios e tradições, que por sua vez estabelecem as bases para a conservação da cultura e da memória.

Fotografia 23: Praça da Igreja Matriz Dom Bosco em 1982 (IFRO, 2013).

As fotografias que observamos evidenciam o desejo dos fiéis de guardar lembranças ou recordações de templos, dos grupos ou indivíduos que constituem a comunidade religiosa. É o caso da Fotografia 23, produzida por Naôr Rodrigues Décimo, em 1982. A intenção do fotógrafo foi fazer um registro da Igreja São João Bosco para guardar no álbum de família como lembrança, já que o local marcará momentos e trajetórias religiosas, como casamento, batizados, crismas e outras práticas da família.

Enquanto objeto pessoal, a fotografia possui um sentido de lembrança, que desperta sentimentos, mas como dispositivo midiático, notamos na imagem, que as ruas do centro da cidade, neste período, tinham pouca infraestrutura. A vegetação observada neste recorte era mínima, no entanto a igreja denotava destaque na paisagem, com uma estrutura arquitetônica evoluída para os padrões da época naquela localidade.

Neste sentido, o documento faz referência a Igreja enquanto poder institucionalizado de âmbito religioso, que integra a paisagem deixando evidente a presença no espaço urbano. Este poder institucionalizado da Igreja São João Bosco também é percebido na Fotografia 24, produzida em 2000. A imagem foi cedida por Creuza de Jesus, que guarda a fotografia em meio aos registros familiares.

Fotografia 24: Praça da Igreja Matriz Dom Bosco em 2000 (IFRO, 2013).

Segundo Abel Neves em meados da década de 60, quando a igreja estava em construção, o Padre Adolf Rohl solicitava altivez na edificação. “Lembro-me que uma de suas preocupações era com a torre da igreja matriz, que ele construiu com Raul Moreda. Ele queria que a torre ficasse mais alta do que a da Igreja Batista [...]” (NEVES, 1985, p.95). A imagem fixada na Fotografia 24, acaba por recriar o espaço da cidade e registra as transformações que configuram a paisagem urbana e tornam-se presentes nas lembranças de muitas pessoas da comunidade.

Este estudo identificou, entre outros aspectos, que a presença de Templos Evangélicos denota que mesmo sobre influência marcadamente católica, o movimento protestante conquistou um espaço significativo no ideário religioso da cidade.

Entendemos os templos enquanto locais onde se configura componentes da identidade, que foi produzida entre os indivíduos, nas relações com a fé, com o grupo e com outros elementos conjunturais de ordem econômica e política. São locais que estabelecem valores de referência da religião, mas também são ambientes de socialização e interação.

As falas dos sujeitos da pesquisa se integram a um discurso de credibilidade, que notabilizam os templos não só como espaços de memória, mas como locais onde a identidade é fortalecida. Entendemos a memória enquanto composição do social para refletirmos sobre a questão da identidade, como salienta Alistair Thomson (1992).

Utilizamos a ideia de memória no sentido social, pois entendemos que as experiências individuais de cada depoente, associadas às lembranças, as vivências em família, o posicionamento frente a determinadas circunstâncias políticas, econômicas e, sobretudo, religiosas fortalecem a compreensão dos documentos fotográficos analisados.

Na ligação social entre os indivíduos, em qualquer sociedade, ocorre a utilização de símbolos para perpetuar as crenças, pois de acordo com Émile Durkhein “sem símbolos, os sentimentos sociais não poderiam ter senão uma existência precária” (DURKHEIM, 1996, p. 141).

Esta consideração é útil à medida que permite compreender a importância simbólica dos templos. Além de símbolos religiosos, são elementos concretos aglutinadores da identidade coletiva e cenário de manifestações da vida social. É no templo que o sujeito religioso, por meio do batismo, é aceito na sociedade cristã. Nos templos o indivíduo se casa, se diverte, recebe instruções e dogmas que conduz a prática religiosa.

4.3 Categoria 2 - As representações fotográficas de eventos religiosos que revelam a memória e identidade dos ji-Paranaenses.

Neste caso as crenças e a religiosidade tiveram também relativa importância na organização socioespacial da cidade. Algumas festividades como a festa do padroeiro, o natal, cerimônias, cultos e ritos de sacramentos como o batismo, a eucaristia e o matrimônio constituem elementos significativos na memória dos fiéis e passam a compor sua identidade.

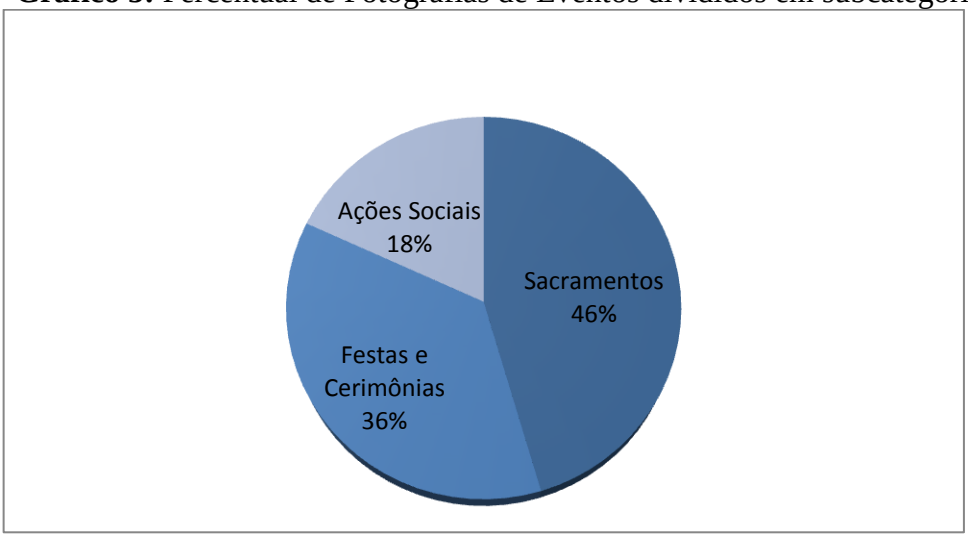
Por conseguinte, como forma de expressão das sensibilidades religiosas, a fotografia, tanto apresenta quanto representa as formas como cada grupo social, vivenciou as cerimônias e ritos da vida religiosa.

Guardada em álbuns familiares e servindo como mecanismos de lembranças de um tempo que não volta mais, as fotografias escondiam um tesouro nas gavetas das cômodas de nossos pais e avôs (migrantes, colonizadores), as fotos aqui reproduzidas comprovam esta riqueza de detalhes e informações.

Dividimos os Eventos analisados em três subcategorias, sendo: Sacramentos, Festas e Cerimônias e Ações Sociais.

Entre o material fotográfico da categoria eventos, há maior ocorrência de fotografias ligadas aos Sacramentos cristãos, seguidas de fotografias de festas ou cerimônias religiosas e ações voluntárias de cunho social e caridade conforme mostra o Gráfico 5.

Gráfico 5: Percentual de Fotografias de Eventos divididos em subcategorias



Fonte: Banco de dados da autora (2015).

Os eventos classificados neste estudo derivam das práticas religiosas que os Ji-Paranaenses utilizavam e ainda utilizam para professar suas crenças. Todas representadas por documentos fotográficos, que guardam um referencial rico, tanto para a compreensão identitária dos indivíduos como para a reconstituição de fatos históricos.

Durkheim (1996) defende que as cerimônias e os ritos possuem um papel fundamental na coletividade, pois adicionam movimento às celebrações, aproximam os fiéis e ampliam as relações. Seu interesse pela religião está relacionado aos sentimentos e afinidades que os indivíduos criam entre si, através dos rituais e símbolos provenientes da fé, que são para ele a base de representação e classificação coletivas.

4.3.1 Sacramentos

O termo Sacramento é usado para caracterizar práticas rituais adotadas por religiões cristãs, principalmente, pela Igreja Católica Apostólica Romana. São considerados sinais de graça e salvação e marcam várias fases da vida espiritual e religiosa dos fiéis.

A igreja católica celebra sete sacramentos, que são: Batismo, Eucaristia, Confirmação (ou Crisma), Reconciliação (ou Penitência), Matrimônio, Ordem e Unção dos enfermos. Nas igrejas evangélicas os Sacramentos, também chamados de ordenanças são apenas dois: Batismo e Santa Ceia (Eucaristia). Entretanto, mesmo perdendo o caráter de Sacramento, o matrimônio e a confirmação nas igrejas evangélicas são eventos importantes que acompanham os crentes em todas as fases da vida religiosa.

Ao que se refere à subcategoria Sacramentos, as contribuições apresentadas pelos participantes da pesquisa foram:

> É importante principalmente o sacramento do batismo que o Divino Espirito Santo nos ilumina para seguirmos na fé. Para nós, católicos, é importante seguir todos os sacramentos. É importante fazer tudo que está dentro da doutrina da igreja católica (FI 05).
>
> Eu tenho fotografias do meu batismo, da dedicação dos meus filhos na igreja, de eventos, de festas. É bom para recordar, é gostoso relembrar os momentos e rever amigos que não estão mais com a gente. Eu tenho em meu arquivo vários registros. Eu guardo tudo e com isso vai construindo nossa história na igreja, na fé (FI 04).
>
> São sacramentos que para nós são sagrados. É de Deus! Guardar isso é importante. No Batizado do Gabriel foi um momento tão emocionante. Tenho fotografias desses momentos é importante para passar a cultura religiosa da nossa família para os filhos (FI 02).
>
> Nossas ordenanças têm um sentido parecido com os Sacramentos, temos a Santa Ceia, o Batismo. Que tem um sentido muito parecido (LR 04).
>
> Celebrar os sacramentos é caminhar dentro da doutrina da Igreja (FI 13).

É possível compreender na fala dos partícipes, que os ritos sacramentais constituem elementos fundamentais na vida do cristão. Merecem ser lembrados, evidenciados e, sobretudo, repassados para os filhos como forma de manutenção da cultura religiosa da família. O Sacramento é para esses fiéis um ato ritual remetido, para que os mesmos alcancem a graça de Deus e designado do mesmo modo a conferir sacralidade a determinados momentos da vida cristã.

As falas a seguir evidenciam a importância dos sacramentos como ritos de passagem, em várias etapas da vida social e religiosa:

> São eventos que marcam a vida social também, o nascimento de uma criança, e depois se consagrar esta criança a Deus, no Batismo. [...] Momentos da vida, como a eucaristia, quando o jovenzinho começa a entender melhor sua fé. [...] Depois, com 15 anos mais ou menos, com uma fé mais madura começa entender seu papel social para com os outros. Seu papel religioso para lidar com os outros. Começa a despertar as questões do mundo não só para si, mas para com os outros, aí vem o sacramento do Crisma. A crisma é o sacramento da maturidade cristã. Onde o cristão começa a se engajar para os outros e recebe também a força do espirito santo para isso. Para não fiar medroso e achar os meios mais adequados para transmitir a mensagem de Cristo (LR 02).
>
> Com certeza guardo vários registros de momentos únicos vividos na igreja, especialmente os sacramentos. Essas imagens representam a minha caminhada de fé na vida cristã junto com minha família (FI 13).
>
> Desde a criança... Quando a família traz a criança e o pastor apresenta o bebe à comunidade e todos tiram fotos. Sempre lembra: Aquele foi o pastor que apresentou meu filho à igreja! Depois vem o batizado, o aliançamento, o casamento e tudo é registrado. Depois o casal tem um filho e o novo

> bebezinho também é apresentado para a comunidade. Toda trajetória está ligada. O crente quer que o seu filho também tenha uma história dentro da igreja, com algum pastor acompanhando sua trajetória. [...] Como ele teve na sua vida de crente, ele deseja que o filho também tenha. Vai passando de geração a geração (LR 01).

Na maioria das vezes os fiéis consideram os sacramentos como forças atuantes que afasta os perigos. Como sinais os Sacramentos supõem a fé e ao mesmo tempo alimentam as crenças e práticas religiosas de um determinado grupo.

O significado e o poder dos eventos religiosos para os fiéis estão evidenciados nos documentos fotográficos, que constituem testemunhas de rituais que acompanham suas trajetórias no âmbito religioso, visto que, as ações sacramentais envolvem etapas importantes na vida dos cristãos.

Susan Sontag (1986), colabora com esta abstração ao afirmar que a fotografia está ligada à vida quotidiana de uma sociedade, convertendo-se em reprodução da vida social, que ocorre inclusive no ambiente religioso.

Fotografia 25: 1º Batismo da Igreja Batista em Ji-Paraná nas àguas do Rio Machado em 1965 (IFRO, 2014).

Fotografia 26: O maior Batismo da Assembleia de Deus em Ji-Paraná em 1979 (IFRO, 2014).

A Fotografia 26, produzida em julho de 1979, representa um momento Histórico da Igreja. Foi o maior Batismo da Assembleia de Deus em Ji-Paraná, tendo 1.027 pessoas batizadas nas águas do Rio Machado. O local escolhido para a cerimônia foi no antigo Porto da Balsa, local também escolhido pelos membros da Igreja Batista, em 1965, para a realização do primeiro batismo na Vila, em destaque na Fotografia 25. Os batizados evangélicos são realizados em águas, com submersão ou mergulho, esta prática encontra-se representada nas palavras dos entrevistados:

> O batismo é um ato de obediência e submissão a Cristo e um testemunho público de nossa fé cristã. Ao mergulhar nas águas o cristão sabe o seu compromisso (FI 06).
>
> O evangelho nos fala dos sacramentos. O batismo é para que os pecados da gente sejam perdoados por Deus e para a gente ter o Espírito Santo dentro do nosso coração. Criança não tem pecado, e só batizamos nas águas, depois que se arrepende dos erros (FI 10).
>
> Não batizamos criança porque ela não tem consciência do pecado ainda. Só depois de um testemunho público de fé que batizamos nas águas (LR 04).

O ritual do batismo, na perspectiva dos entrevistados, está marcado pelo uso de termos carregados de valores dogmáticos, como: “obediência”, “pecado” e “testemunho”. Isso indica que além de uma certa uniformidade no pensamento desses indivíduos acerca deste ritual sacramental, há também uma postura de aceitação as regras e conceitos difundidos por suas religiões. Neste sentido as Fotografias 25 e 26 evidenciam além do ritual sacramental, as relações de poder estabelecidas pelas instituições religiosas.

Tais fotografias, como representações de determinados grupos sociais, nos remete aos estudos de Roger Chartier (1990). Para ele as representações sociais não são discursos neutros. São frutos de interesses específicos dos grupos sociais, que disputam a hegemonia política e discursiva em relação à interpretação correta de uma dada situação social. Dessas representações se originam estratégias e práticas sociais tendentes a impor determinado poder, fazer deferência ou legitimar escolhas.

O ato de testemunhar publicamente pressupõe que a ação requer a anuência de outros fiéis. A fala da entrevistada FI 10 faz referência à Bíblia, livro sagrado das igrejas cristãs e destaca não só a importância deste ato, mas também aponta onde o fiel buscou tal orientação. O evangelho em Atos (2:38), diz: “[…] Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para que os pecados sejam perdoados, e vocês receberão de Deus o Espírito Santo” (BÍBLIA, 1982).

Na fé popular dos católicos acredita-se que a criança batizada tem mais chances de sobrevivência. Este Sacramento (Batismo) na Igreja católica, diferentemente das igrejas evangélicas, para as quais ele tem a função de iniciar o indivíduo na vida cristã, capaz de promover uma mudança no status religioso do indivíduo, ocorre, na maioria das vezes, durante os anos iniciais da infância.

Percebemos que os batismos, apesar de serem atos/benefícios individuais, sempre são acontecimentos coletivos, em função de uma coletividade. Os pais, padrinhos, sacerdotes e a comunidade glorificam esses momentos, pois representam acima de tudo, a continuidade e disseminação das crenças.

Assim como os batismos, a preparação dos fiéis para a vida cristã por meio da catequese e escolas dominicais (Fotografia 27), bem como à Primeira Comunhão e a Crisma (Fotografia 28) são ritos que legitimam a fé e fazem com que os indivíduos vençam o medo, criem coragem para enfrentar o desconhecido, são, portanto, condicionantes e essenciais para a estabilidade da estrutura social, moldando inclusive a maneira de viver dos fiéis.

Fotografia 27: Escola Bíblica de férias da Igreja batista, 1964 (IFRO, 2014).

Na fotografia 27, observamos a formação bíblica dos primeiros integrantes da 1ª Igreja Batista de Ji-Paraná, no ano de 1964. O estudo da Bíblia era realizado debaixo de uma mangueira, com nenhum conforto, constatando as marcas dos anos iniciais da colonização do município marcados pela falta de estrutura e precariedade, comuns naquele período.

Notamos a presença de alguns adultos e jovens em meio a uma maioria de crianças, denotando que os valores religiosos e os dogmas se fundamentavam já na infância, se estabelecendo por toda a vida religiosa do indivíduo.

Fotografia 28: Sacramento da Crisma, realizado por Dom Antônio Possamai em 1993 (IFRO, 2014).

A mesma situação é percebida na Fotografia 28, onde visualizamos o Sacramento do Crisma, transmitido aos jovens e adolescentes por Dom Antônio Possamai, em 1993, na Igreja Católica São José. Do início da catequese, com aproximadamente 7 anos de idade até o momento da cerimônia do Crisma onde o adolescente, com 14 ou 15 anos em média, recebe o sacramento, há uma preparação doutrinária para assimilação dos valores religiosos, que em conjunto com práticas sociais, colaboram para a formação dos indivíduos e fortalecem os laços identitários.

Nos documentos fotográficos, também observamos o Sacramento do Matrimônio, acontecimento fundamental na vida dos fiéis e sendo tão substancial requer registros, sobretudo visuais. O encontro entre dois membros da igreja no matrimônio sempre foi considerado um elemento básico da existência espiritual. Os próprios dogmas do cristianismo contribuem historicamente para a conservação e a persistência de uma proposta moral, social e jurídica sobre a vida privada e também sobre o casamento.

O catolicismo, intimamente ligado ao passado brasileiro, mantinha-se presente nas relações sociais do cotidiano, mesmo que não oficializado com o regime republicano, servindo como padrão ético e estético estabelecendo conexões, até mesmo, com a legislação e política.

Basta rememorar o reconhecimento da equivalência do casamento no religioso e no civil, presente na Constituição de 1934, onde “qualquer confissão religiosa, cujo rito não contrarie a ordem pública ou os bons costumes, produzirá, todavia, os mesmos efeitos que o casamento civil” (art.146 § 1).

Fotografia 29: Enlace matrimonial religioso católico em 1971 (IFRO, 2013).

A Fotografia 29, revelada a partir de um monóculo antigo, foi capturada em 4 de setembro de 1971, no momento em que Elisa Pego assinou o livro matrimonial, oficializando seu casamento religioso com Amaurindo Raymundo, na Igreja Dom Bosco em Ji-Paraná. Conforme relato de Elisa Pego, tratava-se de um casamento entre imigrantes. Ele proveniente do Estado do Rio de Janeiro e ela do Estado do Paraná. Havia um forte movimento migratório para Rondônia há época e Ji-Paraná era uma das cidades que mais recebiam imigrantes.

Nosso olhar sobre tais representações fotográficas apresentam uma compreensão simbólica, percebemos que em meio ao ambiente religioso os indivíduos experimentam práticas comuns à vida como, por exemplo, o casamento e transformam esta realidade em algo transcendente, divino.

Miriam Moreira Leite (2001), ao se propor analisar fotos matrimoniais presentes nos álbuns de família, destaca que o retrato do casal é parte insubstituível nas cerimônias de casamento. A autora diz que tais registros "compreendem significados e interdições tendentes a fixar na memória coletiva a lembrança da cerimônia" (LEITE, 2001, p.111).

Podemos inferir que os sacramentos são, sobretudo, ritos que legitimam os seguidores a usufruir de direitos e deveres do novo status religioso que conquistou e, além disso, também significa um compromisso frente aos membros da sociedade. Mas, cabe lembrar que nossa vida secular também está repleta de rituais.

Ocorrem ritualizações na Universidade, no Estado, nas forças armadas, enfim, basta rememorar os cabelos raspados dos novatos ou calouros do Exército ou da Universidade ou mesmo os juramentos nas solenidades de ingresso no Serviço Público.

Deste modo, as crenças religiosas que constituem representações humanas, formam um campo simbólico repleto de objetos e ideias, classificadas conforme Durkheim (1989) em sagradas e profanas. São, contudo, os valores decorrentes das relações entre o sagrado e o profano que delimitam o campo moral formador das regras e condutas e dos ritos, delineando a identidade cultural.

4.3.2 Festas e Cerimônias

Além dos Sacramentos, as instituições religiosas promovem festas e cerimônias dedicadas a reafirmar a fé dos seguidores. Tais cerimônias são efetivadas de variadas formas, com objetivos específicos e contribuem essencialmente para a formação das pessoas, elaborando conhecimentos e ampliando as representações.

Os participantes da pesquisa, na maioria das entrevistas, relatam que as festas e cerimônias são momentos de interação e socialização. Na fala de determinados participantes, identificamos elementos de convívio e associação entre os indivíduos que estão ligados pela religiosidade.

> Eu gosto de levar meus filhos para as festas religiosas, sempre levei. O Pentecostes, as cerimônias para nossa Senhora Aparecida, que é nossa padroeira. A gente vai em, tudo para mostrar para eles o caminho da fé (FI 05).

> Eu creio, que um evento religioso, não e só a igreja local. Assim, ele tem uma ideia do todo. Eles vêm a um evento com 5 mil, dez mil e vê a importância da sua igreja e percebe que faz parte de algo maior que só a comunidade que ele frequenta. Todos os eventos são importantes e fazem com que os crentes se socializem e confirmem sua fé (LR 01).

> Uma festa do padroeiro não é só uma festa religiosa, geralmente é muito mais uma festa social que religiosa. Há uma necessidade de se encontrar, por que é daí que surgem bons casamentos, que surge o intercâmbio e assim por diante. Então, é misturado, a gente não pode dividir assim, em gavetas, o religioso, o social, o cultural, tudo é ligado um ao outro (LR 02).

> A igreja tem sua tradição e aqui em Ji-Paraná é uma cidade relativamente nova. É uma cidade migratória, onde várias pessoas de várias regiões vieram para cá. Essas pessoas trouxeram com eles suas crenças que auxiliaram a formação religiosa da cidade. Os eventos que temos feitos têm criado tradição (LR 03).

> Esses eventos ajudam a nos renovar, fortalecer na fé. Às vezes a gente, sozinho em casa, tem uma espiritualidade, mas quando a gente se encontra com outras pessoas que têm as mesmas crenças, a mesma fé, os mesmos objetivos, a gente se fortalece, um ajuda o outro e vai seguindo a caminhada. Fica muito mais fácil, quando a gente está em grupo que sozinho, ilhado (FI 04).

> Participar de eventos e festas religiosas é motivo de alegria. É estar junto de Deus em união com a comunidade (FI 13).

Analisando a fala dos depoentes constatamos, de modo amplo, que na práxis religiosa, as pessoas sustentam uma natureza simbólica. Assim, para conviverem em sociedade, serão persuadidos ou condicionados pelos rituais no ambiente onde convivem.

O ser humano é por natureza um ser social que preza pela convivência, desta forma, o ambiente religioso torna-se um espaço propício para interação. Durkheim (1989, p. 206) afirma que os ritos nascem nos grupos que por sua vez, mantêm ou recriam ideias atreladas a religiosidade. Ainda segundo o autor os ritos traduzem necessidades humanas aplicadas à vida social:

> Por mais simples que seja o sistema que estudamos, nós reencontramos nele todas as grandes ideias e todas as principais atitudes rituais que estão na base das religiões mais avançadas: distinção das coisas em sagradas e profanas, noção de alma, de espírito, de personalidade mítica, de divindade nacional e mesmo internacional, culto negativo com as práticas ascéticas que são sua forma exasperada, ritos de oblação e de comunhão, ritos imitativos, ritos comemorativos, ritos de expiação. Aqui nada falta de essencial (DURKHEIM, 1989, p. 221).

Verificamos neste estudo, que os fiéis ao frequentar a missa ou ao culto estão assumindo os rituais praticados na igreja, como uma narrativa repetitiva, que reforça a memória de quem compartilha desse ritual. As imagens que seguem são reflexos desse pensamento.

Fotografia 30: Procissão Católica em Ji-Paraná em 1967 (IFRO, 2013).

Na Fotografia 30 vemos uma Procissão Católica de inauguração da a Igreja Matriz de Ji-Paraná, em 1967, cedida por Zilda Almeida Ferreira, que migrou do Sul para a região em 1963. Nela se observa que os fiéis marcham em procissão por uma rua da cidade com pouca infraestrutura, exibindo nas vestimentas simplórias e nos pés descalços as marcas da pobreza, sinais de tempos remotos do inicio da colonização, que revelam cenas de dias difíceis.

Retratam também a importância da religião como evento cultural e antropológico. A beleza da imagem está no gesto, na intenção da captura desse momento, na crença. Apresentam a fé e a devoção como fonte de força e inspiração diante das precariedades vigentes.

O casarão evidenciado na Fotografia 30, feito em madeira, com assoalho alto e telhado revestido de folhas do bacuri, pertencia a Volmar Meira, conforme declaração de Zilda Almeida Ferreira. A maioria das casas tinham características similares, o que nos leva a concluir que os colonos viviam em acomodações simples, com pouca ou nenhuma posse. Verifica-se também ausência de saneamento básico.

Em face dessas precariedades, a fé constituía-se num clamor ao Divino, por melhorias e bênçãos. Revelam como grande parte da população se relacionava com o Divino. A fotografia nos remete à cultura e à História, em que a sociedade está refletida por meio de elementos visuais.

Fotografia 31: Inauguração da Igreja Assembleia de Deus, 1979 (IFRO, 2014).

Nos documentos fotográficos que serviram de base para este estudo o fervor religioso constitui um elemento fundamental na compreensão da identidade dos crentes. Exemplos disso está revelado nas Fotografias 31 e 32 respectivamente.

Fotografia 32: Santas Missões populares, 1992 (IFRO, 2013).

A primeira foi produzida no último domingo de julho de 1979, dia em que foi inaugurado o templo da Igreja Assembleia de Deus. Já a segunda representa um encontro de membros da Igreja Católica, no evento denominado Santa Missões Populares [19] em 1992.

Os grandes números de fiéis evidenciados nas fotografias denunciam o ímpeto dos indivíduos. Notamos também que as fotografias que abordam a temática de religiosidade estão, na maioria das vezes, relacionadas a eventos do mesmo universo, tais como festividades natalinas, festa do padroeiro, procissões, finados, etc.

Para Pierre Bourdieu (1989), esses eventos constituem práticas de representações. Segundo ele, tais práticas podem ser denominadas de cultura, ou *habitus.* Bourdieu define *habitus* como um sistema de estruturas interiorizadas e "condição de toda objetivação". Como representação, a fotografia, não podem ser separada do ato que a fundamenta, de forma que também se fundamenta num *habitus*. Na dimensão de indício e de resquício a fotografia é sempre uma presença. Não supri a experiência vivida, mas a cada fotografia produzida, uma nova experiência se constitui.

Nesta categoria encontramos também várias fotografias relacionadas às práticas de conversão dos povos indígenas da localidade, por esta razão julgamos pertinente entender o contexto Histórico em que ações missionárias foram aplicadas.

No período dos anos 60 o discurso nacionalista fortalecido pelo regime militar forçava a integração da Amazônia, sem levar em consideração os custos sociais e as condições econômicas dos colonos, que eram forçados pelas regras cruéis do capitalismo a ocuparem a

[19] As Santas missões populares na Igreja Católica consistem em de pregações, palestras e celebrações dirigidas ao povo cristão, com o objetivo de fortalecer a fé e a vida cristã e incentivar a vida comunitária nas comunidades paroquiais.

região. A esse respeito Valdir A. Souza, na sua tese de doutorado intitulada: “Rondônia: uma memória em disputa” diz:

> Na ótica militar era necessário integrar a região atrasada **a qualquer preço** ao centro-sul industrializado. No período alguns bordões justificavam a política integracionista, “Integrar para não entregar” e **“Terra sem homens para homens sem terra”** eram os mais reproduzidos no Território de Rondônia. (SOUZA V. A. 2011, p.18, grifo nosso)

Esse “a qualquer preço” nos remete às comunidades indígenas que habitavam a região e evidencia o equívoco dos governantes militares em classificar as terras de Rondônia como uma “terra sem homens”.

Pelo contrário, a presença indígena na Amazônia é milenar e no município de Ji-Paraná predomina ainda hoje as etnias Gavião-Ikolen, Arara-Karo e Zoró. Entretanto, os interesses dos governos militares na região ignoravam essas comunidades de homens da terra.

Nesse contexto, a religião acompanhada de seus ritos, também constituiu um mecanismo de dominação étnico-cultural e controle dos povos da floresta. A evangelização dos povos indígenas desprezava seus costumes, atuando sempre no sentido de destruir sua cultura, utilizando o evangelho para justificar a exploração.

De acordo com Felzke (ano), ao se tornar cristão o indígena passava basicamente a incorporar outra forma de comportamento, abrindo mão de suas danças, suas músicas, seus ritmos, seus instrumentos musicais, sua forma de vestir e de se portar.

Fotografia 33: Ação missionária na Aldeia Gavião (IFRO, 2013).

Na Fotografia 33 observamos que os indígenas retratados se encontram na presença de missionários, trajando roupas e aparentando uma adaptação mais acentuada aos costumes ocidentais. Alguns seguram nas mãos uma cartilha, que provavelmente contenha os dogmas cristãos, com traduções do evangelho para a língua indígena. A foto foi tirada pelo

missionário Horst Stute, em frente à Primeira Igreja Missionária na Aldeia Gavião, por volta de 1970, conforme declaração do Senhor Crispim Bispo Reis dos Santos, que nos forneceu a fotografia para análise. Horst Stute, missionário alemão, que com sua esposa Annette Stute (presente na fotografia, segurando uma criança), trabalhou por quarenta e três anos entre os índios Gavião.

Embora a presença missionária retratada nas fotografias seja relativamente recente, a prática do uso da religião como mecanismo de dominação étnico-cultural no Brasil, e sobretudo, na Amazônia data do período colonial. Como narram, Egon Heck, Francisco Loebens e Priscila D. Carvalho no artigo *"Amazônia indígena: conquistas e desafios":*

> A participação da Igreja no processo, que teve nos jesuítas sua atuação mais marcante, presa à Coroa portuguesa pelo regime do padroado e movida pela missão de converter os índios ao cristianismo, foi incapaz de perceber o valor das culturas e, portanto, o projeto histórico desses povos. Mesmo assim, muitos missionários foram perseguidos, presos e expulsos porque denunciaram a violência e a injustiça praticadas contra os índios. (HECK, E. , LOEBENS F. E CARVALHO, P. D., 2005, 239)

É oportuno lembrar o pensamento militar que entendia que os índios seriam úteis para a defesa das fronteiras do país e, portanto, precisavam ser catequizados, disciplinados. O artigo: *"*Amazônia indígena: conquistas e desafios" (2005) destaca o pensamento do brigadeiro Protásio Lopes que, em 1979, fortalecia um discurso, segundo o qual os índios eram considerados como "quistos étnicos" e uma ameaça à segurança nacional. Portanto, ações de cristianização dos povos indígenas, eram incentivadas pelos governos militares, a fim de subsidiar os interesses na região. Os documentos fotográficos indicam que em Ji-Paraná não foi diferente.

Na fotografia, percebem-se as normas culturais que nela se deseja incutir e que, de acordo com as expressões utilizadas por Ulpiano Bezerra de Meneses (2003), foram os eleitos dentro de um repertório de imagens simbólicas de poder, como aqueles que mereciam ser vistos e publicados.

Nas "entrelinhas da imagem" está à aproximação entre um projeto republicano, militar e de cultura cristã, que oportunamente se fez presente no discurso textual que acompanha a Fotografia 33. Os conceitos morais intrínsecos na religião determinam condutas que são seguidas pelos fiéis fervorosamente. Como lembra Cornelius Castoriadis:

> Religião, esta instituição tão importante em todas as sociedades históricas. Ela sempre comporta (não discutiremos aqui os casos extremos) um ritual. Consideremos a religião mosaica. A definição de seu ritual do culto (no

> sentido mais amplo) comporta uma proliferação sem fim de detalhes; esse ritual, estabelecido com muito mais detalhes e precisão do que a Lei propriamente dita, decorre diretamente de mandamentos divinos e por isso alias todos os seus detalhes são colocados no mesmo plano. (CASTORIADIS, 1982, p.142).

Hannah Arendt (1997) alerta que a condição humana diz respeito às maneiras de viver que o homem impõe a si mesmo para garantir a sobrevivência. São condições que compõem a existência do homem e que variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem está inserido.

Partindo deste princípio, os homens tendem ser condicionados e até mesmo aqueles que condicionam os hábitos e costumes de outros podem se tornar condicionados pelo inerente ato de condicionar. Desta forma, há condicionamento duplo, seja pelos próprios atos fundamentados a partir do que pensamos, ou pela conjuntura histórica e cultural.

Karl Marx (1977) de forma libertária considera que os indivíduos ao serem analisados por suas crenças religiosas devem ser inseridos nos contextos de suas condições sociais, sobretudo porque produzem sua existência coletivamente. Para ele, existem condicionantes estruturais que levam os grupos e as classes para determinados caminhos, mas defende que o indivíduo tem potencial para reagir aos condicionamentos impostos e transformá-los. Em suas palavras: “a religião hipnotiza os homens com a falsa superação da miséria e assim destrói sua força de revolta” (MARX, 1977, p.127). Desta forma, segundo ele, a religião age como “calmante” como o “ópio do povo”.

Vemos no discurso positivista de Araújo Lima (1975) o quanto à religião pode ser um fator condicionante, sobretudo se ligada aos interesses políticos e camuflada no conceito de nação:

> O progresso étnico e psíquico de dada raça, ou melhor, de cada nacionalidade, não decidirá da sorte de sua civilização. Não mais prevalecerá a cultura que se não apoiar em sã moral; mas a sã moral política não poderá ser senão uma superestrutura, arquitetada sobre a base de uma **moral religiosa**, intrinsecamente integrada à consciência de nação (LIMA, 1975, p.38, grifo nosso).

Contudo, entendemos que embora a religião tenha sido em variadas situações históricas, utilizada como elemento de condicionamento e manutenção da ordem social, há também situações de ordem cultural que foram reforçadas através do componente religioso, que possibilitou interação entre os indivíduos, na superação de problemas e a formação identitária.

Desta forma, as fotografias nos levaram ao entendimento de que a associação da cidade de Ji-Paraná com a religiosidade cristã se deu desde os momentos iniciais de sua fundação, tanto no período de extração do látex como na exploração de diamantes e submissão dos povos indígenas, sobretudo, quando os loteadores da cidade, colocaram a colonização como uma obra patriótica, abençoada por Deus.

Nesta perspectiva, os agentes condicionantes que promoveram e reforçaram a prática religiosa dos colonizadores também foram promotores das ações políticas, sociais e econômicas que estão retratadas nos documentos fotográficos apresentados neste estudo.

Podemos inferir que o comportamento humano, neste sentido, é determinado por paradigmas pré-estabelecidos socialmente, por meio das práticas e condutas dos antepassados. Assim, as práticas religiosas, marcadas por rituais e cerimônias carregam em si elementos já instituídos por gerações anteriores.

Para o estudioso Berger (2004), até mesmo nas sociedades onde há grande liberdade de escolhas, as influências do passado estabelecem limites aos indivíduos. Na maior parte das circunstâncias os indivíduos se deparam com ações sociais previamente instituídas, normas e leis já construídas. Neste contexto, a religiosidade dos grupos sociais constitui princípios norteadores da vida dos indivíduos.

4.3.3 Ações Sociais

Este estudo apoia a ideia de que "[...] a cidade, é por excelência, o 'lugar do homem', ela se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias de significados" (PEAVENTO, 2002, p.9). No contexto do município de Ji-Paraná, as igrejas são lugares para além da função principal: rezar.

São ambientes religiosos que documentam o passado, lugares de memória, espaços culturais e sociais que demarcam a identidade. Nas igrejas os fiéis encontram mais que o fervor religioso, recebem conjuntamente assistência emocional, espiritual e por vezes material. Aprendem, sobretudo, a ver o outro.

No desenvolvimento deste estudo, verificamos que, impelidos pela concepção cristã de caridade, vários sujeitos ligados às instituições religiosas de Ji-Paraná guardavam em álbuns particulares documentos fotográficos que notabilizam práticas de assistência ao próximo, sobretudo aos mais desfavorecidos. Assistências essas que não visam aparentemente interesses pessoais ou recompensas materiais. Em alguns casos ocorreram relatos que indicam essas ações:

> A nossa fé nos ensina também a ajudar a quem precisa, um enfermo, uma família carente, pessoas que precisam de ajuda (FI 05).
>
> Temos projetos na área social. Montamos um consultório médico que atende às gestantes e faz preventivos e acompanha não só a mãe, mas também a criança. É destinada aos menos favorecidos, até mesmo aqueles que não frequentam nossa igreja. E todos os fiéis que podem ajudar de alguma forma colaboram com essa ideia, seja com palestras, orientações, acompanhamentos, arrecadação de donativos, essas coisas (LR 04).
>
> Temos um trabalho de musicalização nas periferias [...] um grupo de mais de 120 crianças que já estão tocando flauta e violão e são ensinados por pessoas da igreja que não cobram para ensinar [...] Isso tira as crianças da rua e traz para igreja (LR 01).
>
> Nós chegamos a construir uma igreja dentro do presídio, lá no semi-aberto. Já tem 20 anos que a gente orienta os detentos. Quando ele sai, a gente dá assistência para eles se reintegrarem-se à sociedade. Há muitos libertos reintegrados que seguem nossa igreja (LR 01).
>
> Nós entendemos que temos que fazer as obras. A fé sem obras é morta. Conforme a necessidade, atendemos nossos fiéis com cesta básica, remédios e ajudas de forma geral (LR 05).

Percebemos na fala dos entrevistados que as ações sociais constituem elementos integradores à sociedade. A busca por estratégias que minimizem impactos sociais é produzida com base na religiosidade. Mas também deixa evidente que as ações de solidariedade e assistencialismo são mecanismo para adesão de novos fiéis ao projeto religioso das instituições.

Fotografia 34: Pastoral da Criança, 1991 (IFRO, 2013).

O projeto da Igreja Católica denominado Pastoral da Criança[20], evidenciado na Fotografia 34, buscava orientar e acompanhar as famílias em ações básicas de saúde, educação, nutrição e cidadania, visando o desenvolvimento integral das crianças.

Na Fotografia 34 produzida em 1991, observamos a presença de crianças com os braços elevados em momento de descontração. Os encontros evidenciados na fotografia aconteciam com frequência mensal, onde crianças eram avaliadas por um grupo de senhoras católicas, sobre orientação das freiras da Comunidade Católica São José, que conferiam o peso a fim de identificar sinais de desnutrição.

As crianças sempre eram recepcionadas com lanches nutritivos e as mães recebiam orientações e suplementos alimentares caseiros que reforçavam a dieta das crianças.

Fotografia 35: Apresentação de crianças do projeto de musicalização da Igreja Assembleia de Deus, 2013.

Outro exemplo pode ser observado no projeto de musicalização da Igreja Assembleia de Deus, representado pela Fotografia 35, que, por meio da música, busca retirar das ruas crianças e adolescentes em condição de risco e conduzi-las ao ambiente religioso. A imagem destaca crianças tocando flauta doce, uniformizados com camisetas que representam o projeto desenvolvido pela igreja.

A apresentação ocorreu nas dependências da Igreja Assembleia de Deus, do bairro Casa Preta e contou com a presença de pais e parentes das crianças. Entendemos que ações sociais desta natureza, além de promover a integração dos sujeitos envolvidos também possibilita a adesão de novos fiéis ao projeto evangelizador da igreja.

[20] Pastoral da criança é uma organização de ação social vinculada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que tem como objetivo a promoção do desenvolvimento de crianças entre 0 e seis anos de idade em seu ambiente familiar e em sua comunidade. A sua atuação tem caráter ecumênico, atendendo pessoas de todos os credos e etnias.

Tanto à educação musical, promovida pela Igreja Assembleia de Deus, como os cuidados com a nutrição, promovido pela Pastoral da criança, tendem a promover o interesse dos envolvidos em fazer parte dessas instituições como sinal de agradecimento pelos benefícios recebidos.

Neste contexto, observamos que a caridade é propagada como um dever cristão, que evidencia um caráter nobre e bondoso. Para os fiéis as ações humanitárias levam os indivíduos a terem sentimentos e virtudes merecedoras de reconhecimento diante de Deus e também, socialmente aceitas.

Contudo, cabe lembrar, que historicamente a Igreja Católica, para manter sua hegemonia na sociedade medieval, difundiu a prática da caridade por meio de um discurso repetitivo e moral, que perdura até os dias atuais, objetivando o controle e a harmonia entre os variados seguimentos sociais, evitando com isso, a deflagração de revoltas e conflitos daqueles que viviam na pobreza.

De certa forma, o discurso religioso somado a práticas de caridade carrega também determinada crítica à realidade, uma vez que funções políticas de ordem social são efetuadas nas comunidades por intermédio das igrejas. Ações voluntárias dos fiéis vêm promovendo inovações e variados trabalhos junto à população carente, muitas vezes desempenhando atribuições pertinentes a administração pública, mas que permitem, sobretudo, a socialização entre os munícipes.

A edificação de capelas e templos também são oportunidades para o voluntariado. Mutirões uniram vários fiéis que doam a força de trabalho para o bem comum do grupo religioso.

A Fotografia 36, cedida pelo Pastor Sadraque Muniz e que compõe o acervo da Igreja Assembleia de Deus, mostra os trabalhadores, momentos antes do lançamento da pedra fundamental da Igreja Central da congregação em 1976, onde houve uma celebração, cavou-se um buraco e em uma caixa de concreto foram colocados os registros do momento. O Trabalho exercido pelos indivíduos presentes no documento fotográfico foi voluntário e não remunerado.

Fotografia 36: Fiéis preparando o terreno onde seria construída a Igreja em 1976 (IFRO, 2014).

Este tipo de ação social também está evidenciado na Fotografia 37, referente à construção do Templo da Comunidade Católica Santa Perpétua do Bairro Aurélio Bernardi, em setembro de 2000. Na imagem os trabalhadores posam para a foto a fim de registrar a construção do templo.

Fotografia 37: Construção da Comunidade Católica Santa Perpétua, 2000 (IFRO, 2014).

Percebemos que as ações sociais no ambiente religioso constituem mecanismos de convívio, que fortalece a construção da identidade cultural. Ela é fruto da interação entre as pessoas, dentro de um universo cultural, de um espaço territorial e com valores que foram formados ao longo do tempo e que estão em constante processo de transformação. Segundo Stuart Hall "os aspectos de nossas identidades surgem do nosso pertencimento à culturas, étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais" (HALL, 2003, p.8).

4.4 Categoria 3 - O papel dos líderes religiosos na construção da identidade do Ji-Paranaense.

Outro aspecto que se destacou na análise das fotografias religiosas analisadas, foi à figura do líder religioso. Entrevistamos alguns líderes religiosos, com questionamentos sobre as ações evangelizadoras, a relação com os fiéis e a memória que as fotografias religiosas são capazes de despertar. A contribuição desses líderes religiosos para o estudo é indispensável, haja visto, que são conhecedores da realidade cultural religiosa e das relação dos indivíduos com a fé e a Igreja . Eles relatam que:

> O líder religioso passa a ser um referencial, um exemplo de vida, de fé. A maneira de viver, o caráter é exemplo para os crentes. Ele começa a ter uma influência na vida das pessoas muito forte (LR 01).
>
> Aqui, nesta região, o líder religioso foi fundador de diversas vilas, comunidades, que depois foram com o tempo crescendo e se tornando grandes cidades, como Ji-Paraná. Começou com o povo que estava disperso no meio do mato e se juntavam. Os padres iam para lá levar a palavra de Deus e vivenciar o ser cristãos (LR 02).
>
> A gente sempre encontra referências de padres que passaram pela paróquia e cada momento se relembra desses líderes com carinho. Os padres têm um cuidado, uma atenção, um carinho com os fiéis. Eram conciliadores e conselheiros nos problemas que os fiéis tinham (LR 03).
>
> O líder religioso é aquele que ajuda as pessoas a alimentar sua fé. É um conciliador, um diretor espiritual que aconselha, que orienta. Nosso papel de sacerdote é aquele que alimenta com a palavra de Deus e também com a eucaristia (LR 05).
>
> Os líderes religiosos têm como função ensinar o cristianismo, celebrar datas, e fazer missas a serviço da comunidade cristã, para falar dos ensinamentos de Jesus. Tem que ser exemplo. É muito prazerosa a missão do sacerdote (LR 02).
>
> Vou ser eternamente grato a Deus pelo carinho e atenção que recebo dos fiéis. Sempre ouço: _ Padre hoje eu rezei por você! Padre, hoje fui à missa e fiquei triste porque você não estava lá! Coisas assim... (LR 01).
>
> Nosso papel é muito importante. Somos um líder espiritual. Temos a responsabilidade de manter um padrão, de ser exemplo para os fiéis. Exemplo de vida cristã, de amor, de fraternidade, caridade, enfim. [...] querendo ou não somos o reflexo para os fiéis (LR 04).

Palavras como: “referencial”, “reflexo”, “exemplo”, “conselheiro” ou “conciliador” se repetem nos discursos analisados. As contribuições apresentadas indicam que existe um papel pré-determinado a ser cumprido pelos sacerdotes ou pastores. As funções dentro da comunidade são moldadas por rituais e ações práticas, que orientam os fiéis ou crentes para o exercício da vida cristã.

A atribuição desses líderes é também social, são os responsáveis por perpetuar a fé, ao disseminar a cultura religiosa. Mas é importante frisar, que os líderes religiosos são os fundadores ou mantenedores da estrutura religiosa, que condiciona ações coletivas e práticas culturais. Portanto, a postura orientadora e padronizada possibilita o controle e a manutenção da religião.

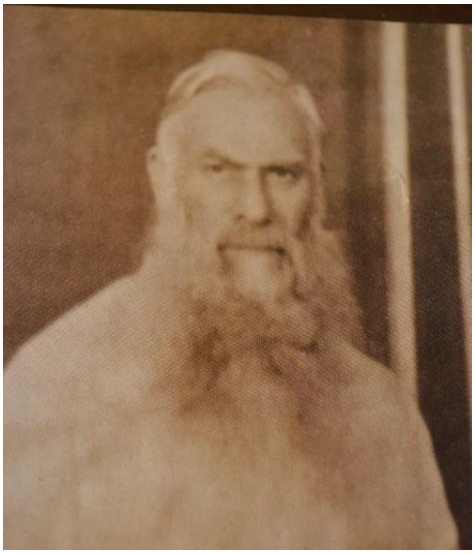
Por ouro lado, para os fiéis, eles representam um indivíduo dotado de carisma, são profetas, grandes comunicadores, portadores de uma mensagem divina. Nas palavras dos entrevistados, os líderes religiosos representam:

> Eu acho um papel importante, pois quando a gente precisa de uma ajuda, de um auxílio, de uma palavra amiga ele está sempre ali. Ele traz muita sabedoria para seguirmos na fé (FI 05).
>
> O líder religioso é muito importante, pois ele é um exemplo. Ele tem que dar exemplo. Eu sei que ele é humano e também tem as fraquezas dele, não cabe à gente condenar. A gente vai à igreja atrás de Jesus. O líder religioso segue o exemplo de Jesus e o exemplo de Jesus arrasta multidões (FI 02).
>
> É importante com certeza. Mesmo nos tempos bíblicos, a gente percebe, que quando o líder religioso é forte espiritualmente, ligado a Deus, ele conduz seu rebanho de uma maneira poderosa. Levando as pessoas a adorar a Deus (FI 04).
>
> Mas para mim, pessoalmente, é muito importante porque é como se fosse uma espécie de representante de Deus aqui na terra. Aquela pessoa em geral muito sábia e muito preparada espiritualmente e sempre muito disposta a ajudar, ouvir, que nos levanta quando caímos. Eu gosto muito do meu pastor (FI 07).
>
> Ele é um líder espiritual, sempre que alguém precisa, mesmo quando alguém está fraco na fé, quando há um problema e alguma decisão a ser tomada, ele é consultado (FI 14).
>
> Ele é muito sábio e preparado e tem sempre uma palavra de ânimo e apreço e nos faz enxergar alternativas, tem sempre uma palavra bíblica para nos dar (FI 11).
>
> É aquele que orienta e corrige, é a pessoa escolhida e ungida por Deus para estar à frente da comunidade, doando a vida para a obra do Senhor. Ser padre é uma vocação, um sinal da presença de Jesus no meio do povo (FI 13).

É possível compreender na fala dos fiéis, que há uma admiração ofuscada pela fé. Afirmações como: “o pastor é um representante de Deus na Terra”, “pessoa escolhida e ungida por Deus”, “ele conduzia seu rebanho de forma poderosa” ou “Ele é muito sábio”, demonstram a importância deste elemento religioso. Percebemos um deslumbramento na fala dos entrevistados ao exprimir sentimentos em relação ao líder. Ainda cabe destacar que os

dirigentes religiosos recebiam, em várias ocasiões, um tratamento equivalente ao das autoridades políticas. Algumas fotografias se caracterizam por delinear as relações de poder das instituições religiosas, motivada e mantida, principalmente por princípios morais tradicionais, presentes na identidade cultural dos indivíduos.

Na memória histórica das instituições, bispos, padres e pastores são lembrados pelo trabalho, pela dedicação e pela colaboração prestadas às comunidades. Para compreender as marcas e vestígios da religiosidade é oportuno, rever a trajetória dos líderes religiosos que se incorporaram à vida das pessoas promovendo a crença religiosa.



Fotografia 38: Pe. Adolpho Rohl na Vila de Rondônia s.d.- arquivo Museu das Comunicação, Ji-Paraná.

Personagens religiosos se alternaram, constantemente, na evangelização dos moradores da Vila de Rondônia e dos povos indígenas da região. Um desses personagens reconhecido pelo notável fervor religioso foi o Padre Alemão Adolpho Rohl, retratado na Fotografia 38. São poucas as fontes que permitem detalhar e autenticar as ações deste clérigo na localidade.

Contudo, de acordo com informações publicadas na revista “Ji-Paraná e sua História”, em comemoração ao 34º aniversário de Ji-Paraná, presente no acervo da Biblioteca Municipal, o Padre Adolpho Rohl, chegou ao distrito em 1949, tornando-se uma das personalidades que mais contribuíram para que Ji-Paraná se alicerçasse como cidade de destaque no cenário estadual.

Entre as realizações que marcaram sua presença na localidade estão à construção da primeira capela do distrito, a escola Dom Bosco e ainda o Hospital Nossa Senhora Aparecida. Por meio de doações de parentes e amigos, da Alemanha, ele arrecadava recursos para promover melhorias para o distrito, durante uma época de muitas privações e desprovimento.

Sabe-se, contudo, que ele deixou o país de origem para se instalar em uma localidade cravada na floresta do recém-criado Território Federal do Guaporé, depois de passar por outros estados brasileiros. Quando aqui chegou fixou moradia à margem do Rio Machado, de onde partia para visitas aos fiéis e contatos para conversão de índios. Sua diligência no distrito é lembrada com apreço no texto da Revista Ji-Paraná e suas Histórias.

> Em pouco tempo, o padre passou a contar com a admiração e respeito dos moradores e se tornou uma referência local, passando a exercê-la sempre com muita autoridade entre as muitas pessoas que chegavam para a exploração do garimpo de diamantes. A palavra de Adolpho era tão respeitada que ele era chamado até para solucionar conflitos entre garimpeiros por causa da falta de autoridade policial (REVISTA JI-PARANÁ E SUAS HISTÓRIAS, 2011, p. 19).

Em outro trecho é apontada a dedicação do vigário na promoção da saúde dos moradores, na ocasião da vinda do primeiro aparelho de raio-X. O texto ainda acrescenta:

> Um dos acontecimentos de maior notoriedade envolvendo o padre alemão foi a vinda do primeiro aparelho de raio-X ao distrito. Doado por parentes na Alemanha, o equipamento deveria ser instalado no Hospital Nossa Senhora Aparecida, mas não foi o que aconteceu. O padre alemão enfrentou dificuldades na liberação de documentos pelas autoridades alfandegárias em Manaus, e ainda foi surpreendido com a incapacidade de a rede de energia elétrica funcionar o equipamento na unidade de saúde. Sem outros meios, o aparelho de raio-X acabou sendo levado para Porto Velho e o hospital anos depois foi vendido para o governo estadual (REVISTA JI-PARANÁ E SUAS HISTÓRIAS, 2011, p. 19).

Vários foram os deslocamentos para celebrações de casamentos, batizados, missas em outras comunidades, tendo o rio como principal acesso. A palavra do padre era tão respeitada que ele era chamado até para a solução de conflitos entre garimpeiros, por falta de autoridade policial no local. Uma de nossas entrevistadas (FI 01), que nasceu em Vila de Rondônia em 1925, foi testemunha dos trabalhos realizados pelo padre. Em depoimento, relata de forma genuína as ações que vivenciou. Conta que:

> O padre Adolpho andou muito nesse rio de barco; casando, confessando, crismando. Até uma vez o barco dele alagou e ele escapou por cima do galho. Foi ele que fundou a primeira igreja. Construiu a igreja atual e a anterior que era feita de madeira. Ficava onde é hoje o Teatro Dominguinhos, depois mudaram pra cima. Antes as missas eram nas casas das pessoas (FI 01).

Inferimos que ao recordar as ações realizadas pelo Padre Adolpho Holl, ocorridas a um período de tempo relativamente longo, a entrevistada indiretamente, destaca a relação

deste religioso com os fiéis e com as estruturas precárias, disponíveis naquele momento histórico para o exercício do sacerdócio.

Homenagens em ruas, avenidas e prédios públicos de muitas cidades rondonienses, ainda hoje marcam o reconhecimento por sua devoção religiosa e por suas inúmeras obras que levaram fé, educação e saúde aos moradores do distrito de Vila de Rondônia.

Ao analisarmos o depoimento sobre a perspectiva da memória, encontramos no pensamento de Maurice Halbwachs (1990), argumentos que reportam à identidade. Para o sociólogo, a memória coletiva define a identidade por meio da relação que o indivíduo institui com o outro. Assim como Halbwachs (1990), acreditamos que não existe memória pura, mas reconstituições do passado. O individuo seleciona do passado o que lhe interessa, lembrando os fatos que estão inseridos na estrutura social que pertence.

Fotografia 39: Fiéis segurando os tijolos que foram usados para a construção da primeira Igreja batista de Ji-Paraná, em 1965 (IFRO, 2013).

No cenário que tornou notório alguns líderes religiosos que atuaram no município, destacamos também o pastor Paulo Bellington, que desenvolveu seu trabalho evangelizador na formação da Igreja Batista. Na Fotografia 39, é o segundo da direita para a esquerda. Chegou à Vila de Rondônia em 1963, quando deu início ao trabalho de evangelização. Reunindo algumas famílias embaixo de uma mangueira promoveu conversões, aumentando paulatinamente o número de fiéis.

De forma desbravadora, o pastor Paulo Bellington, com a ajuda dos crentes convertidos deu continuidade ao ministério. Na imagem, os fiéis exibem tijolos, que foram utilizados para a construção da Primeira Igreja Batista de Ji-Paraná, em 1965. Naquele momento a edificação do templo representava uma conquista relevante para o grupo, ainda pequeno de fiéis, que contou com a liderança do pastor Paulo.

Fotografia 40: Casal de missionários Horst Stute e Annette Stute disponível em: http://www.novastribosdobrasil.org.br

Da mesma forma, o missionário e pastor Horst Stute, acompanhado de sua esposa Annette Stute visualizados na Fotografia 40, vieram para Vila de Rondônia, em outubro de 1964, participando da "Missão Novas Tribos do Brasil", objetivando o ensino religioso aos índios. Descendo o Rio Machado até a embocadura do Igarapé Lourdes chegaram à aldeia dos índios Gavião e iniciaram o processo de conversão. Trabalharam por 43 anos entre os índios Gavião. A fotografia foi obtida por meio digital, pelo senhor Crispim Bispo Reis dos Santos que conheceu o casal e os acompanhou em várias expedições de evangelização.

No sentido de reafirmar a presença desses missionários, em meio aos povos indígenas da região, as Fotografias 41 e 42 apresentam a missionária Annette Stute e seu esposo Horst Stute respectivamente.

Fotografia 41: Missionária Annette Stute com a filha em ação missionaria junto aos índios Gavião.(IFRO, 2014)

Fotografia 42: Missionário Horst Stute e filhos junto aos índios Gavião.(IFRO, 2014)

A pesquisa desenvolvida por Lediane F. Felzke (2014), junto ao programa de Doutorado em Antropologia Social da Universidade de Brasília, coletou informações que descrevem o primeiro contato do missionário Horst Stute com os indígenas:

> A interlocução inicial ocorreu com Xambete, jovem índio, que falava português razoavelmente bem devido à convivência com os seringueiros desde a infância. [...] Xambete lembra que quando viu aquele homem branco pela primeira vez imaginou tratar-se de um marreteiro, mais um dentre os inúmeros que percorriam os igarapés da região trocando mercadorias industrializadas por borracha ou por outros produtos da floresta coletados pelos índios. Ele ficou surpreso com a fala do missionário e a repetiu para mim: _ Eu não vim comprar pele, nem ouro, nem borracha, nem vender nada, eu vim falar pra vocês de Deus, vim mostrar uma vida muito melhor. Xambete não só o acolheu como o conduziu até outras malocas (FELZKE, 2014, p.6)

Desse momento, Horst Stute acompanhado da esposa e missionária Annette Stute inicia o trabalho de escolarização, enfermagem e linguística, com o propósito de encontrar um método para traduzir os conceitos cristãos para a linguagem indígena.

Fotografia 43: Bispo Dom Antônio Possamai no Teatro Dominguinhos em 1998 (IFRO, 2013).

Outro exemplo é o Bispo Dom Antônio Possamai, em destaque na Fotografia 43, que foi o primeiro bispo de Ji-Paraná. A imagem foi capturada no Teatro Dominguinhos, em 1998 e cedida por Rochy Lane Lima da Rocha. Na ocasião o pároco fazia reflexões junto aos fiéis sobre o verdadeiro sentido do Natal.

Durante 24 anos (05/06/1983 a 11/04/2007) dirigiu os trabalhos eclesiásticos na Diocese de Ji-Paraná marcados pela sensatez e espírito crítico. Atuava em defesa dos sem-terra, dos direitos humanos, dos povos indígenas da região e na defesa do meio ambiente. Seus sermões buscavam contextualizar a fé com as realidades amazônicas de exclusão. Por essa razão é sempre lembrado como um líder engajado em causas sociais das minorias.

Hoje, Dom Antônio Possamai, com 86 anos é bispo emérito e reside na paróquia São João Bosco de Porto Velho/RO. Continua difundindo o testemunho de esperança, dotado de cordialidade, comungando as dores e as alegrias do povo de Rondônia.

As ações desses líderes religiosos estão guardadas na memória dos fiéis e suas lembranças armazenadas em registros fotográficos. Alguns integrantes do estudo lembram as

ações de alguns dos líderes que compõem a história das instituições religiosas. Apontamos algumas falas:

> Dom Antônio era um padre que dava gosto de ouvir. Hoje eu sou crente, mas naquela época eu era católico. Eu sempre ia aos encontros que ele organizava, era bonito de se ver. Um homem que tinha sempre uma palavra amiga. Não desfazia de ninguém (FI 12).
>
> O pastor Paulo Bellington e sua esposa Dóris foram os desbravadores da nossa igreja. Chegaram à Vila de Rondônia para iniciar a evangelização nestas terras (LR 04).
>
> O Padre Adolpho é muito lembrado, meu pai contava que ele construiu escola, hospital, um monte de coisa. É difícil ter padre assim hoje! (FI 02)

Entendemos que os líderes religiosos são valorizados, por serem os responsáveis pela missão da formação evangelizadora dos cidadãos. Percebemos que as ações e pregações desses líderes impregnavam o ideário cristão, como mecanismo de controle social e cultural. Para os fiéis, apesar de todas as dificuldades que ainda poderiam encontrar, são considerados dignos de todo respeito, reconhecimento, admiração e obediência.

Os retratos desses líderes, inspiram a memória daqueles que doaram a vida, em anos de trabalho e dedicação à causa da instrução cristã. Dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, que levam em consideração as representações, entendemos que mesmo sendo retratos individuais, essas fotografias referem-se à identidade coletiva da cidade e convertem o sujeito em uma categoria institucional.

Assim, neste estudo, compreendemos que o ato de guardar fotografias de líderes religiosos é também uma forma de comprovar suas trajetórias e realizações. Como meio de recordação ou documentação da vida religiosa, como meio de informação e divulgação de fatos ou mesmo como instrumento de pesquisa científica, “a fotografia tem feito parte indissociável da experiência humana” (KOSSOY, 2001, p.155).

O sociólogo Max Weber (1999) apresenta em sua teoria, a preocupação em compreender o indivíduo e suas ações. Para ele, a sociedade se forma por um conjunto de ações de indivíduos relacionando-se reciprocamente. Esse autor parte do indivíduo e de suas motivações para compreender a sociedade como um todo.

A ação que leva um indivíduo a se associar, num corpo religioso, é um mecanismo para responder às angústias e sofrimentos, ou mesmo às condições de vida. Assim, os líderes religiosos, ao promoverem ações evangelizadoras e solidárias, acabam individualmente fornecendo um arcabouço ético pelo qual outros indivíduos/fiéis ordenam suas vidas e constroem suas identidades culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção apresentamos nossas considerações finais que partem da interpretação e análise das informações teóricas e dos resultados empíricos obtidos por meio das fotografias e entrevistas.

Pesavento (2005) defende que o historiador precisa ter interesse pelo tema pesquisado, mas, além disso, deve ter questões a propor, ideias a construir e explorar uma grande quantidade de fontes. Desta forma, procuramos desvelar o tema, buscando na memória do passado respostas para as inquietações do tempo presente. Quando nos deparamos com as fotografias resultantes das pesquisas desenvolvidas no IFRO acerca da História do Município de Ji-Paraná, fomos tomados por um momento de encanto, seguido de inquietações.

Persuadidos por essas inquietações e movidos pela curiosidade fomos levados a uma compreensão profunda das imagens fotográficas que nos motivou a explorar as manifestações religiosas e suas relações na formação identitária do município.

Contudo, esta pesquisa não se trata somente de uma análise para entender mais sobre as fotografias, enquanto produto do passado, mas a partir de um olhar analítico ser capaz de identificar e refletir sobre os comportamentos sociais, as relações estéticas ou simbólicas, registradas pelas fotografias, que neste estudo está caracterizado pela fotografia religiosa de Ji-Paraná.

As fotografias religiosas revelaram mais que um vestígio, mais que um testemunho, pois a intensidade imagética não pode ser redutível a palavras. Neste sentido este trabalho compreende uma ação de leitura de imagens religiosas, como tentativa de dar voz e explorar esses pedaços de cenas representados nos documentos fotográficos. Por conseguinte, o acervo reunido constitui, simultaneamente, um conjunto iconográfico e um espaço privilegiado de reflexão. As imagens carregam em si as marcas de um tempo vivido, de um tempo religioso munido de significação e de delineamento de identidade cultural.

A concepção de cultura e o entendimento das normas ligadas ao meio religioso são complexas e heterogêneas, mas substanciais para entender a progressiva dinâmica social que se materializa entre os indivíduos. Entendemos a cultura como uma soma de dimensões materiais e imateriais, que identificam um determinado grupo, que partilha das mesmas crenças.

Neste contexto, ao investigarmos a religiosidade afirmada nas representações fotográficas do município de Ji-Paraná, notabilizamos um código de conduta e práticas, que

caracterizam e expressam a identidade cultural de um grupo de sujeitos relacionados por religiões cristãs.

Percebemos que, por meio da religiosidade, as pessoas se reconhecem, identificam-se com simbologias comuns, incorporadas em costumes e tradições que remetem a um modo de vida singular. A relação estabelecida entre religiosidade e identidade cultural está implícita na existência do grupo.

Os elementos categorizados neste estudo: Templos, Eventos e Líderes Religiosos são dotados de um poder descritivo, pois neles estão inseridas convicções que expressam o modo de vida e a organização social destes indivíduos. Entretanto, não podemos esquecer que estes elementos estão sujeitos a constantes transformações, que são alcançadas onde determinada cultura está estabelecida.

Sabemos que as crenças sempre estiveram presentes nas variadas culturas dispostas no mundo, exteriorizadas em contornos diferentes de acordo com as tradições e ritos de cada grupo social. Desta forma, entendemos a religiosidade como um código fundamental. Na área dos Estudos Culturais, a religiosidade é um componente substancial, que neste estudo está materializada em códigos visuais: as fotografias, quando abstraídas por seus portadores.

Neste sentido, a Igreja, enquanto instituição é um elemento presente no cotidiano dos habitantes deste município, que atua também como recurso para delimitações políticas, sociais e econômicas. A religião como código cultural cria laços de união entre as pessoas.

Cabe ressaltar que tanto os depoimentos, como as fotografias apresentadas neste estudo indicam a religião como um componente impulsionador do desenvolvimento do município, pois foi por meio da força promovida pela fé e pelo apoio dos padres e pastores, que ajudaram na organização da comunidade e também no planejamento familiar, que o município se estabeleceu. Não descartamos os fatores econômicos e políticos, mas entendemos que a fé foi elemento para justificar as conquistas associada a esses fatores.

Os Templos como tópicos centralizadores foram construídos na praça central da cidade, na avenida principal ou em pontos estratégicos da cidade, expressando a importância da fé na construção histórica do município.

Toda estrutura organizacional do município foi construída ao redor dos templos. Mas, não podemos deixar ocultos os interesses econômicos e políticos que constituíram os domínios territoriais em solo amazônico. A obediência religiosa foi também um componente disciplinador das relações sociais, a fim de garantir a implementação de tais interesses.

A religiosidade também se expressa no cotidiano destas pessoas, transversalmente os eventos religiosos que participam e das práticas sacramentais que adotam. Tal fato contribuiu

para a fixação deste povo na localidade, criando uma identidade cultural, a qual foi e continua sendo transmitida, atravessadamente entre gerações, juntamente com os princípios e os valores cristãos. Entre o conjunto de fatores sociais e culturais evidenciados nas fotografias, a fé revela tanto aos indivíduos quanto a coletividade.

Ao mesmo tempo, certificamos que as entrevistas aplicadas foram condizentes com a pesquisa, expressaram a realidade, os sentimentos e as experiências de fé dos sujeitos da pesquisa, que refletem o pensamento dos fiéis em relação aos templos, eventos e líderes religiosos.

Destacamos, também, que este trabalho, além do cunho científico, foi relevante pessoalmente, pois muitas informações foram acrescentadas no que se refere ao uso da fotografia enquanto documento e as relações estabelecidas entre memória, identidade e cultura. Tal fato, além de auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa, enriqueceu os conhecimentos desta pesquisadora, enquanto cidadã e professora de História.

Aliamos a isso, a emoção das pessoas ao lembrarem a história da localidade e os momentos vividos. A atenção e disposição dos sujeitos envolvidos durante as entrevistas foram gratificantes e enriqueceram a pesquisa, além de propiciarem a aproximação entre cultura, religiosidade e desenvolvimento da dissertação.

Desta forma, podemos inferir que os objetivos propostos foram atingidos, uma vez que, procuramos destacar a influência da religiosidade na identidade cultural no município de Ji-Paraná, sendo representada e analisada a partir de documentos fotográficos originários dos álbuns familiares dos moradores.

Durante as entrevistas observamos que as fotografias foram ativadoras de emoções e, às vezes, de silenciamentos, por parte dos participantes da pesquisa. As imagens e a memória, entendidas neste estudo como fonte, foram adquirindo valor e diversidade que nos auxiliaram na compreensão de como a religião foi e ainda é vivenciada pela população, entendendo dessa maneira como os templos, as pessoas, os ritos e práticas representadas nos documentos fotográficos eram praticados e abstraídos.

Há na constituição das instituições religiosas que analisamos espaços de tradição e história, que estão inseridos no imaginário dos fiéis. A instituição desses espaços de referência colabora para o fortalecimento da ideia de pertencimento, além de ser também uma estratégia de controle social e manutenção da fé entre os cristãos.

Acreditamos que há um campo de dimensões testemunhais e documentais em que a fotografia está inserida. Este necessita ainda de uma maior consolidação, no que se refere ao arcaboiço teórico e analítico das teorias da imagem. Neste sentido, Marc Bloch nos alerta que

“[...] a História, não esqueçamos, ainda é uma ciência em obras” (BLOCH, 2002, p.151), e que cabe a nós colocarmos mãos à obra, para realizá-la, da maneira mais sublime e adequada possível. “Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como a ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro for fraternal” (BLOCH, 2002, p.128).

Ao darmos visibilidade às memórias pessoais, intrínsecas na fotografia, atribuindo a elas valor de fontes documentais, encontramos informações históricas e culturais pertinentes a esta investigação. Neste contexto, concluímos que este estudo revelou uma possibilidade de pesquisa proveniente dos álbuns familiares, detentores de um potencial de fonte de pesquisa incalculável, que pode ser revelado por investigações, não somente no campo religioso, mas em outros aspectos, como por exemplo: o civismo dos desfiles de 7 de Setembro praticados anualmente em Ji-Paraná ou a relação dos homens, frente às enchentes, tão comuns no município, que se encontram registradas em fotografias particulares (Gráfico 1).

É também necessária a valorização da memória presente nos documentos fotográficos por parte das instituições públicas, no sentido de levantar e reproduzir as imagens históricas do cotidiano dos munícipes e, a partir delas, organizar um acervo que preserve a identidade cultural, que estão intrínsecas à saga daqueles que colonizaram o município e promoveram o desenvolvimento observado nos dias atuais.

Ao finalizar este trabalho é fundamental destacar que não pretendíamos esgotar o assunto nas argumentações apresentadas e, por isso, recomendamos que futuros trabalhos possam: dar continuidade a presente pesquisa, de forma a (i) destacar a relevância dos documentos fotográficos como mecanismo de informação para a compreensão histórica e cultural e (ii) investigar a religiosidade como elemento de formação, controle e manutenção social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Amar se aprende amando*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1997

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARTHES, R. A mensagem fotográfica. O óbvio e o obtuso: ensaios críticos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

BARTHES, R. A Câmara Clara. Notas sobre fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro : Zahar, 2006.

BERGER, P. O dossel sagrado. Elementos paa uma teoria sociologica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

BIBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BLOCH, Marc Léopold Benjamin. 'Apologia da História, ou o Ofício do Historiador'; tradução: André Telles, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2002.

BOSI, E. Memória e Sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, P. Photography: A Middle-Brow Art. Stanford: Stanford Univ., 1990.

BOURDIEU, P O poder simbólico. Lisboa, Difel, 1989.

BOURDIEU, P.Un Art Moyen 2.ed. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.

BOURDIEU, P., & Bourdieu, M.-C. O camponês e a fotografia. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, PR, fascículo 26, jun. 2006.

BRASIL. Presidência da República. Constituição (1937). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov. br/ccivil_03/constituicao/Constituicao34.htm>. Acesso em: 24 jul. 2014.

BRASIL. Presidência da República. Constituição (1988). Disponível em: <http://www.planalto.gov. br/ccivil_03/constituicao/Constituicao88.htm>. Acesso em: 24 jul. 2014.

BRASIL. Lei 6448 de 11/10/1977, que dispõe sobre a organização política e administrativa dos Municípios dos Territórios Federais, disponível em: http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128389/lei-6448-77. Acesso em: 21/01/215

BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geeografia e estatística. Censo 2010/ religião. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao. Acesso em: 19/01/2015.

BURKE, P. (2004). Testemunha ocular: história e imagem. Bauru: EdUSC, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias de entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARDOSO, C. F., & MAUAD, A. M. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: R. V. (org), Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARTIER-BRESSON, H. O momento decisivo. In: M. C. (org), Fotografia e Jornalismo (pp. 19-26). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes (USP), 1971.

CASTORIADIS.C. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHARTIER, R. A história cultural - entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. Textos, Impressões, Leitura. In: L. Hunt, A nova histórial Cultura (pp. 211-238). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHARTIER, R. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1995.

CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens*: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CLOUTIER, S. Une nouvelle éthique en rupture avec la tradition. La conversion des Indiens Zoró à l'évangélisme de la Mission Nouvelles Tribus. Dissertação de mestrado. Montréal: Université de Montréal, 1998.

CORRÊA, R. L. O urbano e a cultura: alguns estudos. In. CORRÊA, R. L., 2006.

DAL POZ, J. Cosmologia e Religião - Os Zoró.2009. Artigo disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/zoro/2067, acesso em: 21/01/2105.

DEL PRIORI,Mary. Religião e religiosidade no Brasil Colonial. São Paulo, Ática, 1997.

DUBOIS, P. O ato fotográfico.Trad. marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1994.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FELZKE, Lediane F. Deus e Zagapóhj na terra dos Gavião: um encontro de cosmologias e seus desdobramentos. Projeto de doutorado em Antropologia Social da Universidade de Brasília, UNB, 2014.

GIDDENS, A. Sociologia. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Ed. Atlas,2009.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. A identidade Cultural na Pós-modernidade 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Unesco, 2003.

HECK, E. , LOEBENS F. E CARVALHO, P. D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. *Estud. av.*, Abr 2005, vol.19, no.53, p.237-255. ISSN 0103-4014

HUGO, V. Desbravadores. Humaitá, 1959.

HUNTINGTON, S. P. O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

IFRO – Instituto Federal de Rondônia. A imagem vale mais que mil palavras. Banco de imagens fotográficas do projeto de pesquisa PIBIC EM: A fotografia no Ensino de História. 2013. fotografias.

IFRO – Instituto Federal de Rondônia. A imagem vale mais que mil palavras. Banco de imagens fotográficas do projeto de pesquisa PIBIC EM: Fatos e Fotos. 2014. fotografias.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. ArtCUltura,Uberlândia, vol. 8, n. 12, jan-jun, 2006, p. 97-115.

KOSSOY, B. Realidades e ficção na trama fotográfica. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, B. Fotografia & História. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, B. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

KRAUSS, R. O Fotográfico. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.

KÜNG, H. Introdução: O debate sobre o conceito de religião. Concilium vol 202, 1986, p.5-10.

LACERDA, A. L. Os sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais. Rio de Janeiro vol.2. Acervo, 1993, p. 41-54.

LAVELLE, P. O espelho distorcido: imagens do indivíduo no Brasil oitocentista. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. História de lince. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

LE GOFF, J. "Documento/monumento", In: Meemória-História, Enciclopédia Einaudi, vol.I. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

LE GOFF, J. História e Memória. Tradução: Bernardo Leitão. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, A. A Amazônia, a terra e o homem. Col. Brasiliana, vol. 104, São Paulo. Cia. Editora nacional, 1975.

LOUREIRO, J. de J.P. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Belém:CEJUP, 1995.

MANINI, M. P. Análise documentária de fotografias: um refencial de leitura - Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universid. São Paulo: USP, 2002.

MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo: Contexto, 2009.

MARX. Karl. Contribuição à critica da economia política. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

MAUAD, A. M. Fotografia e história, possibilidades de análise. In: M. Ciavatta, & N. Alves, A leitura de imagens na pesquisa educacional: História, comunicação e educação (pp. 9-36). São Paulo: Cortez, 2008.

MATURANA, H. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte, MG: UFMG,1998.

MENESES, U. B. A problemática da identidade cultural no museus: de objetivo (de ação) a objetivo (de conhecimento). São Paulo: Anais do Museu Paulista - Nova Séria. v.1., 1993.

MENESES, U. B. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares: o ofício do historiador. Revista Brasileira de História, 2003, p.11-36.

MINAYO, M. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL. Testemunho dos missionários Horst Stute e Annette. Publicado em 17/08/2012. Disponível em: http://novastribosdobrasil.org.br/artigos/testemunho-dos-missionarios?start=18. Acesso em fevereiro de 2015.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL. Nisto cremos. Disponível em: http://novastribosdobrasil.org.br/quem-somos/nisto-cremos. Acesso em dezembro de 2014.

NEVES, Abel. A caminho de Ji-Paraná, Gráfica e Editora Regional. Brasília, 1985.

NOLASCO, S. R. Patrimônio Cultural Religioso: A herança portuguesa nas devoçoes da Cuiabá colonial. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Em: Projeto História. nº 10, 1993.

OLIVEIRA, E. M. Dissertação de mestrado"Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital", 2003. Acesso em 2014 de novembro de 22, disponível em www.bocc.ubi.pt: http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital-pd

ORTIZ, Renato (org) Bourdieu - Coleção Grandes Centistas Sociais. nº 39. São Paulo, Ática, 1983.

PACE, E. Narrar Deus: a religião como meio de comunicação. Revista Brasileira de Ciencias Sociaisv. 24, n.70, 2009, p.9-15.

PANOFSKY, E. Singnificado nas artes visuais. Tra. Maria Clara F. Kneese e J. guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & história cultural. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 132p.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Em: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 02, nº 03, 1989.

REVISTA JI-PARANÁ E SUAS HISTÓRIAS. Org. Jairo Ardull. Sagrada Missão de Evangelizar. Revista Ji-Paraná e suas Histórias. Ji-Paraná, p.19-20, 2011.

RICHARDSON, R. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSENDAHL, Z. Sagrado e Espaço: conceito do sagrado (org) Espaço e Religião uma Abordagem Geográfica, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, NEPEC; 1996, p. 92.

SAMAIN. Etienne. O fotográfico. São Paulo. Editora SENAC. 2005.

SANTOS, Milton. O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002, 221 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 30.ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico, 23 ed. rev. e ampli., São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Denise T. Imigração e Gênero: construções identitárias revelada pela fotografia. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade Vale do Rio dos Sinos, 2008.

SILVA,Edna e MENEZES, e Estela. Metodologia de Pesquisa e Elaboração de Dissertação. Florianópolis. Universidade federal de Santa Catarina - UFSC, 2001.

SMIT, J. W. "A análise da imagem: primeiro plano". In: J. W. Smit, Análise documentária: a análise da síntese. 2. ed. (pp. 101-113). Brasília: IBICT, 1989.

SONTAG, Susan. Ensaios sobre fotografia. Lisboa. Dom Pixote, 1986.

SOUZA, Valdir Aparecido de. Rondônia, uma memória em disputa. Tese de doutoramento em História pela UNESP – Assis, 2011.

SOUZA, Valdir Aparecido de ; DANTAS, Hélio. História Regional: experiência, subjetividade e escrita histórica em Vitor Hugo. Labirinto (Porto Velho) , v. 7,2005, p. 4.

SOUSA, J. P. História crítica do fotojornalismo ocidental. Chapecó: Griphos, 2004.

SOUZA, Laura de Mello. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TAGG, J. The Burden of Repre sen- tation: Essays on Photographies and Histories. Basingstoke: Macmillan, 1988.

TEIXEIRA, Marco Antônio D. FONSECA, Dante Ribeiro. História regional: Rondoniana. Porto Velho, Rondônia, 2ª edição, 2001.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. Projeto de História. São Paulo. Vol. 15, p. 51-84, 1992.

TREND, D. (1992). Cultural Pedagogy. New York: Bergin & Garve, 1992.

TRIVINÕS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação, São Paulo: Atlas, 1987.

TURAZZI, M. I. Uma Cultura Fotográfica. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília: Iphan, n.27, 1998.

VILHENA, J. Os Pioneiros: Urupá, Presidente Pena, Vila de Rondônia e Ji-Paraná. Ji-Paraná: Empresário Luis Bernardi, 2005.

WEBER, Max. Economia e Sociedade. Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília, 1999.

WEBER. Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 2 ed. São Paulo: Pioneiro Thamson Learnin, 2005.

WILLIAMS, R. Palavras-chave. São Paulo: Boitempo, 2007.

APÊNDICE A – FICHA DE AVALIAÇÃO DA FOTOGRAFIA

MODELO - Ficha de avaliação da Fotografia

CATEGORIA:	**NÚMERO:**

NOME:
DESCRIÇÃO:

LEGENDA:
DESTAQUE:
PALAVRAS-CHAVE:
RESUMO:
HISTÓRICO:

LOCAL:	
DATA:	**HORA:**
LOGRADOURO:	**BAIRRO:**
PESSOAS QUE ESTÃO PRESENTES NA FOTO:	
AUTORIZAÇÃO:	

Créditos

AUTOR:
FONTE:
PRODUÇÃO:
OUTRAS OBSERVAÇÕES:

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA
***CAMPUS* JI-PARANÁ**
Rua Rio Amazonas, 151, Bairro Jardim dos Migrantes, Ji-Paraná-RO — 76.900-730
Fone: (69) 3421-5045 — www.ifro.edu.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu_____,CPF_____,
RG_____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, por meio de consentimento livre e esclarecido, AUTORIZO, através do presente termo, o IFRO (Instituto Federal de Rondônia) a utilizar meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros. Ao mesmo tempo, libero a utilização das imagens, fotografias e depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, vídeos e slides), em favor dos pesquisadores vinculados a esta instituição.

Ji-Paraná, __ de _____ de 2013

_____
Sujeito da Pesquisa

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

QUESTÕES NORTEADORAS USADAS NAS ENTREVISTAS COM FIÉIS DO MUNICÍPIO. (CATÓLICOS E EVANGÉLICOS)

1) Identificação: Nome, profissão/função, tempo em que reside no município (natural de qual Estado), religião e idade.

As fotografias que estamos analisando neste estudo em sua maioria representam os templos, os eventos religiosos e os líderes das igrejas do município. Desta forma gostaríamos de saber:

2) Qual o significado do templo/igreja para você?
3) Com que frequência você vai ao templo?
4) Para você, qual o papel que o líder religioso possui na vida dos fiéis/crentes?
5) Como você vê o trabalho exercido pelo líder religioso?
6) Qual a importância dos eventos religiosos (batismo, missões, encontros, cerimônias, festas) na sua vida ?
7) Você possui fotografias que registram momentos ligados à fé. (batismos, festas religiosas, cerimônias, pessoas, igrejas, etc) Qual a importância dessas fotografias para você? O que elas representam?
8) Considerações. (momento também destinado ao agradecimento aos entrevistados)

QUESTÕES CONDUZIDAS NAS ENTREVISTAS COM LÍDERES RELIGIOSOS DO MUNICÍPIO (PADRES E PASTORES)

1) Identificação: Nome, profissão/função, tempo em que reside no município e idade.
2) Em nossa pesquisa tivemos acesso a um significativo número de fotografias ligadas a religiosidade dos moradores de Ji-Paraná. A que se deve, segundo o seu ponto de vista, a necessidade dos indivíduos de guardar fotografias relacionadas às práticas religiosas?
3) Notamos em nosso estudo várias fotografias de templos/Igrejas. Baseado na sua experiência, qual o significado que os fiéis dão ao templo religioso?
4) Fotografias de líderes religiosos também foram evidenciadas em nossa pesquisa. Para você, qual o papel que o líder religioso representa para os fiéis?
5) Como você define sua relação de líder religioso com os fiéis?
6) Os eventos religiosos estão presentes nas fotografias que estamos analisando. Na sua opinião, qual a importância dos eventos religiosos (batismo, missões, encontros, festas) na vida dos fiéis?
7) Na sua percepção qual ou quais eventos religiosos são mais lembrados ou registrados pelos fiéis?
8) Considerações. (momento destinado ao agradecimento aos entrevistados)

APÊNDICE D – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS
MESTRADO ACADÊMICO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,_____ portador (a) do Registro de Identidade (ou outro documento), nº _____, concordo em participar da pesquisa Intitulada: "FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: A INFLUENCIA DA RELIGIOSIDADE NA IDENTIDADE CULTURAL NO MUNICÍPIO DE JI-PARANÁ – RO" objeto de estudo da mestranda **Mônica do Carmo Apolinário de Oliveira**, da Universidade Federal de Rondônia, sob orientação da Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno, do Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais.

Assim, tenha conhecimento que:

1. A participação do senhor (a) na pesquisa será respondendo uma entrevista semi-estruturada e questionário objetivo;
2. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo;
3. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área dos Estudos Culturais;
4. Os resultados da pesquisa serão destinados exclusivamente à elaboração de trabalhos de pesquisas e/ou publicações científicas em revistas nacionais ou internacionais;
5. Fica assegurada ao senhor (a) a possibilidade de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, ou mesmo recusar-se a responder perguntas que lhe cause constrangimento, sem nenhum prejuízo à sua pessoa;
6. Fica assegurado uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao participante da pesquisa;
7. A leitura dos itens da pesquisa será feita pausadamente e em tom de voz alto e com esclarecimento de dúvidas quando necessário;
8. Fica esclarecido que o senhor (a) não receberá nenhuma remuneração por estar participando da pesquisa;
9. Caso o senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode entrar em contato pelo telefone: (69) 92574375 email: monica.oliveira@ifro.edu.br.

A assinatura a seguir representa o meu aceite em participar do estudo, bem como fica assegurado minha privacidade de acordo com a Resolução 196/96 da CONEP, que regulamenta a realização de pesquisa envolvendo seres humanos.

Ji-Paraná, ___ de _____ de 2015.

_____ _____

Mônica do Carmo Apolinário de Oliveira Assinatura Participante)

Pesquisadora